

D A N K A M A I A

Os Avisados



Você Quer Ser o Próximo?



PERIGOSAS

Os
Avisados
Por
Danka Maia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Porque eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei voltar do cativeiro o meu povo Israel, e de Judá, diz o Senhor; e tornarei a trazê-los à terra que dei a seus pais, e a possuirão. Jeremias 30:3

Obra Registrada: 1703071070307

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Prefácio

Não vou me fazer de rogado.

Sei exatamente por que estou escrevendo esse prefácio. Assim como sei os motivos de ter uma relação de amizade com Danka, mesmo separados por uma distância que faz seus quase mil e setecentos quilômetros. Mas o que é a distância para um sentimento, quando este é dado por Deus? Essa é uma das questões que vocês, caros leitores, irão descobrir em Velha Esperança.

“Os Avisados” não é uma mais uma leitura na sua vida, é a leitura. A história começa em um determinado ponto de encontro, um trem, onde Guto e Morgana terão uma surpresa, um acidente e outra surpresa que mudará totalmente as suas vidas.

O conto discorre em um vóte, onde os personagens terão a oportunidade de encontrar nos habitantes de Velha Esperança, os espelhos da alma. Situações e aprendizados que os farão refletir o que lhes falta, o que lhes cabe e o que lhes sobra nesta vida. Guto é ateu, Morgana é professora. Ambos possuem conhecimentos específicos que os ajudarão a descobrir os mistérios da cidade em que foram levados.

A idiossincrasia das pessoas da pequena vila em relação as regras do local, faz com que o ambiente permaneça em sombras. Por que os habitantes se negam a lutar contra aqueles que lhes trazem a morte? Uma morte avisada é melhor? Ali não existe a coincidência e nem o acaso. Tudo é planejado, e existe uma força maior por trás disso.

As revelações chagam como chuvas de primavera, banham e refrescam, levando a poeira que paira em dias de muito sol. As batalhas transformam a vida de Guto e Morgana, eles enfrentaram pela última vez o inimigo causador de todo o desarranjo de um passado malfadado e terão a oportunidade de embarcar no trem novamente, a única saída de Velha Esperança.

Esta leitura lhe resgatará da sua vida e lhe levará à descobertas que – talvez – não sejam o seu foco de atenção agora, mas que são as mais importantes no caminhar de todo ser que habita este mundo. Você quer uma prova de que Deus

existe? Sim? Então sinta-se convidado a ler este livro e descobrir onde ele habita.

Mas lembre-se: “Todo sentimento é posto à prova”.

Não tente parar o trem!

Dan Rebouças

Salvador, 20.01.16, 23:33h.

Apresentação

A viagem a Velha Esperança, foi uma das
NACIONAIS - ACHERON

experiências mais cativantes que tive em minha jornada. Digo isso não apenas em termos literários, mas também, por ter sido algo marcante em minha vida. Nesta obra a autora Danka Maia nos faz refletir sobre a vida e seu significado, nossas atitudes, nossos erros e sobre nós mesmos.

Sabemos que a perda é inevitável, mas quando sabemos a data e a hora exata mudamos nossas atitudes? Olhamos as coisas ao nosso redor de modo diferente? Esse será o tipo de pensamento que você terá ao ler Os Avisados.

A história de Augusto e Morgana envolvem questões como: É possível um ateu formado em Física Quântica acreditar em Deus? Seria possível Morgana ser capaz de perdoar uma traição? Seria aquela a chance de suas vidas? E por que suas vidas se cruzariam novamente em Velha Esperança?

Venha desvendar o mistério de Velha Esperança se emocionar, refletir e sentir essa obra com o seu real significado!

Boa
Viagem!

Ana Júlia Alegria

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

A Autora,

Se puder fazer um pedido a você caro leitor, peço que leia Os Avisados com a mente e o coração abertos, pois para escrevê-lo precisei das mesmas atribuições. Dizem que toda história tem dois lados. Antes eu cria também, agora vejo que estava errada. Toda história tem no mínimo três lados:

O primeiro: é de como tudo aconteceu.

O segundo: de como os outros acreditam que aconteceu.

O terceiro: é como deveria ter acontecido.

Eu escrevi como aconteceu, você descobrirá as respostas para os outros dois lados. E se eu puder lhe dar um conselho, digo: Mais de uma vez tenho ouvido Deus dizer. Que todo Poder é Dele e o amor, também.

Danka Maia

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Capítulo I

NACIONAIS - ACHERON

As expectativas

Recostada com a cabeça na janela do ônibus, Morgana ia meditando pelo que a aguardava. Na verdade, a moça de vinte e seis anos de idade, de estatura pequena e peso acanhado, cabelos longos e encaracolados camuflados por um coque típico de sua religião, pele morena, olhos esverdeados e boca pequena agora mordiscada por uma leve ansiedade ia tentando recordar-se qual fora o ponto de sua vida que a levara até aquele momento: Uma viagem no Expresso do Oriente. Ela sabia que certas viagens de trem costumam causar sensações nostálgicas em passageiros de todas as nacionalidades, sobretudo entre viajantes que não contam com uma malha ferroviária tão completa quanta as encontradas em território europeu. Ainda mais ela sendo uma típica brasileira nascida e criada na região dos lagos, mas especificadamente em Saquarema. Cidade onde o mar é sempre o melhor e único dos conselheiros de todas as horas. O Velho Continente, dono de mais de 200 mil km de vias sobre trilhos, é um daqueles destinos ideias para quem procura a experiência de ter, do lado de fora da janela do trem, o cenário bucólico do interior, naturalmente, cenográfico de países alpinos e de outras geografias da Europa e tudo isso ofertado para uma mera Professora de História do Ensino Fundamental por meio de uma promoção da qual nem se lembra bem quando foi que se inscrevera nela. E ao pensar nisso, a jovem outra vez desatou a retirar do bolso

do sobretudo o tal envelope verde que lhe foi enviado com a passagem com tantas garantias. Pensou que nunca é demais certificar-se de que poderia estar sonhando ou fazendo parte de um grande equívoco, afinal, apenas dois foram os contemplados para essa viagem dos sonhos dos meros mortais. Embarcaria no clássico Orient-Express em Paris para realizar uma das viagens mais famosas a bordo de um ícone dos trilhos. Era inevitável não sentir uma aflição que lhe tomava aos poros e comichava a boca assim como a perna esquerda que não parava de *quicar* contra o solo do ônibus. Sobre o roteiro, além de muita sorte tinha descoberto através de pesquisas que a linha era operada sob o nome Venice Simplon-Orient-Express, a travessia entre Paris e Veneza tinha a duração de uma noite e percorre os 800 km entre a capital francesa e a cidade italiana famosa por seus canais. No trajeto, o passageiro ainda poderia colecionar paisagens do interior de países como a Suíça e a Áustria. No entanto, foi depois de um breve suspiro que Morgana notou que algo mais barulhento e inquietante jazia dentro dela. Recordou-se de que havia quatro meses da morte de Artur, seu esposo. Do que havia sido o penoso casamento com ele por longos dez anos sem filhos. Os filhos não vieram por falta de vontade e muito menos por falta de cobranças esdrúxulas da parte da família e da igreja, que no seu caso tornava-se uma só, uma vez que seu pai era também seu pastor. Morgana nascera, crescera, vivera, morrera e casara dentro do templo. E sim, não se espante com o verbo morrera, mas isso ponderou deixar no passado. Às vezes quando nos indagam sobre o mesmo, a melhor resposta

é sim: “Sobre meu passado, não sei, não vivo mais lá.” Porém uma coisa é o que se deve e até reconhecemos que precisa ser feito, outra bem diferente é como de fato a vida se apresenta e nos impõe limites, questionamentos e principalmente a vivência solitária de questões mal resolvidas. São fantasmas que vagam e perambulam em nossa mente em lugares que nem nós mesmos nos atrevemos ir. Tudo isso fervilhava dentro daquela menina. Foi quando de repente um senhor veio avisá-la que a parada na qual ela deveria descer **se** aproximava. Cordial ele a ajudou desembarcar com sua mala e a mochila e num aceno simpático voltou para dentro veículo.

De longe, viu a plataforma de embarque. Afligiu-se um pouco pelo seu inglês arranhado e a certa falta de paciência dos franceses com quem não falam seu idioma em suas terras. Contudo, no máximo aceitou uma frase ou outra truculenta e novas tentativas para achar seu local de embarque. Mas para seu espanto ao se aproximar, notou que um homem alto, cabelos negros, óculos gritantes e sorriso fácil já a aguardava com uma placa onde estava seu nome completo: Morgana Colares. Espanto maior foi quando ele a saudou em português.

– Bom dia senhorita Colares! Espero que tenha feito uma boa viagem até aqui, pois certamente a melhor viagem de sua vida está para começar. E a propósito, meu nome é Sinval de Patrese, serei seu condutor no Expresso do Oriente.

Ainda aturdida pela bela recepção, a jovem deixou a

NACIONAIS - ACHERON

mala no chão e estendeu sua mão para encontrar com a de Sinval.

– Muito obrigada, senhor Patrese! – sorriu.

– Sinval, por gentileza. Apenas Sinval. Permita-me que a ajude com suas bagagens. – Morgana voltou a sorrir encabelada com tanta simpatia. – Peço que me siga senhorita Colares.

– Ah, pode me chamar de Morgana. Eu insisto. – Tentando retribuir tamanha gentileza.

O espanto se deu minutos depois de tantas curvas e retas. O local de seu embarque estava completamente vazio. Sem ninguém, sem nada, somente um raio de sol que teimava com a neve, o que a fez retrucar ao condutor:

– Tem certeza que estamos na plataforma certa?

– E por que não estaríamos, senhorita Morgana? – Devolvendo com outro riso fácil e uma pergunta. O que fez a moça apanhar mais uma vez sua passagem e certificar-se de todos os detalhes e ao notar sua constatação, Sinval replicou:

– A julgar pela decepção de seus olhos, parece que eu estou certo, não é?

– Desculpe. – Percebendo o quanto o gesto fora mal-educado. – Não foi minha intenção duvidar de sua pessoa...

– Não se desculpe. Sua reação é completamente aceitável e justificada, afinal de contas a senhorita encontra-se

num país estrangeiro, cultura e pessoas diferentes. Fez bem, esse seu senso de desconfiança na verdade é sua melhor defesa.

E por uma fração de segundos, aquele comentário pareceu ser de alguém que a conhecia de longo tempo, porque realmente ser desconfiada fazia parte de sua natureza.

– A senhorita vai se encontrar com a outra pessoa em poucos minutos. Soube que ele também já está sendo conduzido para cá. Peço sua licença para ir até a cabine, logo retorno para embarcá-los e mostrar-lhes o seu camarote.

A Morgana, restou sorrir como agradecimento.

Instantes depois uma brisa gélida e célere cortou da porta do nariz da jovem até a altura dos seus joelhos levantando de forma inesperada e faceira a saia de seu vestido floral de fundo branco.

– Segure a saia! – Alguém sussurrou por trás dela.

Houve silêncio dentro dela, contudo, se virou e ao ver de onde partira tal comentário, abaixou a cabeça e ignorando totalmente a pessoa, lançou o olhar sobre Sinval e o questionou:

– Suponho que agora poderei embarcar?

– Sim, senhorita. Ambos, aliás, a senhorita e o senhor Augusto Barreto.

– Como vai? – Cumprimentou-a erguendo a mão direita

e sendo timidamente retribuído.

– Bem... – disse Sinval juntando as mãos frente ao paletó. – Apresentações feitas creio que devemos entrar no Expresso do Oriente. Ele os conduziu pelo vagão mostrando os ambientes requintados do lugar. Era uma atmosfera retrô anos vinte ou trinta. Muito vermelho e sobretons do mesmo. Muito veludo, camurça e dourado. Ao chegar de frente para uma das portas, arrumou-se e abrindo-a ergueu a mão de modo suntuoso e lhes disse:

– Seu camarote, senhores.

Morgana simplesmente adiantou sem soletrar nenhuma letra. Jogou as malas sobre um sofá pequeno e bem alinhado no mesmo estilo da decoração e rapidamente abordou junto à janela do vagão. Restou a Augusto agradecer a Sinval que prontamente se pôs à disposição para qualquer eventualidade e saindo em seguida. O rapaz do alto de seus 1,90m, pele negra, cabelos e olhos castanhos, de porte atlético no auge de seus trinta anos, arrumou cuidadosamente seus pertences, que não eram muitos, somente uma mochila e um casaco, e em seguida sentou-se na outra ponta da cabine, ficando assim na janela oposta à dela. Puxou um livro dobrado e com muitas orelhas do bolso de trás da calça e depois de uma breve tosse se colocou a lê-lo.

Morgana estava visivelmente irritada, não sabia bem o que pensar e como explicar tudo aquilo. A pergunta que a dominava era: “– Como assim?”. No entanto, optou pelo

silêncio ao contrário de Guto, que apesar de fazer a mesma indagação, não via como jogar aquele livro para o alto e questionar todo aquele entrevero.

Eles faziam bem mais que parte da vida um do outro. Eles se faziam parte de si mesmos. Havia crescidos juntos. Foram amigos de infância, onde um amor que parecia ser para sempre brotou com tanta força intransponível, imbatível, mas que no final, não passou como uma grande decepção para um deles e para outro a maior revolta de sua vida.

Ele rompeu o silêncio com uma frase no mínimo conflitante:

– Quanto tempo mais sem nos falar?

Morgana nem ergueu o olhar, continuou firme e muda. Guto passou a mão pelo rosto e atirando o livro na outra poltrona ironizou:

– Tão típico de você, Morgana. Sempre amou acaloradas discussões, se não me engano, a maioria começou de você.

Ela permaneceu imóvel. Já ele...

– Soube que o maravilhoso Artur empacotou. Foi comer capim pela raiz. Embora eu creia que ele durou muito para o vagabundo que era, quero lhe deixar claro que sou educado o bastante para dizer que sinto muito. – Refazendo o laço do cadarço do sapato de marca. – Sua família deve estar aos prantos desde que se deu tão nobre partida, aliás, já te

arrumaram outro maravilhoso futuro marido? Porque se for o caso...

– Cala a boca!!! – Ergueu-se imponente.

– Enfim, uma reação. Achei que a terceira Lei de Newton ia cair por terra com você. Ainda bem que ele não precisará se chacoalhar no caixão, toda ação ainda causa uma reação. – Sendo sarcástico aos poros uma vez que também era físico formado por bolsa de estudo fora do Brasil, na Alemanha mais especificamente.

– Como você é desagradável, Augusto! – Sentando-se novamente e dando-lhe as costas.

– Eu desagradável? Eu? – Essa foi a maior piada dos últimos cinco minutos. Melhor, a segunda, a primeira foi arrumar essa viagem para nós dois nesse Expresso do Oriente. – O que a enfezou de vez:

– Por acaso está achando que eu, Morgana Colares arrumei tudo isso aqui para viajar com a sua pessoa? – Pondo as mãos na cintura. – Mas você não tem noção de espaço mesmo!

– Morgana Colares? Esse era o altivo sobrenome do Artur? Bom se ele morreu poderá voltar a usar Morgana Rebouças. O que sem sombra de dúvidas lhe cai infinitamente melhor!

– Basta! Chega! Ouviu? Não quero mais escutar um fonema vindo da sua boca! – Isso só pode ser uma piada! –

Ergueu os braços aos céus como quem cobrava algo do Destino.

– A morte do Artur? – Ironizou Guto. Após o rompimento de um noivado de três anos com Morgana, que findou no dia do casamento pela revelação de uma traição dele com Lana, sua melhor amiga, e uma gravidez não planejada, o moço que até então era tão devotado à sua religião quanto Morgana, filha de pastores, criada para ser esposa de um que no caso seria ele, Augusto, esqueceu de Deus. Abraçou a Física, tonou-se um notório engenheiro, Doutor em Física Quântica com formação internacional. No entanto, o casamento condenado a ruína durou cinco anos somente, e isto graças a presença do pequeno David, a lembrança da traição, como também o fruto da redenção e da luz na vida do pai que o adorava.

– É a sua cara, não é Guto? Fazer gracinhas com tudo! – Morgana estava possessa. – **Sete** bilhões de pessoas no mundo e justamente você veio para dividir essa viagem comigo!

– Coincidências acontecem, minha cara. – Guto jazia ali a contemplá-la, sabendo que uma colisão seria inevitável.

– Descerei imediatamente! Não fico com você aqui nem mais por um segundo! – decidiu apanhando a bolsa e indo ao botão vermelho de parada de emergência.

– Enlouqueceu? – correu para impedi-la. – Não pode parar o trem por um capricho seu, sabia?

– E por que não? – rebateu a altura. – Não quero ficar,
NACIONAIS - ACHERON

não fico! Quem vai me deter? Você, Guto?

– O tempo não te ensinou nada, Morgana? Há outras pessoas nesse trem que como nós talvez tenham ganhado a viagem, talvez essas pessoas estejam ou se conhecendo ou quem sabe aproveitando para reajustarem seus fantasmas no passado. Quer mesmo destruir isso por um orgulho besta que só existe em você?

A jovem não pensou duas vezes na resposta que guardara por anos.

– Nenhuma delas teve a vida destruída por você, Guto!

A sua mão soltou a dela. O rosto dele transformou-se. A alma caiu outra vez no abismo da culpa. A moça percebeu que aquela resposta guardada no oceano que toda mulher carrega dentro de si, tão burilada, engasgada, tão meticulosamente ensaiada, tão elaborada podia e era um desabafo para si, mas para o rapaz foi como cravar um punhal no meio do coração. Morgana turbou-se, não soube explicar porque seus olhos marejaram, não soube esclarecer que o alívio momentâneo por ter dito passou tão rápido e algo muito maior como agonia a tomou quando viu uma lágrima solitária romper do canto do olho esquerdo dele. O olho da verdade, como intitulou, porque era sempre dele que vinha a expressão verdadeira de seus sentimentos desde quando eram crianças.

A história de Morgana e Guto foi linda demais. O conto de fadas que toda mulher sonha, tudo era meramente assim: Perfeito. Eles cresceram juntos, não faziam nada longe

um do outro, até o dia que perceberam que seus destinos eram caminharem lado a lado, a menina de sete e o garoto de dez anos:

Juraram amor eterno.

Viveram esse amor.

Todavia, todo sentimento é posto à prova, mais ou menos dia. Quando Guto caiu nas graças da charmosa Lana, traiu muito mais que julgava. Traiu uma família, uma comunidade, e muito mais que sua noiva que brigava, lutava, crescia com e por ele. Guto traiu o Destino, e como qualquer mortal este não gosta de ser burlado.

Por isso, tudo ali era tão doloroso.

Após o rompimento, Morgana teve que aguentar sozinha toda uma sociedade, toda família que nunca creu muito nele, apontá-la, julgá-la e desmerecê-la. Somente Artur aceitou a moça rechaçada. Depois de uma boa conversa com seu pai que tinha pressa de casá-los, pouco importava o fato de ser um cara preguiçoso, sem grandes expectativas na vida, em outras palavras: Um bom come dorme. O ideal era que a filha do pastor teria um marido, e ele casa e comida de graça.

Foram anos de agulhas cravadas no peito e na alma para a jovem. No fundo, continuamente acusou Guto por tudo aquilo, inda que rogasse todos os dias para que Deus retirasse de seu coração a mágoa, o rancor que o moço tão bem

semeara. O que Deus pode fazer quando nós não deixamos? De nada adianta pedir sem deixar o caminho acessível, mesmo que sujo pelas mazelas e sofrimentos, precisa estar aberto. E o de Morgana jamais esteve.

– Quer um copo d’água? – Indagou preocupada com a reação dele direcionando para o recipiente com o líquido de cristal pondo um bocado numa taça do mesmo elemento e trazendo a mão dele. – Beba, vai sentir-se melhor. Você sempre fica melhor quando...

O olhar dele atravessou o dela. Ambos notaram. Ainda se reconheciam nos mínimos detalhes.

– Quando bebe um gole d’água. – Morgana fechou a frase. Guto bebericou voltando a sentar-se. Pôs a taça no descansador ao seu lado, passou as mãos pelos cabelos, braços, nos joelhos, Morgana tentou falar:

– Guto, olha... – Mas foi impedida por ele.

– Me perdoe. Preciso muito desse perdão. Em todos esses anos, não houve um único dia, uma única noite, uma porcaria de minuto que não tenha sido atormentado por esse sentimento!

– Guto... – Sendo de novo atravessada.

– Me escuta! Deixa-me falar o que está engasgado na minha garganta por cinco anos, sete meses vinte e um dias e essa manhã!

E então foi a vez dela compreender que toda história
NACIONAIS - ACHERON

tem e ininterruptamente terá dois lados.

– Não posso negar como jamais neguei que me envolvi com a Lana por desejo. Também preciso que saiba que jamais por um segundo que estive com ela, nunca senti um décimo do que senti...

O verbo no passado trouxe peso ao semblante de Morgana, tão logo Guto finalizou o pensamento.

– E sinto por você. Seu casamento com o babaca do Artur me arrasou. Fui à lona, Morgana.

– Prefiro que não se refira a ele dessa forma. – A jovem viúva rogou.

– E por que não? Vai dizer que agora só porque o sujeito morreu, prestava? – evidenciando revolta no pedido dela.

– Não tem esse direito Guto. – Alterando a voz. – Respeite a memória dele!

– E por quê? Só falta confessar que o amava! – erguendo-se e caminhando pela cabine, a discussão do século ganharia a proporção de suas emoções e ódios.

– Pois fique sabendo que amava o meu marido, sim! – rebateu firme.

– Você mente muito mal, Morgana, sempre mentiu! Faça isso com quem quiser, comigo não. Amar aquele traste!

NACIONAIS - ACHERON

Pois sim!

– Meça suas palavras está falando do meu marido! – gritou com veemência.

– Não! Não meço! Não percebe? Não falo dele, falo de nós. Saber que possa ter amado um vagabundo profissional como o Artur? Para quê? Para me ferir?

– Pois se lembre que o vagabundo profissional foi o único que restou e aceitou como esposa o lixo que me tornei graças a você e o seu amor fiel e sincero! – pondo o dedo bem no meio do rosto dele que o assombrou porque o fez alcançar o tamanho abissal da ferida que causara nela. Vou sair daqui agora! Renego-me a escutar mais um fonema seu se quer!

Ela foi ao encontro dele, outra vez a respondeu:

– Jura? E com que direito pretende exigir isso? Até onde sei, a promoção que ganhei dizia que eu DIVIDIRIA o camarote de primeira classe com o outro ganhador, o que torna pela lógica esse ambiente 50 por cento meu e 50 por cento seu, ou seja, eu posso gritar, berrar, e inclusive soltar um fonema. Ficando depois de muitos anos com o rosto rente ao dela, que recuou e desceu da poltrona esbravejando:

– Vou chamar o Sinval. Se o problema é o camarote de primeira classe, fico num de segunda, terceira, mas aqui eu não passo nem mais um minuto!

Foi quando um barulho ensurdecador adveio e um solavanco fez tremer toda cabine os jogou um contra o outro e

para frente do vagão com certa violência. Segundos se passam e Guto a questiona:

– Morgana? Está tudo bem contigo?

– Sim, acho. Que foi isso?

– Não sei. Melhor levantarmos.

Guto a ajudou como um cavalheiro, preocupando-se com a estabilidade dela. Foi quando Sinval abriu a porta para lhes descrever os fatos.

– Ham, ham! – Logo que teve a atenção de ambos findou: – Espero não estar atrapalhando nada. Infelizmente sofremos um pequeno percalço. Poderão descer e ir até o vilarejo de Velha Esperança, procurará por Jordan, um velho amigo, serão bem recebidos.

– Senhor, e os demais passageiros? – indagou Guto.

– Que outros? – Sinval espantou-se com a pergunta.

– Não há outros? – Foi à vez de Morgana espantar-se.

– Não. São só vocês dois. – contrapôs com satisfação.

– Um trem desse porte só para nós dois? – replicou o jovem cada vez mais absorvido pela situação.

– Lembrem-se: Ganharam as passagens para essa viagem. Quatro dias a bordo do Expresso do Oriente. Ninguém falou em outros convidados certo? – percorreu o condutor. – Sugiro que apanhem seus pertences de mão, nos

veremos na próxima estação que fica no vilarejo citado. – dando o seu cartão com um pequeno mapa para chegarem a uma tal Taberna do Vale e o tal Jordan.

Minutos depois desciam os dois num calor escaldante em pleno deserto do nada.

– Não acredito que isso está acontecendo comigo! – reclamou Morgana arrastando sua bolsa acompanhada por Guto e sua mala que não deixou por menos:

– Está reclamando do quê? Não queria descer do trem? Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu, filha! – era visível a irritação dele.

– Eu não pedi para que viesse comigo. – contragolpeou.

– Não vim com você, só que como a mocinha também fui agraciado com aquela espelunca e tenho direito a ir a tal taberna do Vale também! – E foi então que viram o trem voltar a andar e seguir viagem o que deixou os ânimos a flor da pele.

– NÃO ACREDITO! Infeliz! – berrou Guto.

– Gente! Ele nos enganou? – Morgana ficou atônita.

– Não, imagina, estava brincando vai parar daqui a três segundos, quer ver? Um, dois, três... Ops! Não parou Morgana e a culpa é sua! – berrando enlouquecidamente.

– Ele disse para ambos que o trem deu problema, onde está minha culpa?

– Talvez se sua mente brilhante não tivesse sugerido descer na próxima estação ainda estaríamos naquela geringonça e não aqui no meio do nada com esse calor de rachar o quengo! Mulheres, ô raça!

– Você é tão melhor, Guto! Tão evoluído! – rebateu voltando a caminhar e arrastar a sacola que foi tomada com rispidez pelo moço tomando a frente da longa caminhada.

O sol era massivo, fulgente quase cruel. Em nada lembrava **a neve da embarcação**. Guto apesar de forte estava com a blusa agarrada ao corpo pelo suor em demasia o que consentia deixar seu tórax bem definido **a mostra ao olhar da** jovem que uma vez em sua retaguarda podia contemplar sem pudores e rememorar lembranças de outro tempo.

– *Ai está doendo, Nana!*

– *Pare de reclamar. Está machucado, tenho que cuidar. Onde mais dói?*

O moço deitado na cama da casa de praia da família dele apontou com o dedo sobre a mão esquerda: – Aqui.

Ela beijou.

Depois indicou o cotovelo: – Aqui

Ela beijou.

Depois na testa: – Aqui.

Ela beijou.

E veio o tórax, bem no centro do peito bruno: – Aqui.

Ela beijou docemente e parou ali como se quisesse sentir o cheiro dele, e foi nesse instante que a puxou com o outro braço envolvendo pela cintura e trazendo sua boca para perto da dele beijando com todo amor que dominava sua alma e naquele dia uma barreira foi criada: As almas tornaram-se um só corpo.

A boca encheu d'água, Morgana intuiu que ainda havia desejo. Bastava fechar os olhos para sentir o corpo dele em cima do dela, as confidências, as carícias, os sentimentos tudo ainda jazia ali fervilhando como lava dentro dela, mesmo depois de tantos anos.

Guto descontinuou os passos, a pressa e o furor pelo episódio do trem. Virou-se para ela arguindo:

– Você está bem?

– Sim. – Num tom seco, quase sem querer.

Guto procurou uma pedra ao lado da estrada de chão no meio daquela imensidão do nada e expôs:

– Parece que enfim estou no meio do meu eu. – admirando tudo aquilo.

– Vive no meio de um deserto? – devolveu Morgana ajeitando-se ao lado dele, semelhavam enfim desarmar-se.

– Meu corpo não, mas, minha alma, essa sim vive numa vastidão idêntica a essa. Sou infeliz, sabia? – deixando a mocinha desconcertada.

– Olha Guto, o certo seria que não tivéssemos jamais vindo a esta bendita viagem. Só que... Não podíamos adivinhar em bilhões de anos que íamos nos deparar outra vez de modo tão inóspito. Não vejo você desde o nosso...

– Rompimento. – completou o rapaz. – Vi você ano retrasado da janela da casa da dona Lurdes na casa de seus pais no dia de natal. Achei que estava lin... – não finalizando o adjetivo. Guto sempre achou Morgana uma bela mulher, mesmo quando tinha sete anos e faltava os três dentes da frente formando uma linda janelinha. Na fase adulta ela fora seu esteio, a morte de sua mãe abalou de vez o moço e quase sua fé, até aquele ponto ela ainda fazia parte da sua vida. Quanto a Morgana, amava tudo nela, a boca, os cabelos, os intensos olhos verdes, o perfume, até o jeito autoritário. Brincava com um jargão feito por ele: – “Não importo em ser o escravo se ela for a sinhazinha.”

– O que faremos? – mudou de assunto Morgana.

– Não se questiona por que justamente nós dois ganhamos essa viagem? Logo eu e você?

– Acontece, Guto. Meramente acontece. Aconteceu.

– Você lembra da última coisa que fez antes de chegar à estação?

– Que conversa é essa?

– Lembra ou não? – sendo assente.

– Lembro. Eu vinha da...do... Ah, não sei. Que importância isso tem agora? Estamos aqui perdidos da Silva! – desabafou. E Morgana começou achar que Guto sabia mais que aparentava. Intrigada o indagou:

– Que pergunta! – Em seguida resmungou – Que ironia do Destino? Já se passaram tantos anos. – sussurrou crendo que ele não ouvira.

– Sempre achei que essa conversa por mais dolorosa que fosse tinha que existir. Temos assuntos inacabados Morgana, sabe disto. – Fitando de lado enquanto limpava o suor de seu rosto de traços marcantes e bem feito.

A moça sabia que Guto tinha razão. Mas, às vezes, o que nos adianta a razão frente à decepção? Nada. Quando a circunstância nos puxa o tapete jogando-nos num abismo de emoções e lágrimas pouca coisa resta, uma delas, palavras. Estas, simplesmente parecem perder toda força que muitas vezes nos coloca de pé. O que Morgana queria esconder do rapaz fora a depressão cavalgar e cruelíssima que enfrentara calada e que somente Artur notou porque teve que conviver com ela.

– *Morgana de novo com esse quarto fechado?* – Artur

era baixo, branco, cabelos negros, olhar pequeno e um pouco paciente. Compreendia que aquele casamento fora um acerto bem feito para si e a filha do pastor. Porém se irritava constantemente nos primeiros anos com a convalescência emocional dela e as idas ocultas ao psiquiatra.

– Desculpe. – Respondeu num tão quase inaudível.

– Poxa tem que levantar dessa cama e ir viver! A casa está uma desordem, comida para fazer, roupa para lavar. Daqui a pouco teus pais estão aí para o glorioso almoço de domingo e se verem essa bagunça toda me explico como para eles? Anda, levanta logo! Anda, anda!

A garota se erguia num esforço descomunal da cama. Punham primeiro os pés para fora enquanto a outra parte de si implorava que fenecesse naquele exato segundo e assim terminaria todo aquele calvário. Artur ia abrindo as cortinas com grosseria e mais resmungos, afinal aquele era seu único trabalho, fazer de conta que tudo estava bem.

Morgana naquele dia em particular havia decidido, sem nada avisar, sem combinação nenhuma com o marido porque evidentemente este a calaria, até mesmo usando a força como ocorrera algumas vezes, que naquele almoço haveria um grande desvendamento. Queria se revelar, pronunciar toda dura verdade tão bem abrigada, rasgar o peito, expor a alma, abandonar as vestes daquela postura reprimida, abrir as pernas dos pensamentos e conceber frente a todos a si mesmo, mostrar quem ela era e como se sentia para aqueles que se

intitulavam sua família. Cansara de ser uma gente cotidiana, de maquiagens mal feitas e retoques ainda piores. Carecia que aquele tipo de fidelidade resignada fosse enfim extirpado de sua vida para todo o sempre.

Seu pai era um homem comum, cumpridor metódico de seus deveres religiosos e por ele considerados preciosos. Entendia pouco de prazeres, e ao findar de tantos anos não conseguia mais dissipar o que eram seus poucos desejos, se tinha sonhos ou se tudo se aglomerava na tediosa linhagem que construía ao longo de tantos anos de dedicação.

A mãe era mais uma dona de casa comum, vendia cosméticos e roupas para membresia da igreja. Uma mulher submissa, uma mãe distante, um ser que jamais saberemos se realmente existiu.

Esse era o mundo de Morgana.

Ela se arrumou como nunca. Vestiu-se como mandava o figurino, roupa contida, sapatos baixos, pouca maquiagem, cabelos presos e um sorriso falso saudando seus genitores:

– *Cada vez mais jovem mãe! Pai, mais forte, não?*

Nenhum dos três compreendeu o que havia acontecido com a filha e esposa recatada, aquele tom irônico não era lhe era peculiar, na verdade, não estava no roteiro do clichê de família. Morgana não suportava mais a vida, as pessoas e o sentimento de sempre: Frustração. Sentou-se apanhando o garfo e apanhando um enorme pedaço do frango comprado na padaria, abocanhando e com a boca cheia disse:

NACIONAIS - ACHERON

– Tenho depressão profunda, sabiam? Estou tomando cinco medicações ao mesmo tempo e nenhuma resolve o meu problema. Nenhum! Então, o que farão?

– O que deu nela? – indagou o pai ao marido.

– Ela parece estar endemoniada! – soltou a mãe.

– Desculpem meus sogros, Morgana não está não bom dia e...

– PAREM DE FALAR DE MIM COMO SE EU NÃO ESTIVESSE AQUI!

Houve um silêncio estarrecedor.

A moça abandonou a mesa, apanhou a bolsa e saiu sem direção. Era um dia chuvoso, pior somente a tempestade que carregava na alma. Atravessou carros e carros. Uns frearam em cima dela, outros a xingaram, entretanto, pouco importava, queria algo que nunca mais soube o gosto. Morgana queria a sensação do vento no rosto, do querer, do sorrir, do se permitir, algo que só desfrutou enquanto esteve com Guto. A liberdade.

E de novo veio o destino com as suas. Artur saiu no carro atrás dela, sendo sua responsabilidade ou cofrinho, ainda sim era seu encargo. Foi na descida de uma transversal que um motorista de um caminhão acreditou que podia

romper o sinal prestes a fechar que a vida dele foi ceifada.

E o peso da culpa inundou a alma já afogada de Morgana.

– Matei meu marido, sabia? – confessou remexendo os pés naquela terra árida.

– Do que está falando? – Guto não compreendeu a declaração da jovem. – Até onde sei ele morreu num acidente de trânsito e...

– Causado por mim! – gritou com os olhos cheios de lágrimas. – Eu o matei. O condenei, e por mais que tenha sido um parasita, não merecia isso de mim. – ajoelhando lentamente e entrando num surto de misto e desespero. Guto abaixou passando a mão em seus cabelos sem saber o que proferir para lhe abrandar a dor tão notória e desumana.

– Morgana... Olha... Ainda está nervosa com tudo isso e...

Num ímpeto se ergueu pondo o dedo no rosto do rapaz ainda no chão:

– E a culpa é sua! A culpa sempre foi sua!

– Minha? Um acidente de carro?

– Sofro de depressão profunda desde a faca que me cravou na minha alma. Jamais deixei de pensar um dia se quer no motivo que o fez fazer tamanha sacanagem dessas comigo!

Arruinou a minha vida e foi viver a sua, senhor Doutor em Física Quântica! Você não presta! Não vale o que come! – erguendo-se num andaço.

– Morgana... – Guto por minuto deixou que ela despejasse o vômito da mágoa nele, compreendia merecer.

– Foi frio, cruel, egoísta! Meu Deus, como eu pude dedicar a minha toda a alguém assim! Todos os meus sonhos foram com você Guto. Todos! – partindo para cima dele com raiva e o esmurrando apesar de sua pouca estatura em relação à dele.

Guto deixou que disseminasse sobre ele toda sua cólera, enquanto ia rememorando partes da música que tão bem os detalhou naqueles anos de afastamento na inconfundível voz de Elza Soares.

ESPUMAS AO VENTO

"Sei que aí dentro ainda

Mora um pedacinho de mim

Um grande amor não se acaba assim

Feito espumas ao vento

Não é coisa de momento

Raiva passageira

Mania que dá e passa feito brincadeira

*O amor deixa marcas que não dá pra apagar
Sei que errei e estou aqui pra te pedir perdão
Cabeça doida, coração na mão,
Desejo pegando fogo
Sem saber direito a hora e o que fazer
Eu não encontro uma palavra só pra te dizer..."*

Com o tempo a jovem cansou, agora só sussurrava prostrando-se lentamente de joelhos na terra árida.

– Por quê? Por quê? Por quê? – e foi à primeira vez depois daquele fatídico rompimento que permitiu que os braços dele afagassem seu corpo outra vez. Na medida em que as mãos dele iam descendo por suas costas era como se um ar quente de pleno aconchego viesse a dominando e acalmando os nervos tão à flor da pele. Por outro lado, Guto sentia os cabelos delas outra vez entre seus dedos, desfazendo-se do coque seria uma miragem em meio ao deserto? Estaria tudo aquilo realmente acontecendo?

O tempo parou. O tempo sempre para, pois é o maior dos admiradores do amor. A mão direita dele deslizou do meio das costas pelo ombro até chegar a seu queixo e ali relembrar um antigo carinho, esfregá-lo delicadamente antes de beijá-la. Morgana se perdia nos seus olhos, porém ao sentir

NACIONAIS - ACHERON

que seus lábios outra vez tocariam, o empurrou com força veemente e rebateu de pronto:

– Jamais!

E Guto viu outra vez seu mundo ruir. Cabisbaixo apanhou as bolsas e se pôs a caminhar rumo a tal Taberna do Vale no vilarejo de Velha Esperança que Sinval os recomendara. Uma hora e meia de silêncio depois, chegaram num vilarejo que parecia esquecido pelo próprio Deus. Havia casas. Algumas ruas, mas uma estação de trem imponente e gloriosa, sem dúvidas o destaque de todo aquele lugar. A Taberna do Vale era uma pequena tapera, feita de barro brocado, não seria um exagero mencioná-la como miserável. A noite caíra e a lua fazia seu papel.

Direcionaram para uma casa maior quando a voz de jovem que jazia numa sombra aproximou-se deles.

– Morgana e Augusto?

Os dois se entreolharam, porém calados entre si. Guto o respondeu com a voz seca pela sede e cansaço:

– Sim. Somos nós.

E maior foi à surpresa quando o mesmo saiu da escuridão e com sua aparência os sobressaltou. Ele arrastava-se pelo chão, parecia uma deficiência que o impedira de erguer-se, muito magro, contudo muito ligeiro e extremamente simpático:

– Que bom tê-los aqui! Sou Jordan. – erguendo com
NACIONAIS - ACHERON

dificuldade a mão para saudá-los. – É uma honra poder revê-los.

A palavra rever arqueou a sobrancelha esquerda da moça e fez o jovem coçar a barba já por fazer.

– Podem me acompanhar. Os levarei até minha Taberna. A Taberna do Vale. Serão meus convidados desta vez, adoro isso, a vida dá tantas voltas.

Guto rompeu o silêncio:

– Nos conhecemos de onde, Jordan?

O menino esmirrado parou e num enigmático sorriso replicou:

– Não lembra, Guto? Justamente você? – voltando a caminhar.

Morgana puxou o rapaz pela camisa.

– Do que ele está falando? De onde se conhecem?

– Não faço a menor ideia, Morgana . Nunca vi o carinha antes.

– Você nunca foi um bom fisionomista. – rebateu em repreensão e tomou a frente da conversa em passos rápidos rente ao jovem. – Com licença Jordan, mas fiquei meio confusa quando citou nos rever e agora em relação ao Guto.

– É comum que se esqueça de mim Morgana. Eu compreendo, ainda mais da maneira que fiquei. –

evidenciando a forma de seu corpo. – No entanto, graças aos dois eu ainda vivo e no final verão que isso foi o mais importante, vamos? – e prosseguiu os passos.

Morgana e Guto criam que a hospedaria em que ficariam seria a grande e bela casa, mas para sua surpresa, mais uma **do último dia**, não foi. Jordan direcionou-se para o tal casebre caindo em pedaços.

Guto revoltou-se:

– Hei amigo, pelos céus, não me diga que vamos passar a noite nessa choça desmoronando?

– Guto! – beliscou a moça seu braço devido menção ríspida.

– Acredite meu amigo, fará muito bem aos dois do que na Casa dos Segredos. – Referindo-se a casa bela que julgaram ser a Taberna.

Lá dentro tudo era rústico e simples. Complexo mesmo, somente o nó que jazia nas mentes de Morgana e Guto.

Quem era Jordan? De onde os conhecia? Que segredo era este?

Capítulo II

Não é assim que as coisas funcionam por aqui

Com uma lamparina em uma das mãos, Jordan apresentou as redes em que dormiriam, pelo menos por aquela noite, creram.

Guto queria esconder a raiva embutida dentro de si como um leão feroz, mas compreendia que diante da doçura que aquele pequeno jovem lhes oferecia seria quase um crime

ser mal-educado.

Morgana, por alguma razão que nem mesmo ela poderia explicar aceitou tudo aquilo de muito bom grado. Era tudo tão pouco, acanhado, módico e simples, entretanto, também era de algum modo especial e transformador dentro do seu coração.

– Bem, agora que já estão acomodados, apanharei suas bagagens e em seguida trago o jantar. Creio que estejam famintos, estou certo?

Os dois balançaram suas cabeças como quem obedecesse ao pai. Guto foi um pouco além:

– Se quiser posso apanhar as malas. – supondo que seria um grande incomodo para o jovem deficiente, que esboçando um grato riso o agradeceu respondendo:

– O homem julga a aparência Guto, na minha família aprendemos olhar um pouco mais além, olhar o coração. – Guto devolveu o riso e se encucou com o dito do jovem, sabia ter lido algo semelhante nas Sagradas Escrituras, contudo, abriu a rede e ficou a deslumbrar a visão do lado de fora da choupana que era rústica, porém bela com a idas e vindas da lua cheia e clara que despontava naquele céu tão desconhecido.

Morgana sentou-se timidamente na beira da rede. Não estava acostumada, não sabia nem mesmo como faria parar adormecer ali embora estivesse muito cansada.

– E essa era para ser a viagem da minha vida. – Balbuciou a jovem desolada.

Guto não direcionou o seu olhar em busca do rosto dela, mas replicou:

– Talvez até fosse. Se pelo **menos** eu não estivesse aqui, não é? – No entanto, não houve resposta. E era aquele silêncio que o matava, o fulminava de um modo tão vil e cruel que se uma bala lhe atravessasse o tórax e não atingisse de frente o coração e sim somente as artérias principais deixando-o esvair-se de sangue até sufocar no mesmo não faria sofrer tanto quanto. Era nessas horas que as lembranças volviam com uma força descomunal.

– *Você poderia fazer, pelo menos de vez em quando, que nós estamos aqui, Guto? – Disparou Lana embalando o pequeno Davi de um lado para o outro em meio há mais uma noite de sono conturbado.*

– *Não comece com suas cobranças descabidas, Lana, por favor. – Relendo pela décima vez o mesmo livro de Física quântica sempre que a esposa lhe fazia algum tipo de cobrança.*

– *Nesses livros que tanto lê, onde provam por $A + B$ que a existência de Deus é um lado estapafúrdio dos mortais carentes que necessitam de autoconfiança e ordem para progredir, não tem nenhuma receita, bula que te faça esquecer dela não?*

– *Na boa, Lana, não comece com essa história! – Dessa*
NACIONAIS - ACHERON

vez, visivelmente irritado com a colocação feita pela mãe de seu filho.

– Está vendo? É sempre assim, toque na sombra da existência dela e voilá ele se transforma!

Guto jogou o livro conta a lareira quase o entregando-o nos braços do fogo que aquecia a sala gelada do apartamento em que viviam na Alemanha e batendo na mesa objetou:

– O que te falta Lana? Não estou aqui? Não me casei com você? Não estamos tentando cuidar do nosso filho? Das nossas vidas? Olha o que você tem? Mora num dos melhores apartamentos dos melhores bairros de um dos melhores países do mundo, e está aí reclamando do quê? O que te falta? – Foi o que bastou para escutar o que não queria.

– O que me falta? Nem é falta, Guto. Falta, sentimos do que se teve e perdeu. Eu quero algo que nunca tive, quero sua presença. A sua real presença. Pois está óbvio, que em todo esse tempo, não houve um dia se quer, uma hora, um minuto ou segundo que seja que eu possa afirmar com convicção que estive aqui comigo.

– E onde estou agora?

– Quer mesmo saber? – ela deixou o menino delicadamente no sofá. – Você sempre estive de onde jamais saiu.

– Lana... – suplicando com as mãos, porque aquela

conjuntura também era muito frustrante e dolorida para ele.
– *Estou te implorando... Não toca nesse assunto, não fale sobre...*

– *Morgana? – ela marejou os olhos. – Você treme só de ouvir o nome dela, sabia? Olha suas mãos? Olha para você? Deveria olhar para seu rosto nesse exato momento. Seria o justo. Porque você pode olhar para o meu, e ver como a minha face desaba ao ver a sua, ver a face do meu marido e ver estampado nela o quanto o nome de uma mulher faz com que ele se ilumine ainda que esteja no meio de uma agonia dilacerante. – Ele tentou abraçá-la. – Me solte, Guto! Por favor!*

– *Lana...*

– *Eu tenho que admitir uma coisa que sempre tentei me convencer ao contrário. Não sou mais forte que ela. A força de duas mulheres não se mede quando batem de frente uma com a outra, e sim ao longo do tempo, quando uma das duas verá qual delas fez a sua presença dominar o passado, o presente e também o futuro.*

– *Lana, por favor... – rogou outra vez sentando-se aos prantos no sofá.*

– *Quanto de mim você tem? Essa é a pergunta que a Morgana deveria te fazer. Assim ela saberia que pode ter uma só alma, mas sem nenhuma dúvida, habita em dois corpos. – E apanhou o pequeno Davi indo para quarto e batendo a porta em seguida.*

Guto queria que Morgana pudesse de alguma maneira saber que o causador das malárias dela também foi tomado pelos mesmos e em tamanho cavalар, destrutivo e mortal. Queria que soubesse que há várias formas de morrer e que seu grande erro o sentenciou a pior delas: Morrer em vida. Pois era isto o que ele Augusto Barreto havia se tornado, um homem morto em vida. E foi nesse momento que uma lágrima rolou do canto dos seus olhos, rolou até a ponta do nariz, pingou sobre o lado superior da sua boca e teve fim no toque de seus dedos que cuidadosamente a conduziram para o seu limbo das lágrimas perdidas.

– Posso entrar? – perguntou Jordan carregando magistralmente as malas pela cintura, amarradas numa corda fina quase imperceptível aos olhos. E uma bandeja com dois pratos feitos de alumínio, porém reluzentes como se fossem ouro de tão polidos.

– Jantar? – Saltou Morgana. – Estou faminta!

– Espero que seja do seu agrado. É tudo que temos hoje. – ajeitando cada coisa em seu lugar e dando-lhe o prato com algo que semelhava uma sopa pouco atraente e um pedaço de pão de aparência de muitos dias.

Morgana cheirou o prato e não deu importância a feição. Salivante ressaltou:

– Cheirosa! Parece comida feita por mãe. Hum! – Logo pondo o prato no colo e molhando o pão e começando sua

NACIONAIS - ACHERON

refeição. O que não foi o mesmo da parte do moço.

– Parece triste, meu amigo. – Indagou Jordan com o prato na mão para servi-lo.

– Eu agradeço por demais a sua hospitalidade, Jordan. Mas não estou com fome. – O que fez com que Morgana cessasse imediatamente o afoito desjejum de horas e voltar a prestar atenção nele.

– Mas necessita comer, Guto. – Insistiu Jordan. – Não pode ter uma boa noite de sono sem o estômago sossegado.

– Eu estou bem. Obrigado. – persistiu Guto. Morgana fitou Jordan que entendeu o olhar, e assim deixou a bandeja em cima de um banco feito de bambu e apenas advertindo:

– Se caso mudar de ideia. – Porém, antes de romper a porta, virou-se para o jovem – Sabe Guto, engana-se muito o coração que crê que o outro não sabe o que a gente sente. A questão nunca está no que as pessoas sabem e sim no que elas estão dispostas a fazer com aquilo que sabem. Pense nisso. Boa noite, se caso necessitarem de mim, estarei no cômodo ao lado em minha rede. Como sempre estive.

– Numa rede? – gracejou Morgana.

– Como sempre estive, ao lado de quem precisa de mim. – e sorrindo saiu.

Morgana volveu a sopa com pedaço de pão outra vez elevando a boca e prosseguiu:

– Deveria provar. É uma delícia! Olhamos e parece água com repolho, mas o gosto é sensacional. – e dessa vez foi à moça quem ficou no silêncio. Contudo, Morgana não era do tipo que se calava diante de alguém visivelmente comovido fosse por um grande abalo ou pela perda de uma pipa nos céus de Saquarema, como era o caso de Guto. Com o prato nas mãos, retirou a sopa deixada por Jordan pondo num outro canto e sentou-se ali perto dele no banquinho. – Desculpe por tê-lo ignorado. Não estava num momento muito bom. Você me conhece, com fome fico muito mal-humorada. – Sorrindo para despistar. E conseguiu uma reação dele como nos velhos tempos.

– Mal-humorada? Você fica intratável. – riu lançando o olhar ao chão.

– Coma. Inda que um pouco. Não sabemos o que temos pela frente e a julgar por onde estamos, nem sabemos quando e como será nossa próxima refeição. Sabe, um dia, um menino que conheci perdeu a pipa em formato de águia que ela amava, e sentou-se no pé da escadaria da Igreja de Saquarema e danou a chorar. Ele tinha economizado um mundo para ter uma daquelas e perdê-la assim, foi um baque terrível. Ai, uma amiga dele, a melhor e única na época, ficou toda aquela tarde com ele e ao chegar em casa pegou todas as economias dela, que eram para o violão rosa que ela tanto queria na época, tirou um tanto e comprou uma outra pipa em formato de águia, deu uns tapas nela para parecer surrada e no outro dia levou na casa dele dizendo que um colega tinha

encontrado e que isso servia para ele sempre crer que Deus dá um jeito em tudo.

Ele ergueu a cabeça, virou o rosto buscando os olhos dela e balbuciou:

– Não acredito. Disse que o Lucas tinha encontrado.

– Eu tinha que dizer algo.

– Mas isso não seria mentir no código de ética cristã de Morgana? – Guto retrucou gargalhando.

– Não foi bem uma mentira, digamos que foi uma omissão santa. – sorrindo desconcertada.

Ele ficou sério de repente. Ela também.

– Por que nunca me contou que foi você quem comprou a pipa? – quis saber o moço sem sair da alma dela.

– Porque tem coisas que não precisam ser ditas, Guto. A gente sente, sabe do que o outro necessita. É como bem falou o Jordan, a questão é o que a gente faz com o que sabemos. Eu sabia e fiz o que podia. E era o bastante.

E pela primeira vez criou forças e baixinho disse:

– Eu sinto muito.

E a mocinha firme rebateu:

– Eu sei. Nunca duvidei que sentisse muito pelo que fez. A questão, Guto, é que sobre isso, mesmo sabendo, decidi que não faria nada.

O jovem acenou com a cabeça. Daquele iceberg, a primeira ponta fora desfeita. Morgana sempre soube que ele sentira pelo que fez com suas vidas, no entanto, ela decidiu que não faria nada a respeito. E apesar disso, uma lasca de todo aquele peso saiu das costas do Físico e ele decidiu apanhar o prato e comer um pouco da sopa ao lado dela, que por sua vez, assentou ao chão junto dele e pela primeira vez, começava algo simples como uma refeição, porém, no mesmo nível, como dois iguais.

Adormeceram em suas respectivas redes. Entretanto, foi lá pelas três horas da manhã que um alarido começou do lado de fora choupana. Morgana levantou espantada e gritando:

– Guto! Está ouvindo?

– Sim, ouvi algo ao longe. Não deve ser nada.

Foi quando vozes ecoaram mais alto:

– Fogo! Fogo!- Os que fez perceber que não só Jordan como todos os demais também falavam português.

Eles se entreolharam e rapidamente Guto se ergueu abrindo a porta e ao chegar do lado de fora se depararam com um incêndio alarmante na Casa dos Segredos. A casa bela que tanto enalteceu os olhos deles. Toda pequena população se mobilizava em disseminar aos enormes labaredas de fogo, inclusive Jordan, que chegou sua charrete com um enorme galão de água e com seu cavalo ia de um lado para o outro buscar mais água para ajudar na questão. Quando o viu, Guto

NACIONAIS - ACHERON

puxou Morgana pela mão e correu em direção do jovem gritando:

– Jordan, em que podemos ajudar?

Muito focado, o moço replicou:

– Está tudo bem, vamos conseguir! – Mas Guto percebeu que o fogo se propagava contra o vento, ou seja, ele buscaria mais e mais modos de se propagar e isso significaria invadir outras casas. Como Físico, notou que água não seria o bastante e que alternativa deveria ser tomada.

– Jordan! Deixe-me ajudar?

– Vamos conseguir, Guto, não se preocupe!

– Não, não irão. Olhe, as labaredas são enormes. A proporção de água que precisam só poderia vir de um hidrante ou de uma chuva torrencial e pelo que vejo, vocês não depõem de nenhuma das duas soluções.

Jordan parou e o ouviu atentamente.

– Busquem areia, esta areia que pisamos, atirem areia do fim da casa para frente, assim poderemos conter o fogo, pois quando chegar onde já foi molhado o fogo cessará.

O jovem o olhou com confiança, subiu na charrete e deu as instruções ao povo, que imediatamente abandonaram os baldes e apanharam peneiras e pás. Meia hora depois comemoravam o trabalho bem feito. Morgana se preocupou com um detalhe e chamou Jordan num canto.

– Não seria melhor uma pessoa checar a casa. Pela demissão é bem grande as chances de alguém de não ter conseguido sair e infelizmente... – sendo docemente interrompida por ele num toque em uma das suas mãos.

– Não é assim que as coisas funcionam por aqui Morgana.

– Não? Como assim? Eu sei o quanto pode ser indelicado da minha parte supor isso, mas... – outra vez interpelada.

– A morte aqui, não vem assim sem aviso. Fique tranquila. Hoje ninguém morreu.

Atordoada com a colocação de Jordan a moça franziu a testa, elevou o dedo sobre o queixo e não conseguiu compreender a afirmação feita pelo seu anfitrião.

Guto foi saudado pela pequena multidão agradecida e logo uma rodada de um vinho muito delicado foi servido a todos. E uma festa no meio da madrugada começou indo até o dia raiar. Guto se deixou levar. Há muito tempo ele não sabia o que era estar em paz no meio de tanta simplicidade. Morgana, só contemplava tudo de longe, o que Jordan lhe contara fora muito para sua mente. Por mais que tentasse não conseguia encontrar um modo de absorver.

Capítulo III

NACIONAIS - ACHERON

Um Coração Partido

O dia amanheceu com força e disposto em Velha Esperança. Passava um pouco das seis da manhã quando Guto despertou violentamente e em seguida lembrou-se de onde estava, o que o levou imediatamente a procurar por Morgana. Ao sair da velha taberna, pôde ver o quanto aquele vilarejo era ainda mais pobre e esquecido pelo tempo e o quanto aquela estação era quase um acinte em termos de beleza e atributos diante da simplicidade daquele lugar. Vinha do lado esquerdo da taberna um balbucio de palavras que há anos não ouvia, e até aquele exato instante não se recordava mais. Aproximou-se com passos leves e descontínuos e cada passo foi se beirando de onde eles decorriam. Havia um pequeno pedaço de terra, um pouco de grama seca, e nele os joelhos de Morgana, prostrados como costumava fazer durante todo tempo que conviviam. – *“Orar sem cessar.”* – o jovem recordou-se da frase da menina que o pegava pelas mãos dos momentos mais difíceis aos mais fáceis que ele enfrentara ao lado dela. Isso se deu diante da morte de sua mãe, de seus avós, do cachorrinho de estimação Chico, por não passar de ano, pelo primeiro emprego, carregando caixas de legumes no supermercado do bairro. Morgana orava por tudo, para tudo e por todos. E este era um apetrecho da garota que particularmente o fascinava, porque de um jeito ou de outro, Deus sempre pareceu escutar suas preces. Guto ficou ali observando aquela cena tão peculiar e ao mesmo tempo tão longínqua. E ao término, ela ergueu-se limpando seus joelhos e a força da natureza humana que agora vivia nele não

se calou diante do fato: – Ainda nessa, é? Decididamente tem coisas na vida que nunca evoluem. – abaixando-se e apanhando um pedaço seco de capim e em seguida rasgando-o com a boca sem muita dificuldade.

– E isso o incomoda pelo que vejo. – constatou a jovem cruzando os braços.

– Pensei que depois de estudar, sendo Professora de História e devido às coisas que aconteceram, você se tornaria um pouco mais...

– Esclarecida? Evoluída? Clarificada? Menos imbecil talvez sejam as palavras que realmente você procura, não é, Guto? – sorrindo com certo sarcasmo. – Pois saiba que fazer faculdade de História e passar por tudo que passei em nada mudaram a convicção de quem Deus é para mim, aliás, só se aprimorou, porque em momento algum Ele me abandonou.

– Como não? – Guto questionou. – Se esse Deus que você passou a vida cultuando fosse tão Poderoso, tão Onipotente, Onisciente e Onipresente, teria evitado tudo isso, pouparia sua filha de todo sofrimento? – abrindo os braços aos céus e em seguida sorrindo.

Morgana aproximou-se dele serena, mordiscou os lábios e foi talhante:

– Porque Ele seria o culpado de algo que não fez. Não foi Ele quem traiu minha confiança, não foi Ele quem me fez crer que era o homem da minha vida, crendo nisso e sabendo do que já acontecia com Lana tirou a minha virgindade,
NACIONAIS - ACHERON

embora eu tenha aceito por que quis e amava, não foi Ele quem pediu minha mão em casamento e no dia do pedido oficial permitiu que eu passasse a maior vergonha da minha vida diante de uma comunidade que cresci e diante da minha família, família essa que jamais o aceitou, que só lhe deu um voto de confiança porque eu batalhei sol a sol, joelho no chão e muitas lágrimas no travesseiro. Não foi Ele quem criou a situação propícia para aquela mulher adentrar a Igreja aos berros com um exame e uma barriga de três meses dizendo que tinha um caso e esperava um filho seu. Não foi Ele Guto, foi você. Deus é Deus, não é lixeiro para limpar as sujeiras que o ser humano faz.

Ele abaixou a fronte e calou-se por um minuto. Diante da verdade, poucas vezes, temos algo a dizer, até porque na vida é preciso ter muito cuidado como que fazemos. Há certas mentiras que contamos para nós mesmos, que de tão cativantes se tornam mais atraentes, envolventes e por isso mais deleitosas que a própria verdade, que de tão dura é sem graça que acaba perturbando a nossa razão.

– Vocês estão aí! – Surgiu Jordan como quem brotasse no momento certo para contornar a conjuntura. – Não querem conhecer a nossa pequena vila? – Morgana lançou o olhar para Guto e comentou:

– Acho uma excelente ideia, Jordan. Com certeza é muito melhor do que ficar aqui escutando coisas de quem eu se quer deveria cumprimentar.

– Vá à frente, minha amada. Aguarde-nos na charrete por gentileza. – virando para Guto e seu semblante desolado.
– Olha meu amigo, acabei escutando a conversa. Na verdade, conheço bem a história.

– Conhece? – rebateu Guto espantado. Jordan imediatamente consertou:

– O que quero dizer é que conheço bem esse tipo de questão por já ter visto muitas semelhantes. Mas voltando o assunto, se me permitir, evidentemente. – o Físico acenou um sim com a cabeça e, pois as mãos nos bolsos. – O coração dela está partido. E o que parece há muito tempo. Se ter um coração partido já dói, imagine o sofrimento de carregá-lo por tanto tempo.

– Pelo tempo Jordan, ele não nunca mais cicatrizará. Eu não creio mais em Deus, sou ateu, mas acho que nem Ele dá jeito no coração dela. – o jovem esmirrado gargalhou.

– Meu amado amigo, pode não acreditar em Deus, mas acredita neste pequeno servo que lhes fala? – lançando um olhar sábio.

– Não sei por que me simpatizo muito por você, Jordan. Parece que o conheço desde sempre.

– Acredita ou não? – Jordan reforçou a questão ainda com o mesmo olhar.

– Acredito. – Guto respondeu firme.

– Então guarde isso dentro de você. Se Morgana ainda
NACIONAIS - ACHERON

tem o coração partido pelo que fez a ela, é porque ainda existe uma possibilidade deste coração ser curado e por você. Pois se ela decidisse que faria por si só ou daria essa oportunidade há alguém, você hoje não seria mais que uma remota lembrança. Uma cicatriz, como a de uma bicicleta, que a gente olha, lembra, sabe que o quanto doeu, entretanto só tem a marca na pele, não significa mais nada. – e pedindo para que Guto se abaixasse a altura dele, tocando no ombro, arrematou: – Se o coração dessa jovem ainda sangra por você é porque talvez ainda seja seu. Pense nisso. – e saiu rastejando-se para a charrete.

Assim que o passeio pela pequena vila se deu. Morgana notou um aglomerado de pessoas que caminhavam abraçadas e chorosas rumo à estação. Todas estavam cabisbaixas, visivelmente tristes menos uma delas, uma senhora idosa, bem idosa na casa de seus noventa anos de idade, era a única que mantinha um semblante sereno, uma feição de quase sorrir e era ela quem confortava os demais. De pronto volveu para Jordan e o indagou:

– O que aconteceu ali, Jordan?

Ele cessou os passos do cavalo com um ruído e ao olhar para aquelas pessoas pausou por um instante e em seguida respondeu Morgan:

– É que a família recebeu O Aviso. Hoje é o dia em que
NACIONAIS - ACHERON

Cecília terá que se apresentar para a viagem.

– Viagem? – Retrucou Guto. Um membro da família ganha uma viagem numa estação desse porte para sair desse, desculpe Jordan, fim de mundo e eles estão chorando?

– Todos não. A Senhora mais idosa é a única que não chora, não parece preocupada e até ensaia certa ideia de felicidade, acho. – verificou Morgana sentindo-se um pouco emocionada com a situação.

– Sim, ela é Cecília. – completou Jordan. – Faz tempo que aguardava o envelope roxo que traz O Aviso.

– Aviso? – Foi Morgana quem o questionou dessa vez.

– Sim, só podem partir na Estação da Despedida quem recebe O Aviso.

– Não estou entendendo... – sacudiu o rosto Guto.

– Digamos que para embarcar nesse trem, nessa estação especificadamente somente quem recebe um aviso que vem num envelope roxo, nele está a passagem que conduz a pessoa para fora de Velha Esperança.

– E quem traz este aviso? O Governo? A Prefeitura? – Morgana estava muito curiosa.

– Por hora podemos chamar de Governo. Governo é uma boa palavra. – disse Jordan.

– Mas Sinval nos mandou para cá porque havia essa estação. Ele nos falou que aguardasse as instruções para
NACIONAIS - ACHERON

partirmos. – recordou a moça intrigada por demais.

– Sim. Foi exatamente o que ele nos disse. – reafirmou Guto.

– Pois então. – sorriu Jordan. – Isto significa que vocês também receberão O Aviso.

– Num envelope roxo? – ironizou Guto.

– Isso só o tempo vai dizer. – terminou Jordan voltando a tocar o cavalo.

Morgana calou-se para eles, porém dentro de si intuiu algo muito enigmático e emblemático sobre aquela conversa. Algo lhe veio à cabeça como Professora de História, na República Romana, conquistas militares excepcionais mereciam as mais altas honras possíveis, que ligava o *vir triumphalis* ("homem do triunfo", mais tarde conhecido como um triunfador) ao passado mítico e semi-mítico de Roma. Com efeito, o general estava perto de ser "rei por um dia" e, possivelmente, perto da divindade. Ele usava a regalia tradicionalmente associada tanto com a antiga monarquia romana e com a estátua de Júpiter Capitolino: a "*toga picta*" roxa e dourada, coroa de louros, botas vermelhas e, mais uma vez, possivelmente, o rosto pintado de vermelho da suprema divindade de Roma. A cor roxa também era usada no exército de Roma, ela significava morte e vida. Para os romanos que venciam suas batalhas vida, domínio, conquistas mas para seus inimigos, morte. Usar o roxo significava que eram um

NACIONAIS - ACHERON

exército que dominava a vida e a morte sobre a Terra. Um dos que tentou quebrar essa regra, Marco Licínio Crasso, arruinou a Legião Romana na China porque no dia da batalha usava uma túnica preta, em vez do roxo – cor de rigor para generais romanos, e mesmo que rapidamente tenha voltado para a sua tenda para mudança, deixou seus oficiais sem palavras. Além disso, Crasso se recusou a ouvir os seus conselheiros veteranos em favor de marchar na costa e evitar o deserto para chegar à capital Parta. Ao invés disso, ele confiou no árabe, Arimanes, e seus 6.000 cavaleiros, que haviam secretamente apoiados os partas e abandonaram os romanos logo depois de começar a batalha.

Morgana despertou daquelas constatações com uma pergunta de Guto:

– Hei, tudo bem?

Atônita, resmungou algo, desceu da charrete e foi aí que se deu conta que estava numa colina que o povo chamava de Colina de Fuga. Na verdade, a geografia de Velha Esperança era em meio a um vale, cercada de imensas Montanhas rochosas, com uma mistura de vegetação rasteira, nascentes de pequenos riachos e mata fechada. Um cenário lindo, porém, bem característico.

– Morgana? – Jordan a chamou com um tom de voz mais assente, quase como quem soubesse o que ela pensava há pouco. O olhar que trocaram foi estranho e ao mesmo tempo normal, como se estivessem acostumados a se fitarem

daquele mesmo modo a vida inteira. E dessa vez foi Guto quem se afastou notando que Jordan queria conversar com a moça. Morgana sentou-se sobre a grama trazendo junto dela as pernas que tapou com seu vestido longo e em seguida abraçando-as contra o corpo.

– Parece que aquela cena da Estação mexeu muito com você, não foi? – o jovem se acomodou ao lado dela tranquilamente.

– Jordan, por que tenho a sensação que tudo isso não é exatamente o que estou vendo e vivendo?

– E por que me questiona isso, Morgana? – o jovem quis saber.

– Por que sinto, não sei como, que você não pode mentir, aliás, é como se fosse a própria verdade.

– Você é muito sensível. – lançando o olhar contra aquela bela paisagem e prosseguindo. – Sabe Morgana, às vezes é necessário parar a vida para que se possam analisar os caminhos que estão sendo tomados como Destino.

– Está falando sobre essa viagem, não está?

– Não, estou falando que às vezes é necessário parar a vida para que se possam analisar os caminhos que estão sendo tomados como Destino. Quem pensou na viagem foi você. – ainda com o olhar na paisagem.

– Eu prometi para mim que jamais mais enquanto vivesse o veria de novo. Confessei isso a Deus incontáveis
NACIONAIS - ACHERON

vezes. – admitiu a moça com os olhos marejados.

– Como é uma moça de Fé, certamente sabe que Deus a ouviu, no entanto, a questão não é essa, talvez nunca tenha sido.

– E qual seria a pergunta correta? – Rebateu irritada.

– Alguma vez tentou ouvir se era isso o que Deus queria para vocês? – A moça emudeceu. Em tempo algum, ela havia ponderado que seu Criador desejasse que aquele encontro acontecesse outra vez. – Morgana... – disse Jordan dessa vez repousando o olhar sobre ela mansamente.

– Sim. – o redarguiu sem erguer a cabeça.

– Permita que eu te diga algo?

– Claro, Jordan. Confio em você mesmo não sabendo bem a razão.

– Seu problema não está em perdoar o Guto, pois isto você já o fez há muito tempo. É essa força que surgiu com tamanha ferocidade quando você o olha, o sente ou o ouve é a questão. Seu problema consiste em se perdoar por tê-lo perdoado. É isso que você não se perdoa.

Morgana o abraçou forte por tê-la debulhado sem rodeios, sem ziguezagues. De um modo direto, mas sem durezas ou ríspido. Aquele abraço pareceu curar um pouco daquele coração partido e enegrecido pela dor de tanto tempo. E quanto mais Jordan a recebia em seus braços mais leve sentia, mais forte notava-se e quando tudo acabou no dedilhar

NACIONAIS - ACHERON

de seus dedos no rosto dela a jovem só o segredou:

– Muito obrigada.

E os dois levantaram voltando para a charrete e todos de volta a taberna.

Mais tarde, uma vizinha chamada Malena veio convidá-los para jantar com ela e seus três filhos, um menino de oito, Caio, uma menina de quatro, Lorraine, e um bebezinho de um ano e meio, Joele. A casa era tão módica quanto a taberna, talvez mais simples ainda, porém havia amor pelos poros. As crianças eram graciosas, educadas e gentis. Do maior ao menor, o que fez Guto lembrar-se de seu Davi, que tinha tudo, era tão mimado e tão mal-educado. Sentiu-se culpado como pai e envergonhado pela sua ausência da vida do garoto após o divórcio. Ninguém pode ser um bom pai somente nas férias escolares uma vez ao ano.

– Aceitam um pouco mais do cozido? – Malena indagou já com a concha cheia para oferecê-los. Morgana não se fez de rogada:

– Jordan que me perdoe, mas esse cozido está delicioso. Muito melhor que a sopa de ontem. – Todos gargalharam, Jordan comentou:

– A vida é assim, Morgana, na medida em que melhoramos todas as coisas a nossa volta também melhoram. – lançando de novo aquele olhar sábio para ela e completou o raciocínio: – Inclusive a comida! E Malena, eu também aceito mais um pouco, também não aguento mais aquela sopa, e olha

NACIONAIS - ACHERON

que foi eu quem a fiz – voltando a rir.

Morgana e Guto vez embatiam-se pelo olhar. Bastava um notar o olhar o outro e em segundos que viraram horas se encontravam em lembranças distantes onde juntos eram completos não porque tinham tudo, mas por meramente estarem juntos e fortes. De repente as horas voltavam a serem segundos e ambos abaixavam seus olhares.

Passava das oito da noite quando Morgana sentou-se num banco na frente do casebre e se pôs a admirar o céu tão estrelado e a lua tão clara que era possível ver as veias dos pulsos. Um cheiro doce de capim limão tomava todo lugar, Velha Esperança tornava-se o melhor lugar do mundo. Ela fechou os olhos e ia respirando lentamente como quem quer se permitir que o oxigênio vá além dos pulmões e cérebro, quer que o mesmo visite os poros e como uma bela diarista vá limpando todas as sujeiras ocultas de uma casa. Foi nesse momento que sentiu que a brisa cessara assim como o cheiro doce e até mesmo o brilho do luar e de repente abriu os olhos assustada e aquela foi a primeira vez que os viu. Eles eram muito altos, magros, três precisamente. Vestiam ternos, camisas, gravatas, chapéus e sapatos. Eram elegantes, porém também extremamente sombrios no maior nível que a palavra pode dar. Andam no mesmo ritmo, nem com ou sem pressa. Estavam onde tinham que estar. Morgana correu imediatamente para dentro da casa chamando por Jordan que curiosamente já vinha ao seu encontro.

– Tem três homens muito estranhos lá fora! – Ela tremia

dos pés à cabeça.

– Acalme-se, Morgana. – rogou o jovem acenando para Guto que veio acudi-la. – Vou ver o que desejam. – afastando-se e rompendo a porta.

Malena juntou os filhos rente ao corpo como uma galinha protege seus pintinhos debaixo de suas asas. Seu olhar era aflito, parecia saber do que se tratava. Logo Jordan rompeu de novo a porta e seu olhar foi direto para Malena que imediatamente correu deixando e trancando os filhos em um dos quartos com uma amarração feita de corda numa viga de bambu e saiu onde os tais homens aguardavam.

Guto e Morgana foram juntos, mas atrás e lá fora tudo que viram foi um dos homens puxar do lado de dentro do seu paletó algo que semelhava um envelope. Um envelope roxo como Jordan os revelara logo cedo, contudo o que parecia tratar-se de O Aviso para uma viagem foi recebido por Malena com desespero e em seguida, eles partiram:

– Não! Por favor, não! Não façam isso comigo, tenho três filhos para cuidar! Não posso ir! Não posso viajar assim! – gritava incessantemente. Jordan subiu num dos batentes da porta agarrou as costas delas atracando-se ao seu pescoço e quanto mais ela berrava desesperada mais ele repetia:

– Calma Malena! Vai ficar tudo bem! Confie em mim! Vai ficar tudo bem! – sem titubear por um milésimo de segundo em abandoná-la naquele instante que semelhava ser o pior já vivido pela dona de casa.

Guto e Morgana não compreendiam ainda o que estava acontecendo bem ali diante de seus olhos. Morgana, apanhou uma caneca de água na botija em cima do caixote feito de mesa e serviu Malena agora mais abrandada, porém não menos angustiada.

– Não... Eu não posso... O que vai ser dos meus filhos...

Foi quando Jordan a soltou e virando-se para ela a cingiu com um caloroso abraço o que fez o envelope cair das mãos da mulher. Levada pela curiosidade Morgana virou-se discretamente para a parede de barro e abriu o envelope na expectativa de compreender tudo aquilo melhor, e ao ler, ficou ainda mais intrigada. A intriga fora tanta que volveu o corpo com o envelope aberto e falou alto:

– Mas a viagem não está em seu nome Malena, e sim de sua filha caçula, Joele. Veja! – esticando a mão o que fez a mãe coar no papel e desesperar-se ainda mais.

– Minha filha? Minha filha, não! Meu bebê? Meu bebezinho? Meu bebezinho, não! Ela é só um bebê, uma florzinha que ainda nem brotou direito! Tem que haver um jeito de isso ser um engano! Pode ser um engano, não pode, Jordan?

– Malena, tenha calma! – Jordan rogou outra vez.

– Jordan, não! Joele, não! Minha filhinha, não!

– Malena... – Ele tentava agarra-se ao pescoço dela outra vez para apaziguá-la.

– Me levem então! Que seja eu! Mas minha filha, não!
– e ao agarrá-la em seu pescoço outra vez, foi se desfazendo e caindo ao chão sem fôlego nem forças.

– Guto, – pediu o moço ao ver que Malena perdera as forças. – ajude-me a colocá-la em sua cama? – O jovem prontamente a pegou sozinho e Jordan foi alumando com um lampião o quarto onde jaziam as crianças quietinhas e com olhos amedrontados. – Guto, pode por gentileza levar Morgana para minha casa? Necessito ficar a sós com Malena e assim que as coisas se acalmarem prometo voltar e...

– Jordan, o que foi isso? Que viagem, que Aviso louco é esse? Guto aproveitou a oportunidade para interrogar.

– Depois meu amigo, eu o prometo que quando voltar para Taberna responderei a todas as suas perguntas, não só as suas, mas de Morgana também. Agora careço desse instante a sós com Malena e seus filhos. A Guto só restou responder:

– Tudo bem. Aguardaremos sua volta. Até logo.

– Até.

Guto e Morgana voltaram pelo caminho e a companheira lua clara lado a lado. Quando percebeu tal façanha Morgana lembrou-se de quantas forma as vezes em que desejou que um dia aquilo pudesse acontecer. Em seus adágios a mesma mágoa que a corrompia também era um desejo de que Guto e ela pudessem pelo menos conviver civilizadamente. Entretanto, toda aquela conjuntura do que acabara de presenciar na casa de Malena a consumia de modo

NACIONAIS - ACHERON

espantoso e ruminava dentro dela como algo pronto a ser vomitado.

– Guto... – cochichou a moça com as mãos sobre os ombros se entrelaçando como num abraço a si.

– Sim. – redarguiu o Físico secamente o que a fez ver o quanto aquilo também o transtornava de igual maneira.

– O que está pensando sobre tudo isso? – Parou a jovem aflita enquanto ele ainda dava dois passos e em seguida a olhou ternamente.

– Não sei o que pensar, Morgana. Foi tudo tão bizarro. Aliás, tem sido tudo tão bizarro desde que entramos naquele trem. Existem milhões de perguntas perambulando em minha cabeça sem nenhuma resposta aparente. Confesso que a última vez que me senti assim fazia tempo. – Evidenciando que se referia ao rompimento dramático deles. – Me sinto perdido. Completamente perdido. Que lugar é esse? Quem são essas pessoas que trazem um envelope e deixam uma mãe naquele estado? Que viagem causa esse tipo de transtorno na vida de alguém?

Morgana suspirou profundamente. Caminhou até ele, ensaiou um riso no canto esquerdo da boca e colocou sua mão sobre a dele. Nem mesmo a moça cria no que estava fazendo. Depois o fitou e expos seu pensamento.

– Das muitas coisas que me incomodam, é a ausência de necessidade de me comunicar com minha família, amigos. Em pleno século XXI, quem consegue viver sem tecnologia?

NACIONAIS - ACHERON

Sem redes sociais? *WhatsApp* e seus afins? E como se essa necessidade tivesse simplesmente desaparecido de dentro de mim. Estamos num vilarejo que tudo que eles conhecem como tecnologia de ponta é um lampião. E não esboçamos nenhuma reação, aceitamos como se nada significasse e o pior não há em mim a menor vontade de mandar uma mensagem **sequer** para meus pais descrevendo que houve um problema na viagem, que estou bem, que estou... Que estou viva! – Havia um certo pânico em seus olhos verdes.

– Calma Nana, não podemos nos deixar abater com essas questões que por mais que sejam pertinentes só vão embaralhar ainda mais nossas mentes e... – E foi aí que notou que olhar dela tinha petrificado nos dele. – O que foi? – Preocupado investigou.

– Do que me chamou? – ela perguntou bem baixinho. E então Guto também alcançou o seu feito. Nana era apelido que dera a jovem desde sempre. Apenas ele a chamava assim. Não se deu conta que aquilo havia saído de seus lábios no mesmo tom de preocupação que tinha por ela quando ainda estavam juntos. Desconcertado, mordiscou os lábios, passou a mão pela barba agora por fazer e tentou consertar a situação. – Me perdoe, foi insolência da minha parte. Não há mais intimidade entre nós para eu te... – Morgana imediatamente colocou dois dedos sobre a sua boca e o replicou:

– Não há mais intimidade?

Ele emudeceu sentindo-se quente por dentro. Como se

estivesse prestes a ebulir.

– Intimidade não morre, Guto, apenas adormece. – afastando-se dele e lhe dando as costas. – É como uma semente, se a gente regar a tendência será só crescer e crescer... – e foi quando num arrojo de volição a puxou pelos quadris erguendo até a sua altura de seu rosto dada a sua baixa estatura e simplesmente a beijou como da primeira vez em frente da Praia da Vila em Saquarema. Sentir os calor dos lábios dela foi como parar o tempo, era sentir algo incendiando por dentro dele sem chamas acesas, era como acordar de um longo inverno, e essas sensações o fazia sentir um super homem capaz de ir a qualquer lugar e ir onde quer que fosse dentro ou fora do planeta. O roçar da pele dela na sua ainda farfalhava do mesmo jeito era delicado e ao mesmo tempo atraente capaz de arrepiar todos os pelos do seu corpo de uma só vez sem deixar lacunas ou transparências e indo até os poros. E sim, era como se o tempo jamais tivesse passado.

– Por favor, Guto, pare! – ela se jogou para trás como quem não quisesse aquele momento. Com um ar de repugnância.

– Desculpe... Eu não... Perdoe-me... – Sem saber ao certo o que lhe falar, porque tudo que vinha a mente do Físico eram três palavras crucias: “*Eu te amo!*”

– Isso não deveria ter acontecido. Não deveria! Sou uma mulher decente, meu marido morreu há cinco meses. Sinto-me culpada pela morte dele, na verdade sou e ponto,

nada mudará isso, ouviu bem? – Andando de um lado a outro.

– Nana... – sendo talhantemente cortada por ela com o dedo indicador erguido.

– Morgana! Escutou? Para você, Morgana!

– Você deveria considerar de quem morreu foi ele não você. Pelo menos é o que achamos até agora.

– Do que está falando, Guto? – visivelmente irritada.

– Como disse, estamos num lugar esquisito, cercados de comportamentos esdrúxulos e atitudes bizarras, sem tecnologia, sem vontade. E se morrermos?

– Não diga bobagem! – gritou refazendo o coque.

– Pois eu acho bem ponderável. E se for isso, nos condenaram a passar a eternidade juntos?

– Deus não seria tão injusto comigo. – pondo-se a caminhar com passos céleres a frente dele.

Enquanto a via desaparecendo rumo à taberna o moço pensou consigo: *“Ainda mexo com ela, talvez Jordan esteja certo, ainda pode haver uma oportunidade.”*

Já era madrugada quando o som da charrete de Jordan abordou as adjacências de sua casa. Guto e Morgana jaziam cada um em sua rede sem trocar nenhuma palavra desde ocorrido no caminho. No entanto, bastou que o moço mirrado cruzasse a porta para que uma nuvem de perguntas viesse sobre ele:

- E então, o que aconteceu?
- Vão mesmo levar a menininha?
- Como Malena está?
- Quem são aqueles homens, Jordan?

Jordan esperou que percebessem que só se pronunciaria quando ambos se calassem, o que levou alguns minutos. Quando os dois se calaram, ele se arrastou até um banco e se ajeitou como podia. Olhou para Morgana e Guto e disse:

– Na vida nem tudo pode ser como almejamos. Assim são com os desejos, – o que fez Guto recordar-se do beijo que roubara de Morgana. – com as pessoas, com as atitudes e até mesmo com os lugares que passamos enquanto prosseguimos em nossa jornada.

– Mas Malena... – atravessou a moça que foi cortada por um olhar terno, porém taxativo de Jordan que continuou sua explicação.

– Sei que há muitas questões em suas mentes. Mas enquanto estiverem em Velha Esperança precisaram se adaptar aos costumes que a vida impõe por aqui. Aqueles homens que viram, são chamados pelo povo *de Os Homens de Cinza* ou *Os Homens da Areia*, nomes distintos para mesma definição. São vistos como mensageiros, emissários, anjos até mesmo espíritos por alguns. O envelope que eles trazem tem dentro de si como Morgana leu uma passagem com data e hora marcada para que a pessoa que tem o seu

nome ali escrito deve se apresentar na Estação da Despedida para partir da... – sendo interrompido desta vez por Guto.

– Da cidade?

– Não. Deve partir da vida.

– O quê? – contrapôs Morgana.

– Como assim da vida? – Foi à vez de Guto.

– Se permitirem... – rogou o moço outra vez e ambos se calaram espantados e ansiosos por respostas.

– As pessoas que embarcam na Estação da Despedida precisam ter recebido um envelope. E quando isto é feito, elas partem desse mundo para o além.

– Morrem? – replicou Morgana inda mais confusa. – Mas morrem como?

– Aqui todos são avisados com antecedência de quando terão que findar sua jornada. Os adultos têm sete dias, e as crianças três.

– Isso só pode ser brincadeira sua, Jordan! – Gritou Guto passando as mãos pela cabeça indo de um lado para o outro. – As pessoas não morrem assim! – contestou.

– Como lhes disse, cada lugar tem seu jeito próprio de ser. Aqui todos são avisados.

– Mas é desumano! – contestou Morgana.

Jordan replicou sua colocação:

NACIONAIS - ACHERON

– Desumano? Por quê? Pense bem, você tem sete dias para pôr a vida em ordem. Tentar consertar erros, festejar, dizer às verdades que ocultou valorizar quem realmente ama. Não há acidentes, doenças, tampouco fatalidades. Existe apenas o partir. A pessoa tem o direito de ir em paz.

– Mas uma criança, Jordan? – rebateu Guto uma vez que era pai.

Jordan respirou e replicou:

– Mas, de onde vocês vieram crianças também não morrem? Não é do mesmo jeito aos olhos dos homens desumano, atroz, doloroso por se tratar de um ser tão pequeno e indefeso começando a entender o que é a vida?

– Sim, porém...

– Porém o que, Guto? – insistiu Jordan.

O Físico se calou. Morgana foi além.

– Sendo assim, daqui a três dias Malena terá que levar Joele a Estação às duas horas da tarde para vê-la partir para sempre?

Jordan foi enfático em sua resposta:

– Exatamente. É o que acontecerá. – e desceu do banco indo tomar um pouco de água e em seguida direcionou-se para sua rede.

CAPÍTULO IV

Morgana

Saber que Malena teria que deixar sua pequena menina ir dali a três dias deixou Morgana petrificada. Pensava consigo como faria se estivesse no lugar daquela mãe. Como agiria? O que faria? Foi quando um pensamento lhe tomou de tal modo que sorrateiramente a Professora saiu de seu cantinho na taberna e espreitou-se de um lado até chegar a Guto que também jazia acordado pelos fatos vivenciados, e não pensou duas vezes ao segurar sua mão que o puxava para juntos saírem daquele recinto. Morgana não queria que Jordan escutasse o que havia raciocinado.

Assim que correram e julgando ser um local de distância considerada, ofegantes agacharam entre a relva seca e a moça desatinou a falar:

– Vamos fugir? Vamos ajudar a Malena fugir?

– O quê? – indagou o rapaz passando a mão esquerda pela testa para limpar o suor da breve corrida. – Como assim? Do que está falando, Morgana?

– Não ouviu? Como do que estou falando? De fugir? Podemos evitar que Malena tenha que deixar sua filha partir, Guto! Basta fugirmos, se ela for embora daqui não terá que entregar a garotinha. – Ele viu nos olhos dela uma alegria que o fez rememorar uma passagem deles no passado.

– Morgana, não é tão simples assim. Não pode ser! – disse o Físico mostrando-se racional.

– Como não? – a jovem ergueu-se sobre a lua clara pondo as mãos na cintura, gesto conhecido de Guto, pois era sempre o mesmo que fazia quando era contrariada.

– Morgana... – sendo atropelada pelos seus adágios.

– E se fosse a sua filha? Se fosse seu Davi? Não estaria disposto a fazer o que fosse simples ou complicado para tentar impedir que uma coisa dessas acontecesse? – Guto a puxou pelo pulso para baixo e ambos caíram prostrados no chão.

– Será que não percebe? Não entende? Trata-se Da...

– Da morte, Guto! – gritou sendo abafada pela palma da mão direita dele.

– Morgana, não podemos interferir no curso das coisas aqui, desse jeito, afinal aqui somos apenas e tão somente forasteiros, nada mais. Lembre-se do que Jordan nos disse que cada lugar tem seus costumes, hábitos... – outra vez sendo interrompido por ela.

– Trata-se de tentar impedir que a morte leve uma garotinha com um ano e meio de idade!

– Você não compreende... – Tentou o moço de novo.

– Espere aí, você é que não entende. Se estivéssemos em nosso lugar, mundo, ou seja, lá o nome que queira dar. Se

uma vida está perecendo, lutamos com todas as forças para tentar evitar que o pior aconteça. Se vai dar certo ou não, ninguém sabe, mas tentamos! – olhando fixo nos olhos dele. – *Enquanto há vida, há esperança, Guto. Lembra-se disto?*

– Sim, eu sei... – Morgana levantou-se e pondo a mão no rosto dele gritou:

– Chega! Já entendi! Demorou, porém já compreendi. Você não quer se comprometer. Exatamente como fez quando eu te propus que fugíssemos quando soube que Lana estava grávida. Propus que fugíssemos, você assumiria a paternidade, seria pai de verdade e continuaríamos juntos. Tirei dinheiro da minha caderneta de poupança na época, que era para as despesas da minha então futura faculdade para comprar as passagens para São Paulo, aluguei um *kitnet*, preparei tudo e na hora de entrar naquele maldito ônibus você fez esse mesmo papelão! – percorrendo com a mão do rosto a cintura dele. – Tão digno de sua pessoa! – ironizando o fato e visivelmente com os dois pés no passado.

– Morgana... Não podia abandonar a Lana grávida. – rebateu em tom suave e macio.

– Ah não, eu sei. Como um homem tão justo, honesto poderia deixar a melhor amiga da noiva que ele engravidou a Deus dará, não é mesmo? Eu só não compreendo é como esse mesmo cavalheiro não teve a mesma hombridade antes de tirar a calça e se deitar com ela ou não foi preciso nem tirar a roupa? – lançando um olhar que lhe despedaçou a alma. Guto

sabia que Morgana estava certa. Ela tinha um milhão de razões para odiá-lo, na época a proposta da casta moça de família lhe pareceu uma grande prova de amor. Ele sabia o quanto todo aquele esforço era demasiado e dolente para ela, afinal, Morgana fora criada para ser esposa de um pastor que provavelmente substituiria seu pai nos planos deles. No entanto, vem Deus e escreve como deve ser o roteiro, onde na maioria das vezes muitos porquês não são respondidos e sim para qual finalidade. O rapaz sempre entendeu que dizer na hora do embarque: “– *Eu não vou com você porque vou ficar com ela.*” – teve um peso fatal para o rompimento que neste instante passou a ser definitivo. Entretanto, fora também no que havia aprendido com o pai de Morgana, nas atitudes que um homem de princípios deve ter que o moço resolveu que assumir Lana e seu filho era o mais acertado a fazer. Guto sentia que precisava arcar com as consequências de suas escolhas, mesmos as erradas. Davi jamais foi visto como um erro e sim seu maior Tesouro, contudo ele nunca fez esforço algum de esconder de si mesmo que Lana era a maior falha de sua vida, e fazia isto por compreender que a pior mentira é aquela que contamos para nós mesmos e fazemos dela uma verdade espelhada.

– Sabe o que mais me dói... – lançou Morgana cruzando os braços agora com a voz embargada. Guto somente abaixou a cabeça pondo-se a escutá-la. – Naquele dia que embarcamos para essa viagem, onde nem em mil anos poderia supor que a vida nos colocaria frente a frente outra vez, a primeira frase que você me falou foi exatamente a mesma do dia em que

comunicou debaixo de uma tempestade torrencial entre ventos e trovões na Rodoviária Novo Rio, que preferiu ficar com Lana do que comigo. Quando cheguei, tola, apaixonada e cheia de esperanças para uma vida juntos, você não me abraçou, apenas disse: “– *Segure a saia!*”, muitas noites iguais aquela fiquei me cobrando como pude não ter visto que a sinceridade dos seus olhos tinham partido? Como?

– Morgana... – Guto queria encontrar as palavras certas para aquele momento. Mas as mesmas o deixara em pleno desespero, angustia e solidão diante da jovem. Dentro dele tinha um poço de explicações, todavia do que tais explicações adiantam perante o inexplicável? Só dissera aquela frase porque foi à última coisa boa que guardou no fundo do peito de ter dito a Morgana antes de cortar todo vínculo com ela. E naquele dia em que a viu outra vez no embarque na estação do Expresso do Oriente, foi como por impulso repetir a última coisa boa que pronunciara a mulher da sua vida.

– Acho que fez de propósito! – acusou-o sem pestanejar. Do jeito que gosta de ironizar, debochar da cara das pessoas, acho bem provável, quer dizer bem possível que tenha dito de propósito só para me machucar de novo. Como pode ser tão vil? Tão cruel? Como consegue? – limpando os olhos vermelhos cheios de lágrimas. – Quer saber, eu vou ajudar Malena a fugir. Não importa o que pense, ache. Nunca importou mesmo!

– Morgana... Vamos conversar... Não é essa a minha intenção... – rogou vendo a romper como um vento em

direção à taberna mais uma vez com a mesma mágoa, mesmo ódio, mesmo carrossel de emoções e desilusões como naquele dia da Rodoviária. E foi nesse momento que recordou da melodia de *Ana Carolina e Seu Jorge* que cantarolava na plataforma:

É isso aí

Há quem acredite em milagres

Há quem cometa maldades

Há quem não saiba dizer a verdade

É isso aí

Um vendedor de flores

Ensinar seus filhos a escolher seus amores

Eu não sei parar de te olhar

Não sei parar de te olhar

Não vou parar de te olhar

Eu não me canso de olhar

Não vou parar de te olhar

E Guto viu que não estava apenas sofrendo e sim que ainda fazia sofrer.

Enquanto volvia pelo caminho, Morgana ponderou que parar de chorar pelo episódio seria o mais digno a fazer. Afinal, depois de tanto tempo Guto não merecia dela nem sequer um cumprimento que dirá lágrimas.

E foi então que pensou no beijo.

Refletiu também porque não tinha pensado nele antes e um risco de riso surgiu nos seus olhos. Somente isso, um risco de riso, o vulcão que veio a seguir ofuscou terminantemente toda e qualquer fagulha de bem querer daquele beijo, ainda que tenha sido doce, intenso e altamente provocador em todas as nuances do seu corpo.

Havia um lado negro nela que pouquíssimas pessoas conheciam, nem mesmo o próprio Guto tinha conhecimento desse lado escuro da alma da jovem. Somente ela, sua mãe e o próprio Deus. Morgana era demasiadamente vingativa, tinha um prazer mórbido de ver alguém mal, alguém que a fizera algum mal. A vida inteira lutou contra aquele sentimento obscuro, feio e triste, porque no fim a vingança só é tristeza, não importa para que lado for. No fim é somente um cálice vazio, mas cheio de desgosto. Contudo, desde que Guto a deixou, embora orasse muito para que Deus retirasse de si esse sentimento tão enegrecido, ela sabia que o cultivava nas entranhas da alma. Havia uma Morgana que o queria vendo sofrer, rastejar, sem mulher, sem o filho, sem nada, sem

sentimentos, culpado e destruído. E o rever, estar em convívio com ele numa situação tão inóspita a fez revolver essa lama na alma onde por um lado a fazia bem vê-lo mal e saber que suas palavras podiam machucá-lo ao ponto de deixá-lo ainda pior. Era uma sensação de poder que a invadia de quem ainda tinha nas mãos a espada que determinaria se o jovem viveria ou morreria. Ela sofria ao voltar e remexer em cada pedacinho do passado deles, porém isso de um modo muito doentio era confortante a sua alma. O sofrimento dele causado por ela, dava a moça uma sensação de dever cumprido, e aquele beijo só aumentou dentro dela esse poder. Perceber o quanto ainda podia agitar tanto Guto, fez Morgana senhora de si de uma maneira torpe, cruel, mas ainda apesar de tudo dentro da condição humana.

CAPÍTULO V

A FUGA

O sol mal colocou seus primeiros raios sobre Velha Esperança quando Malena, depois de uma noite em claro, somente contemplando sua Joele e como teria que cumprir com o ritual da despedida, levando na casa da família e amigos ouviu batidas curtas, mas contundentes em sua

simplória porta. Ao abrir, o susto foi inevitável.

– Morgana? – trazendo a mão ao peito. – O que faz aqui tão cedo?

A jovem rompeu a porta e a fechou imediatamente, em seguida puxou Malena para um dos banquinhos de bambu e foi enfática:

– Tenho um plano para que saia daqui com seus filhos!

– Plano? – repetiu Malena surpresa com a colocação de Morgana.

– Escute, Malena. – apanhando as mãos da mãe. – Sei que nos conhecemos muito pouco, no entanto, pondo-me em seu lugar, e pensando se caso fosse com minha filha... – Malena sorriu serenamente e passou a mão em seu rosto pedindo:

– Acalme-se criança. Acalme-se. Deus está no controle de tudo! – O que causou espanto na moça com a tranquilidade de espírito da mãe.

– Malena, vão levar sua filha! Pensei em fugirmos! Olha, podemos seguir pela estrada que nos trouxe até o vilarejo, eu e Guto, quer dizer, eu sei onde há uma outra linha ferroviária, a linha que eu seguia no Expresso do Oriente, se chegarmos até lá, ainda que demore alguns dias, podemos esperar o próximo trem ou alguém pode surgir e nos ajudar. Há um modo de ...

Malena parou, ergue-se, andou de um lado para outro

NACIONAIS - ACHERON

lentamente, e por fim completou um pensamento:

– Está me propondo fraudar o convite e não comparecer para a viagem de Joele?

– Fraudar não seria exatamente a palavra, mas sim, a intenção é essa mesma. – sendo sincera.

– Impossível! Isso é um...

– Crime? – completou a moça achando estranha a atitude da mãe.

– Não é crime. Aqui não é visto como crime.

– Então é perfeitamente possível! – sorriu.

– Morgana, como posso explicá-la. – salteando os dedos no ar.

– Não precisa, só venha comigo, partimos pela manhã. O que me diz? – Como quem não pudera revelar um segredo, Malena aceitou o plano de Morgana.

A moça voltou para taberna com o coração leve de que haveria uma oportunidade para aquela mãe e seus filhos, sobretudo para a encantadora Joele fora daquele vilarejo. Ambas começaram os preparativos. Malena arrumou as crianças e fez uma pequena trouxa com algumas roupas, tudo que tinha para comer e uma botija de água. Explicou as crianças o que cometeriam e porque fariam segredando nessas partes, e aguardou que Morgana viesse com sua mochila. Pouco antes do novo dia chegar, as batidas se deram na porta

de novo e apanhando os pertences e as crianças, Malena saiu da pequena casa com um sorriso agradecido ao encontro de Morgana. E como Morgana estava feliz, parecia uma roseira florescendo em plena primavera. Pegou pelas mãos os dois maiores enquanto a mãe carregava a trouxa e Joele adormecida pela cintura. Quando estavam prestes a romper os domínios de Velha Esperança escutou um ruído que vinha de trás de uma enorme e robusta árvore, imediatamente se olharam e Morgana pensou em Jordan. Que Guto poderia ter contado sobre seu intento, no entanto o que escutou:

– Segure a saia! – Sim, era ele. Pensara consigo se por duas vezes dissera a ela tal frase por momentos tão complexos, por que não dizer agora como quem quer se retratar. Morgana ficou abismada ao ver Guto ali com sua mochila pronto para viagem. – Morgana, achou mesmo que eu a deixaria partir sozinha? – com um riso espontâneo. – A jovem restou agradecer:

– Muito obrigada. – olhando para Malena e as crianças e em seguida sofrendo com as ironias do moço.

– Todo mundo sabe que você sem mim não duraria nem dez metros. – apanhando a bagagem delas e completando: – O seu lado lógico é emocional demais para isso. – gargalhando e fazendo mãe e filhos rissem também.

– Idiota. – Pondo-se a caminhar em passos largos que foram descontinuando na medida em que pensara consigo a razão pela qual fizera Guto voltar atrás em sua decisão e

juntar-se a eles no plano de fuga. Os adágios da moça logo foram interrompidos ao notar que nuvens gigantescas carregadas surgiram do leste para oeste. Não demorou muito para que um aguaceiro descesse sobre eles dificultando ainda mais o trajeto e cada passo. Ainda assim, Morgana permanecia na certeza de que logo chegariam a ferrovia do Expresso do Oriente e que um dia aquela seria uma bela história a se contar para seus netos, e quando pensou na palavra “netos” imediatamente seus olhos fitaram Guto e uma pergunta a inundou como aquela chuva a sua roupa: “*Será que ele estaria lá?*”

– Morgana, está vendo o que estou vendo? – Guto pareceu afoito.

Era uma luz bem ao longe. Uma luz bem fraca, mas ainda lá como um fio de esperança.

– Será que é a ferrovia? Com essa chuva não dá para saber o quanto andamos!

Malena nada dizia tampouco suas crianças. Prosseguiram naquele caminho inconveniente, chuvoso e tão desconfortante. Os tênis de Guto de tão encharcados a cada pisada espiravam quase um balde para fora. Passado mais alguns quilômetros a luz foi ficando mais evidente e alegria de Morgana e Guto também.

– Agora quero ver a cara do Sinval! – Bradou o moço.

Morgana regozijou-se por saber que livraria Joele daquela viagem tenebrosa e por dar àquela mãe a alegria de

NACIONAIS - ACHERON

continuar sua vida com seus filhos mesmo que em outro lugar. Mas o Destino não pensava da mesma forma. Ao se aproximarem metro a metro o que seus olhos viram não foram os grandes trilhos da linha que almejavam, para sua surpresa o que viram foi a parte de trás da taberna de Jordan. Sim, eles caminharam, e caminharam em meio toda aquela tempestade para voltarem de onde tinham partido. Haviam andado em círculo, embora estivessem numa linha reta.

– Não pode ser! – Guto exclamou largando as malas no chão e elevando as mãos à cabeça.

– Voltamos à taberna? – indagou Morgana totalmente frustrada.

Malena rompeu o silêncio com a menina ainda na cintura.

– Foi isso que tentei dizê-la Morgana. Diante de toda sua boa vontade acabei me calando, contudo avisei aos meninos do que nos aconteceria. Outros já tentaram a mesma coisa. Não há como fugir ou sair de Velha Esperança sem que seja pela Estação e para sair pela Estação é necessário receber o convite. – embargando a voz. Morgana a abraçou junto com a garotinha.

– Sinto muito, Malena. Eu queria tanto poder...

– Não sinta. Todos sabem que este é o nosso fim. Tudo que vive um dia tem que... – beijando sua filha e agarrando contra o peito, e em seguida apanhando os outros dois e indo para sua casa e de repente as nuvens dissiparam-se e tudo

NACIONAIS - ACHERON

voltou ao que parecia ser antes e Morgana apenas indagou:

– Que lugar é esse?

Capítulo V

A Batalha

Ao voltarem para a taberna, Jordan os aguardava. Eles entraram mudos e tristes, o anfitrião tratou de servir uma bebida quente e trouxe toalhas limpas para se enxugarem. Morgana quebrou o silêncio:

– Por quê?

Jordan respirou e enquanto colocava um pouco de açúcar em sua xícara respondeu:

– Às vezes as coisas precisam ser como tem que ser. E isso não significa que seja fácil ou simples de se entender ou fazer.

Guto começou a falar alto. Estava nervoso e frustrado, foi quando uma sirene ainda não ouvida pelos dois foi soada e a conversa cessou quando Marcus, o vigia que ficava nos arredores do vilarejo, bateu à porta da taberna e antes que Jordan pudesse abri-la, mesmo agora com mais facilidade em se locomover, o rapaz adentrou ofegante e sobressaltado.

– Estão vindo Jordan! – com um olhar espantado. Jordan o olhou serenamente e apenas replicou:

– Muitos? – investigou como se soubesse o que estava por vir.

– Milhares Jordan. O maior exército que já tivemos que enfrentar.

– Exército? – perguntou Guto. – Mas que exército?

Morgana sentiu algo ruim invadir o coração. Sem pensar, agarrou-se a mão direita de Guto que a apertando em retribuição deu-lhe um olhar de que tudo ficaria bem.

– Acharam mesmo que suas atitudes em tentar fugir de Velha Esperança com Malena e seus filhos não traria nenhum

tipo de consequência sobre o vilarejo? – indagou Jordan, já remexendo numa espécie de baú e retirando dele um arco e flechas.

– Mas quem é essa gente? – investigou Guto preocupado.

– Que devo fazer? – quis saber Marcus.

– Soe a trombeta Marcus, avise ao povo que vá para o refúgio e fiquem lá até que tudo se acabe e eu mande alguém avisar que tudo está bem.

– Perfeitamente Jordan, com licença. – Saindo desatinado.

Guto e Morgana se entreolharam e foi então que seu anfitrião lhe falou:

– Venham comigo, vocês virão comigo.

Saindo da taberna, viam as pessoas correndo para uma mesma direção. Eram mulheres, crianças, homens e idosos, todos indo em direção as montanhas que ficavam ao lado contrário de Velha Esperança. De repente aquele lugar semelhava uma cidade fantasma, sem o **menor** viço de vida.

Jordan subiu em sua charrete com Guto e Morgana e tocou para o lado contrário, indo para outra montanha, a Montanha das Batalhas como no caminho ele explicara aos dois. Era um lugar seco e cheio de pedregulhos, do cume onde pararam puderam ver um imenso vale e lá também viram uma das piores visões que seus olhos já haviam contemplado.

Milhares de seres que em nada eram humanos naquele vale enfileirados, armados com objetos que lembraram espadas, fundas e lanças. Eles eram de tamanhos variados, semblantes escuros e exalavam um odor forte de enxofre. E era possível ver ainda que de longe uma sede de destruição muito grande em cada um deles. Emitiam sons como grunhidos alarmantes e incompreensíveis.

Morgana abaixou a cabeça, dando entender que sabia do que se tratava. Ela já os vira antes. Muitas e muitas vezes no decorrer de sua vida, mas nunca no mesmo plano que ela. Eram em sonhos ou visões. Jordan intuindo o que ela sentira, segurou forte sua mão direita dizendo:

– Não tema. – Guto ao ouvir o curto conselho do amigo entrou em desespero.

– Não tema? Sério, Jordan? Mas o que é isso? – apontando para o exército lá em baixo. – Quem são esses caras?

– Não temos tempo para responder tantas perguntas, meu amigo. Tudo que posso lhe dizer – ajeitando o arco em seus braços e pondo dúzias de flechas nas costas – é que eles estão aqui por causa de vocês dois. Vieram quando souberam que tentaram sair de Velha Esperança com Malena e suas crianças. Vieram buscá-los.

– Oi? – Gritou Guto. – Como assim, buscar-nos?

– Lembra-se do que Sinval lhe falou? Não saiam sem suas passagens! E o que vocês fizeram? – Guto suava frio e

NACIONAIS - ACHERON

nervoso para aquilo que semelhava o antigo exército chinês do Imperado Qin. – Eles vão nos trucidar em segundos! – berrou.

Jordan olhando-os, foi assente em sua colocação.

– Isso é o que eles também pensam, mas não vão conseguir.

– Jordan...É impossível! – rogou Guto, desesperado.

– Dias atrás disse que confiava em mim Guto, lá atrás da Taberna, recorda? Peço que confie mais uma vez. Temos o que precisamos.

– Medo? – Guto foi sarcástico.

– Não faz ideia de quantas vezes já tive que enfrentar o povo do Vale. Eu tenho do meu lado um dos melhores Físicos do mundo e uma moça que além de Professora de História também já teve alguns embates com eles. Podemos e vamos vencê-los.

– Mas como? – Guto suplicava.

– Jordan tomou a dianteira, armou a primeira flecha mirando para o alto perguntando-os:

– Morgana, os maiores exércitos da História foram derrotados do mesmo modo, qual? – Ela soltou da mão de Guto e respondeu:

– Derrubando seu general. – e completou. – Derrube o general e você derruba o exército.

– Guto, num vale como esse quais chances de criarmos água em grande quantidade e ela não acabar em contato com areia?

O rapaz volveu sua mente para seus conhecimentos analisando todo ambiente e redarguiu sem pensar:

– É areia! Mesmo criando, será absorvida pela areia. Ela será consumida!

Ainda mirando para o alto e sem pressa alguma Jordan rebateu:

– Você é um cientista é sua obrigação encontrar um meio. Vamos, Pense!

O rapaz tentou esvaziar sua mente da situação e começou a raciocinar fria e logicamente com aquilo que tinha. Foi então que recordou do experimento simples da areia que não molha feita a partir da areia comum e a mistura do DEET, composto usado para elaboração de repelente para mosquitos. Indo a fundo recordou que um dos componentes do DEET era o óleo de eucalipto Citriodora, quando a areia é banhada pelo óleo eucalipto em grande quantidade, ao ser jogada num recipiente de água ela não se deixa ser tocada pelas moléculas da água, pois o óleo reage como se fosse uma película protetora para o contato.

– Jordan, há o óleo de eucalipto, mas teria que ser em

imensa quantidade e tempo para a areia seja embevecida e assim que a água entre em contato ela não seja absorvida fazendo assim com que o vale se tornasse uma grande piscina. Nessas condições, é impossível!

O pequeno retirou os olhos por um segundo da flecha em seu arco e volveu a cabeça para os lados do vale apontando.

– Eucaliptos como aqueles ali que cercam o Vale das Batalhas? – Morgana se arrepiou toda e exclamou sobressaltada ao notar que árvores que cercaram o vale eram frondosos eucaliptos.

– Aleluia!

Guto boquiaberto por não ter percebido também acenou com a cabeça para o amigo. Jordan os fitou dizendo:

– O plano é o seguinte, eu criarei uma avalanche fazendo as árvores descenderem. Quanto tempo acredita que seja necessário para que o óleo penetre?

– Teria que ser aquecido, Jordan.

– Darei um jeito. – sendo convicto.

– Bem, umas duas horas pelo menos. Mas não vamos durarmos nem cinco segundos! – Guto tremia cada vez que olhava para o exército que jazia parado esperando que descessem.

– Não, nós vamos conseguir sim! – tomou a frente Morgana. – Deus está conosco, eu sinto isso— Jordan sorriu como quem intuísse o mesmo que ela.

– Deus? Sério? – contrapôs Guto, irritado.

– Morgana desça com Guto, você sabe o que fazer caso eles ataquem não sabe? – ela assentiu a cabeça confiante.

– Mas, Jordan... – Guto rogou.

– Confie em mim Guto e faça o que Morgana mandar. Você terá os eucaliptos e nós a tromba d'água para retardá-los e por fim a destruição deles virá diante dos nossos olhos. – e seguiu rumo aos eucaliptos.

– Esse rapaz é muito louco! – desabafou Guto, transtornado. Porque aquilo em si era uma grande loucura. Eles não tinham chance de vitória ou de qualquer tipo de êxito.

– Melhor irmos. – disse Morgana. Guto sacudia a cabeça sem concordar com aquilo que aos olhos de qualquer mortal seria um massacre. Desceram emudecidos. Morgana não tanto, pois em sua mente ela orava incessantemente para que Deus os desse força e sabedoria para saber sair daquela situação assombrosa até mesmo para uma mulher de fé como ela.

Lá embaixo tudo era muito mais intenso. A quantidade, o odor, a disposição em destruí-los. O moço a fitou com medo.

– Morgana...

Imediatamente ignorou a posição de ataque deles e se pôs à frente de Guto segurando seu rosto como os braços esticados e foi firme:

– Me escute, me ouça com muita atenção, Guto. Não dê importância a aparência deles, é disso que se alimentam, do seu medo. Não importa forma que tenham, ignore! Olhe para eles de igual para igual. Embora não sejam humanos, mas aqui somos iguais.

– Do que está falando?

– Se estivéssemos em nosso plano seríamos superiores, mas aqui, aqui somos iguais. Não tenha medo, não estamos sozinhos, esse é o segredo.

– Como não?

– Me ouça, lute de igual para igual e não esqueça que não estamos sozinhos! – apertando seu maxilar.

– E temos quem? Deus?

– Jordan. Temos Jordan, lembre-se do pedido que ele te fez que confie nele de novo. – e essa frase fez com que Guto tivesse um pouco mais de autocontrole, pois de alguma maneira a figura de Jordan lhe dava essa paz e essa segurança de que tudo iria ficar bem.

Ele cerrou os punhos e pela primeira vez desde que chegara ali olhou para aqueles milhares como se fossem como

ele. E um alento lhe veio assim como uma força em seus punhos e uma certeza de que sim, era possível vencer aquela batalha. Em seguida, um caminho largo se abriu em meio ao exército e uma criatura maior e mais forte que todas as outras bramiram dando a voz para o ataque. Todos os demais grunhiram mais forte e mais alto e imediatamente Morgana cravou os joelhos no chão e Guto espantou-se com sua reação:

– Morgana, por favor, não é uma boa hora para suas preces!

A moça o olhou e rebateu:

– Nunca me ajoelhei em hora tão apropriada, Guto. – E ao voltar os olhos para aqueles seres viu que partiam para cima deles. Com a força que sentia dentro dele e o alerta da jovem de igualdade não pensou duas vezes em encará-los como os garotos do bairro quando criança. Um flash o fez lembrar que sempre fora bom de briga e sabia com certa maestria desferir golpes num banzé de rua. Guto passou pelo primeiro, segundo, mas no terceiro encontrou um imenso, havia sangue saindo por algo que lembrasse ser a boca da criatura. De repente a voz de Morgana foi ouvida em meio aquele alarido:

– De igual para igual! – Ao voltar o rosto foi nocauteado por um soco que levou ao chão cinco metros longe do ponto onde estava, foi então que o Físico se deu conta de outro detalhe. Todo aquele exército lutava, desferia

golpes com outros seres que até então ele não havia notado de tão concentrado em sua luta pela sobrevivência. De repente, o Físico via ao seu lado um batalhão de seres que lembravam homens fortes, viçosos, com espadas que ofuscavam seus olhos como pedaços de raios e escudos que reluziam como ouro cravados de letras que ele desconhecia. E Guto confiou ainda mais em Jordan pois vira que o amigo não o deixara sozinho, certamente aqueles seres eram amigos do pequeno Jordan. Ao tentar levantar-se a mesma criatura cravou ao seu lado esquerdo do rosto passando milímetros uma adaga que escorria o mesmo sangue de sua boca e pela primeira vez disse algo que o rapaz entendeu:

– Eu vim buscar você! Eu quero você! Você é meu! – um arrepio correu dos pés a nuca do moço que se lembrou do dito de Morgana e Jordan, que não temesse.

– Acho que veio no endereço errado! – replicou e rapidamente ergueu-se fugindo de outro dois golpes do ser que cada vez ficava mais enfurecido com sua ligeireza.

Eis que numa força descomunal ele começou a dar socos certos naquela criatura que parecia a princípio tão gigantesca, e de repente o percebeu rolando no chão consigo agora prestes a ser derrotado. E antes do golpe final, o jovem o avisou:

– Nunca te pertenci!

Foi quando um estrondo tomou todo lugar, e ao olhar para cima viu a imensa floresta de eucaliptos vindo de ambos

os lados para onde se dava a batalha. Célere e aos berros chamava a moça:

– Morgana! Morgana! Morgana! Olhe! Jordan conseguiu!

Morgana por um minuto parou e também viu diante de si as grandes árvores que vinham em sua direção. Guto correu a garota com esforço, até que conseguiu alcançá-la e quando tentou arrastá-la para juntos correrem, Morgana outra vez foi assente:

– Não, Guto! Não somos nós quem precisa correr!

– Está maluca? Olha a sua volta! A avalanche vai engolir todos! – Ela segurou seu braço um tanto machucado com pequenas escoriações e repetiu:

– Nós não vamos sair daqui, Guto. – relembrando o que Jordan o advertira que fizesse o que a moça ordenasse, confiou e foi delicadamente puxado para baixo onde se ajoelhou com ela, que fechou seus olhos do jovem e em seguida os dela.

Guto fechou com toda força seus olhos crendo que seria o seu fim e se isto fosse por confiar em Jordan e em Morgana, sabia que era o melhor para ele. No entanto, por mais que sentisse literalmente os troncos das árvores roçarem seu corpo ou passarem por suas cabeças, dentro dele indagava-se como aquilo poderia ser fisicamente explicado?

Houve um silêncio. Tudo se aquietou. Morgana

mantinha os lábios em oração, contudo Guto não resistiu, abriu os olhos e a cena que viu deixou o Físico ainda mais perturbado. As árvores se aglomeraram entre eles e o que restara do exército inimigo, e aqueles que estavam lutando ao seu lado, sincronizadamente ergueram suas espadas que semelhavam raios e em direção ao céu lançaram onde se convergiram todas numa única direção e repentinamente nuvens aglomeraram sobre o Vale da Batalha e uma tromba d'água caiu do céu que até então era banhado pelo sol escaldante. Em seguida aqueles mesmos seres amigos rodopiaram no mesmo eixo e diante dos olhos dele transformaram-se em flocos de luz indo em direção aos firmamentos. Petrificado com que seus olhos viam, Guto somente deu três puxões na roupa de Morgana. Que não deu importância e seguia focada na sua oração. **O lugar foi lentamente inundado**, o que seria impossível, pois não tinham sido completadas as duas horas que o Físico calculara.

Ele estava sem respostas exatas ou inexatas para aquela situação, pois fisicamente não havia explicação.

Foi quando a jovem ergueu como quem sabia o que deveria fazer.

– Venha comigo, temos chegar até o pé daquela montanha. – arrastando-o.

– Morgana, você quer que cruzemos todo vale?

– Anda, temos que chegar lá. Somente lá estaremos salvos!

– E quem te disse isso? – quis saber.

– Não importa. Pelo menos para você sei que não. Anda, corre!

Ligeiros correram pulando entre os enormes troncos de eucaliptos e a água batendo pela cintura na ânsia desatinada de chegarem ao ponto indicado pela jovem. Entre pedaços de madeira, folhas e destroços dos inimigos Morgana por ser de estatura acanhada acabou presa entre dois troncos grandes. Guto rapidamente tentava empurrá-los para que a jovem tivesse como passar porque a água aumentava gradativamente e agora já batia na altura do rosto da moça. Ele respirou fundo, mergulhou e mesmo com a água turva com o tato conseguiu soltar o pedaço do vestido que havia ficado preso entre os destroços dificultando a passagem.

– Guto, temos um problema! – gritou Morgana após ser liberta.

– O que foi? – questionou preocupado.

– Não sei nadar, lembra? – confessou a moça com um olhar atordado.

– Morgana... Esse tempo todo não aprendeu a nadar? – Recordando que as vezes que tentara ensiná-la acabaram em guerra, pois Morgana não tinha força nos braços para dar as remadas dentro da água. – e agora como a gente faz? A água não para de subir!

– Desculpe Guto, não quero ser um estorvo.

– Não é hora de discussão. Venha, vamos aonde der, de lá levo você nas costas. Vamos, isso aqui logo vai virar um lago dos grandes.

Pouco depois a moça teve que se agarrar ao pescoço de Guto para completar a travessia, a questão era que um dos braços dele se ferira na batalha quando caiu, e o esforço que Guto carecia fazer era cada vez maior e ainda faltava uma parte para abordarem a margem. Entretanto depois de muito empenho, chegaram e a moça teve que ajudá-lo a pisar em solo firme tamanha sua exaustão. Cansados e esgotados subiram mais um pouco até o ponto e ali se jogaram ofegosos. Minutos depois, um barulho começou a ecoar de todos os lados, do chão, dos céus, de todas as partes. Semelhavam pisaduras mas num som muito mais potente.

– Morgana, o que é isso? – perguntou o Físico com um novo receio.

– Nossa ajuda. – respondeu a moça como se entendesse o que estava prestes a acontecer.

– Ajuda? – e cada vez o estrondo ia aumentando. Eram terremotos na terra e trovões e raios nos céus que semelhavam estar prestes a desabar em suas cabeças. Foi quando ao norte, no fundo da linha do horizonte duas patas imensas de enorme um Leão foi apontando e vinha direção ao vale caminhando em sua direção. Era tão gigantesco que somente suas patas e seu rosnado evidenciavam mais nada, mas bastava para sentir que a própria essência da palavra Poder jazia ali. Por onde Ele

passavam nada era destruído, mas transformado, absorto o Físico tomado pelo que via, balbuciou sem se notar:

– Meu... Deus...

Morgana o olhou ligeiramente e sorrindo replicou:

– Sim, é Ele mesmo.

Aquela presença foi aniquilando os mais resistentes do povo do vale, eram bramidos de dor que rompiam de suas entranhas. Não seria exagero nenhum afirmar que era o Bem triunfando sobre o Mal. De repente Leão parou na mesma direção de Guto e Morgana, um rosnado colossal foi dado por Ele aos céus como ordem e um raio potente riscou todo firmamento fazendo com que uma abertura surgisse e toda água fosse sugada para cima, outro episódio fisicamente impossível de se esclarecer. Naquela altura, o jovem cientista já não conseguia separar em sua mente velocidade de espaço ou tempo, pois o que seus olhos viam eram o surreal acontecer. E assim, o vale tornou-se o que era a princípio, seco e desértico. Morgana tremia da cabeça aos pés, o entendimento dela sobre a questão era outro. Compreendia a magnitude de Quem estava ali para salvá-los, quem dera a ordem de protegê-los. Morgana sabia que ela e Guto estavam diante do Leão da Tribo de Judá. Da Onipotente Presença da Deus. Entretanto, tão rápido como veio Ele partiu numa ventania que lançou areia nos olhos dos dois que ainda encontravam-se ensopados d'água. Jogaram-se no chão, Guto tratou de protegê-la mais uma vez da tempestade de areia que

se fez, e passados alguns minutos, veio a calma.

Tossiam sem parar, semelhavam gatos abarrotados com suas bolas de pelos. Por fim, recuperaram o fôlego e sentaram à beira daquela montanha contemplando o sol que estava prestes a nascer, se entreolharam perplexos com que haviam vivenciado, há certas experiências que não tem jeito, nos revolvem de tal maneira que é impraticável insistir na ideia de que ainda somos os mesmos. São divisores de águas em nossas vidas, coisas pelas quais todos temos que enfrentar querendo ou não para um provável bem maior.

Foram duas horas do mais completo silêncio.

Até que Guto o quebrou com um tom meio desconsertado:

– Acho melhor irmos. Jordan deve estar pelo caminho nos aguardando ou quem sabe até precisando de nossa ajuda.

– Morgana acenou com a cabeça, mas por dentro se entristeceu por achar que Guto cria que Jordan necessitasse de algum tipo de socorro. Cansados, esgotados, maltrapilhos e encharcados vieram lentamente cada qual em um canto da estreita estrada, porém mesmo assim o jovem jazia sedento por explicações.

– Morgana... Quem são aqueles seres?

A moça parou e torcendo suas longas madeixas virou-se para ele devolvendo com outra pergunta:

– Está realmente me fazendo essa pergunta, Guto?

O Físico fechou o semblante, mas persistiu:

– Se estou perguntando é porque não sei.

– E por que acha que eu saberia? – outra vez golpeando com indagação.

– Jordan disse que você saberia o que fazer e de fato foi o que aconteceu. Sabia inclusive como lutar contra eles e ainda mais, sabia como evocar os demais que lutaram conosco. – sendo bem detalhista e observador.

A jovem se limitou a falar secamente:

– Tudo que aprendi sobre eles foi na mesma escola que a sua. – referindo-se ao tempo em que eram da igreja de seu pai, o que irritou o moço.

– Não quer que eu creia que aquelas criaturas eram...

– Eu não quero nada! – gritou Morgana apertando o passo. – Quem questionou foi você! Eu não preciso de respostas, as que **tenho** me bastam!

– Morgana... Estamos exaustos, por favor, será que uma única vez podemos conversar sem trocarmos farpas ou rugas.

Ela cessou e cruzou os braços.

– Tudo bem, Guto. Qual foi exatamente a parte lá embaixo que não compreendeu? – Mostrando atenciosa.

– Quero saber quem eram aquelas criaturas, o exército que lutou conosco, como os conhecia...

– Ok. Vamos lá! – Descruzando os braços e parando na frente dele esticando a mão aberta e evidenciando cada fato com um dos dedos. – Um: Aquelas criaturas que desejavam nossas cabeças eram demônios, legiões deles de toda sorte, cor e tamanhos como seus olhos viram. Vir para Velha Esperança foi algo que fazia parte do plano de Deus, só não sei quem pediu isso pois tenho certeza que não fui! Quando tentamos fugir para ajudar a Malena foi como dá-los a oportunidade de nos retirar daqui pois estávamos desobedecendo com rebeldia um desígnio de Deus para nós.

– Mas fizemos isso para ajudar Malena! – rebateu Guto.

– Sim, eu sei. Eu tive a ideia lembra? No entanto, ajudá-la não amenizou o que fizemos. Vou te contar uma história da Bíblia para elucidar o caso: Davi era um homem segundo o coração de Deus e antes dos dias de seu reinado, aconteceu um incidente muito ruim em Israel. Eram os dias do sacerdote Eli, quando Samuel, o profeta, ainda era um garoto que servia no templo. Houve uma grande batalha e os filisteus prevaleceram contra Israel e feriram uns quatro mil homens, então os filhos de Eli, que nem de Deus eram, chegaram à bela conclusão que deveriam levar a Arca da Aliança de Siló até o arraial dos hebreus, para evitar uma derrota ainda maior e assim foi feito. Só tinha um probleminha, a Arca da Aliança não era itinerante, nem amuleto e não deveria sair de seu lugar no meio de Israel, mas aqueles dois não consideraram as regras e levaram a Arca. Foi um grave erro. Primeiro Deus não mandou mudar o domicílio da Arca, segundo Israel

estava em pecado e perdeu vergonhosamente a batalha para os filisteus e a pior parte: os filisteus levaram com eles a Arca da Aliança. É bem como se diz: Além da queda o coice. Agora Israel estava derrotado, humilhado e furtado em seu símbolo maior, a Arca da Aliança.

Como se sabe, Deus resolveu este problema sozinho, até porque Deus não precisa de auxiliares e nem de zeladores de Sua Obra. A coisa ficou foi feia para os filisteus e para o deus deles, Dagom, a Arca foi colocada no templo de Dagom, para azar dele, e aí a humilhação foi total. Humilhados, os filisteus resolveram se livrar da Arca, temendo que coisas piores viessem a acontecer, então a Arca foi devolvida à Israel em Bete-Semes e os hebreus se alegraram muito, mas a Arca ainda não estava em Jerusalém e ninguém sabia como levá-la à cidade de Davi.

Um dia Davi resolveu ir buscar a Arca da Aliança e convocou todo o povo para ir com ele. Foi muita gente, todo mundo alegre, havia cânticos, harpas, saltérios, tamborins, címbalos, trombetas e toda sorte de instrumentos musicais da época. Davi mandou fazer um carro de bois novinho para carregar a preciosa carga e designou dois homens para guiar o carro, Uzá e Aió. A festa estava divina e Davi vinha bem na frente do povo louvando a Deus e dançando. Até aí tudo corria bem, porém os bois tropeçaram e Uzá estendeu a mão para segurar a Arca e foi fulminado por Deus. Isso mesmo, Uzá morreu, porque estendeu a mão e tocou na Arca. Deus não gostou nadinha daquilo.

Nem preciso dizer que a festa acabou na hora. Davi ficou profundamente triste, afinal a intenção era a melhor possível, por que Deus ficou tão bravo? A questão, Guto é que de boas intenções o inferno está cheio. Não adianta boas intenções se você não segue as regras de Deus, aquilo tudo parecia maravilhoso, mas a Lei de Moisés diz claramente que só quem pode tocar na Arca da Aliança são os levitas e só depois de se purificarem e que a Arca só pode ser transportada nos ombros dos levitas. Aquele carro de bois novinho não fazia parte da regra. Os melhores condutores de carro de bois de toda Israel, Uzá e Aió, eram excelentes no ofício, mas não eram levitas. A Lei Mosaica era meticulosa quanto ao transporte da Arca, que deveria ser sempre levada nos ombros dos levitas, filhos de Coate. Havia todo um ritual instituído por Deus que não podia ser ignorado, mas Davi não leu o manual de instruções, não procurou saber qual a maneira correta de transportar o símbolo de Deus no meio do Seu povo. Davi não foi o primeiro e nem o último homem coberto de boas intenções, porém ignorante das regrinhas que Deus estabeleceu.

– Resumo: Não devíamos ter tentado retirá-la daqui ou pelo menos não daquele jeito. – usando um tom de reflexão.

Morgana prosseguiu:

– Não Guto, não tivemos que enfrentar o povo do Vale por causa de Malena e sim porque nós dois saímos daqui sem permissão. Por mais que a intenção seja nobre, não foi o correto. Lembra do que Sinval nos falou? Somente com suas

NACIONAIS - ACHERON

passagens! – Continuando – Dois, conheço aqueles demônios de meus sonhos e de muitas visões que já tive quando oro. Quando os vi, os reconheci imediatamente, muitos deles lutei pessoalmente em outras esferas espirituais.

– Como assim esferas espirituais?

– Nunca sonhou e teve certeza absoluta que esteve naquele lugar? Consegue sentir o cheiro das coisas, é como a lembrança de uma viagem, simplesmente recorda de tudo ao ponto de não saber se foi sonho ou realidade?

– O que tem? – indagou o jovem desconfiado.

– O nome disso chama-se projeção astral. Seu espírito sai de seu corpo e você é levado para outro plano espiritual, há planos espirituais Guto, a maioria delas noventa centímetros de nossas cabeças, e durante todos esses anos eu fiz muitas projeções astrais, e em muitas delas tive que enfrentar aquelas criaturas que acabamos de vencer. Claro, sempre numa escala pequena, no máximo enfrentei três ou cinco numa noite, e quando acordar sentia-me exausta porque sim eu havia lutado a noite toda contra eles, contudo quando saímos do nosso corpo e vamos para o plano deles temos uma vantagem porque ainda pertencemos a condição humana, com a Força Divina é possível vencê-los desde que não os tema. A maioria das pessoas não sabe, mas todo ser humano é maior que um demônio ou anjo. Pois somos a imagem e a semelhança de Deus, fomos feitos como réplica divina, algo que eles jamais poderão ser. Seus poderes sim, são

infinitamente maiores que os nossos, entretanto, temos um trunfo nas mãos, que os enlouquecem profundamente.

– E o que é? – quis saber o Físico que só acompanhava com os olhos. Morgana aproximou-se dele, pôs a mão em seu braço e dando duas tapinhas replicou:

– O poder da oração. O poder de ser ouvidos por Deus a qualquer instante. – Guto abaixou o olhar. – Quando uma pessoa abre sua boca ou sua mente de verdade e chama pela Presença de Deus, Ele vem ao seu encontro esteja onde estiver.

– Sendo assim, suponho que ajuda que recebemos...

– Anjos. O Exército celestial de Deus. Arcanjos de Guerra desceram naquele vale para pelejar por nós. – apontando para o vale. – Foram mandados para intervir no que seria um verdadeiro massacre e nos proteger até que Ele pudesse vir. Mas é óbvio que você jamais vai acreditar nisso, sua lógica e intelectualidade não permitiriam não é mesmo?

Guto suspirou e emudeceu, porque sabia que Morgana estava certa quanto a sua última colocação. Quando ela voltou a caminhar ele rebateu:

– Poderiam ser moléculas de energia. Tudo que estamos vendo o tempo todo são moléculas em movimento. Elas vibram numa frequência e nos dão a ideia de solidez. Com nossas mentes devidamente sugestionadas... O fogo é a prova disso, as moléculas se agitam a tal ponto que se convergem e...

NACIONAIS - ACHERON

– VOCÊ QUER ENGANAR A QUEM? – gritou a moça num tão altivo. – A mim? Não se dê ao trabalho Guto, como disse anteriormente eu tenho as respostas que preciso até aqui.

– A religião te cega como um freio na cabeça de um burro! – desabafou o moço.

– Religião? – foi à vez de a jovem ser sarcástica. – Religião? Crê realmente que o que acabamos que vivenciarmos está relacionado à religião? Os teus olhos viram, os teus braços – segurando e mostrando as feridas – foram esfolados, quase, por muito pouco não sucumbimos. Se eu não tivesse posto os joelhos no chão mais uma vez não sobraria nem retalhos de nós dois para contar história e você vem falar de moléculas que convergem e religião? E eu sou a cega tapada por um freio como de um burro? Desisto, Guto! – desabafando. – Mas peço que faça um favor para mim, pode ser? – o Físico consentiu.

– Claro.

– Me mostra os cálculos quando você os fizer de quantos bilhões de moléculas foram necessárias para que as nossas mentes sugestionadas pelo medo, pudessem criar todo aquele cenário. Obrigada! – Pondo-se a caminhar e depois de alguns metros regressou sacudindo o dedo e um olhar bem significativo. – Engraçado Guto...

– O que é engraçado Morgana? – já claramente arreliado com a colocação dela que o deixou sem argumentos.

– Me questionou sobre quase tudo, exceto uma coisa.

– Perguntei sim! – sendo firme.

– Não. Você me questionou sobre os demônios, anjos, como os conhecia como conseguia evocá-los, porém não me perguntou sobre Ele... O Leão! – Os olhos do Físico arregalaram-se de sobremodo e sua respiração ficou ainda mais carregada, os pelos do seu corpo se eriçaram outra vez só de recordar a magnitude daquela Presença e jogando o olhar para o lado, cortou caminho por Morgana e se pôs a caminhar com passos largos e calado enquanto ela gritava pele caminho:

– Não quer saber quem é Ele? Não está ansioso para saber quantos *zilhões* de moléculas serão necessárias para criarmos tal Força como aquela? Hein? Não quer saber, Guto?

Minutos depois enquanto o moço vinha a frente, Morgana vinha ainda que exausta cantarolando lá trás pelo caminho:

Divisa de fogo

Varão de guerra

Ele desceu na Terra

Ele chegou pra guerrear

Foi no quartel general, de Jeová

Você tem que aprender, você tem que adorar

*E uma bola de fogo
Aqui descera
Se você tem olhos ungidos
Você vai contemplar
Mas desceu um Varão
Resplandecente lá da glória
Glorificado, esse é o Deus que da vitória.
Olho de fogo, sapato de fogo, olha o renovo
Mais desceu o Miguel Arcanjo de guerra lá do céu!*

– Ainda tenho que aguentar isso! – Resmungava Guto. Não queria evidenciar a Morgana, no entanto estava confuso dentro de si. Queria poder esfregar em sua cara a dinâmica de sua linha de pensamento, porém compreendia que em pequena escala aquilo seria até plausível, contudo entre duas pessoas era mais que improvável, era impossível. Sobre tudo que ele experimentava Morgana tinha ido ao cume quando lhe confrontou por não ter questionado sobre o Sentinela. Aquela Aparição fora a que mais mexera consigo, afinal, ela o fez tremer sem nenhuma explicação até que ele se rendesse e de joelhos caísse ao chão rochoso da montanha. Diante dela sentiu-se um menino e ao mesmo tempo envergonhado por quem havia se transformado e por tudo que fizera desde que saíra do convívio religioso. Lembrou suas memórias dessa

NACIONAIS - ACHERON

época. Onde jamais chamava Deus de Pai e sim de amigo, por causa de um versículo que está em João 15:15 *“Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos dei a conhecer.”* Naquele tempo, Guto sentia-se mais que próximo a Deus, eles eram íntimos, amigos confidentes e quando todo aquele turbilhão veio o jovem sentiu que o tal melhor amigo o deixara, o abandonara sem grande ou nenhuma explicação e foi então que notou que Ele o abandonara porque jamais houvera, pois um amigo de verdade, nunca deixaria o outro passar pelas agruras que o moço enfrentou. No fundo, Guto sentia-se traído por algo que ele tinha plena convicção, e a Física só fez reforçar essa ideia, de que não existia. Torna-se ateu foi a melhor explicação que encontrou para elucidar todas as ausências daquele amigo que um dia tanto amara.

— Amigo! — Vendo-o diante dele bem ao longe o saudando com alegria. Com dificuldade Guto colocou a mão sobre o rosto, pois o sol era escaldante e viu uma silhueta que escorava num pedaço de tronco e seu coração se alegou a ver que era seu novo amigo Jordan e correu para encontrá-lo.

— Jordan! Meu pequeno grande amigo! — abraçando-o com toda força, pois estava preocupado com ele desde o vale. — como você está? Está tudo bem? — tentando achar algum machucado no moço, todavia para sua surpresa, Jordan semblava melhor, e as duras penas escorava-se no tronco podendo andar com as duas pernas.

– Meu amigo, Guto, estou bem e feliz. Você nem pode imaginar o quanto!

– Estou vendo. – brincou. – Eu e Morgana completamente destruídos e o senhor aparecesse ainda por cima melhor do que deixei. – remexendo no cabelo do menino.

– Eu disse para que confiasse em mim e tudo daria certo, não foi? – falou com um belo riso.

– Foi. Estava certo, Jordan. Confiar em você por mais uma vez foi a escolha acertada. Obrigado meu amigo, seus conselhos foram precisos! – abraçando-o outra vez sem deixar transparecer seus olhos marejados.

– Vejo que Morgana está em festa! – Brincou Jordan devido os cânticos que a moçinha entoava. Guto sorriu de canto de boca e falou ao amigo.

– Ela foi fundamental, Jordan. Sem ela, não teríamos conseguido. – Jordan deixou um dos pedaços de tronco que o amparavam e tocando no rosto de Guto com muito docilidade redarguiu:

– Fundamental não é só orar Guto, fundamental é crer. Tudo só foi possível porque vocês creram cada um ao seu modo de que podíamos vencer o povo do Vale. – Enquanto Morgana se aproximava vagarosamente, Guto sentiu-se à vontade para indagar ao amigo:

– Quem é o Sentinela? – Jordan recuou um pouco para

trás e com um jeito muito simples respondeu:

– Acho que a pergunta que você quer me fazer é outra Guto, só não tem coragem. – O jovem Físico se espantou com a colocação feita pelo moço e rebateu:

– E qual seria?

– Sua pergunta é: Jordan, eu devo crer no Sentinela? Porque saber quem Ele é, você sabe. A questão é se quer ou não acreditar. – sendo invadido por Morgana e um lindo sorriso.

– Jordannnnnnnnnnnnnnnnnn! Olhe para você! Está mais forte, andando bem melhor!

– A fé remove montanhas. – respondeu o jovem compreendido pela mocinha que apenas completou:

– Eu sei. Eu sei.

E voltaram para Velha Esperança os três vitoriosos. Cada um ao seu modo.

Morgana por ter sido ouvida em suas orações.

Guto por ter vencido o povo do Vale.

Jordan por Guto ter crido nele mais uma vez.

CAPÍTULO VI

A Despedida

Malena cumpriu o ritual que lhe era por direito. Reuniu seus amigos e familiares em sua casa, fez um almoço e cada um trouxe uma pequena lembrança para Malena. Esse era o costume. Davas, sua vizinha, trouxe um pequeno sachê com ervas aromáticas que eram usadas no banho da menina, para que ela sempre pudesse lembrar do cheiro de casa, da família e de sua filha ao tocar sua pele delicada e macia para juntas trocarem novas palavras no aprendizado da língua. Davas, aproximou-se de Joele, beijou-a no colo de sua mãe que tentava aplacar uma manha da menina que nada compreendia sobre o que jazia ali. E depositou no pequeno cesto feito para ocasião. Marcus, o vigia de Velha Esperança trouxe uma pequena caixa de música com um cântico parte em sua língua parte em hebraico. A letra dizia:

Quando em cativo te levaram de Sião

E os teus sacerdotes prantearam de aflição

Foi como morrer de vergonha e dor

Caminhava triste o povo forte do Senhor

Ah, Jerusalém, por que deixastes de adorar

O Deus Vivo que em tantas batalhas te ajudou

Chora Israel, num lamento só

Talvez Deus se lembre do bichinho de Jacó!

Chora, Israel

Babilônia não é teu lugar

Clama ao teu Deus, Ele te ouvirá

Do inimigo te libertará

Ka'asher mitsion le shevy lakchu otcha

Kol hakohanim bakhu beyagon gadol

Zeh hayah kilmah shekistah panyim

Ha'am shel Elohim hayah atsuv, atsuv me od

yerushalayim madua lo he eratsta et Elohim

She azar lecha tamyd bekravym rabym

Kra'Ysrael el be etsev yachyd

Ulay hu Elohim yzkor et b'ney Ya'ackov

Kra'Ysrael, bavel hu'lo, hu'lo mekomcha

Kra'le Elohim hu yshmoa'otcha

Elohim chaym yoshyecha

O mesmo cântico que Malena usava para embalar a
NACIONAIS - ACHERON

filha até que adormecesse. Marcus passou a mão sobre o rosto da pequena e deixando o objeto no cesto falou:

– Para que nunca te falte a fé, – olhando para a mãe que não suportando escutar o cântico permitiu-se prantear ali mesmo agarrada a sua menina. Marcus prosseguiu – que mesmo quando não entendemos as razões pelas quais Deus nos prova, ainda sim somos o seu povo. Filhos eleitos em seu coração.

Dona Anjinha, a primeira dama, trouxe um pequeno travesseiro costurado à mão por ela mesma feito com penas de ganso. Também colocou no cesto e fez sua colocação:

– Para que você nunca esqueça que ainda que essa viagem seja definitiva para os que ficam, isso não significa que você não será confortada e amparada por todos nós.

Morgana não conseguia conter suas lágrimas. Queria de algum modo deixar algo para Malena, mas não fazia ideia do que poderia ser. Foi quando lhe veio uma ideia e indagando Jordan de lado, o mesmo consentiu com a cabeça e rapidamente, voltou a taberna procurou um pedaço de carvão do fogão a lenha e uma blusa verde, escreveu algo e correu depressa para casa de Malena. Jordan já estava prestes a fazer as considerações finais como mandava o ritual quando Morgana adentrou o recinto. O jovem sempre com o doce olhar esticou a mão direita e a deixou se aproximar do centro da pequena sala. Ela ajeitou o vestido com uma das mãos já que a outra segurava contra o peito a blusa bem dobrada e

limpando a garganta ousadamente iniciou:

– Eu...Eu queria muito dar a Malena algo, porém confesso que não consegui pensar em nada consistente e apropriado para esse momento, então peço que não repare em minha lembrança, todavia que a considere que nem sempre, aliás quase nunca, nós jamais entendemos porque pedimos pão e recebemos flores ou pedimos água e recebemos um diamante. Creio que está além de nosso poder de compreensão. Eu...Eu só sei que na vida a gente pode perder uma coisa que até existe aqui, mas não pode ser vista como a maioria a vê. Precisa sempre ser vista com algo fresco, revigorante e, sobretudo apaziguador de nossas mais profundas desventuras e dores. É isso que oferto a você, Malena. – quebrando o protocolo e entregando diretamente a mãe que emocionada com as palavras da moça deixou Joele por um segundo no chão e abraçou por longos minutos. Apanhou a blusa, leu o escrito e somente objetou:

– Tem razão. Você tem toda razão.

Assim que a cerimônia terminou, chegou a hora também de ver que o relógio da Estação agora tão fúnebre marcava 13:48hs, enfim o fim da jornada da pequena Joele na Terra dos viventes aproximava-se. Guto ainda pediu a Morgana para que não fossem. Temia que isto fosse demais para a moça que se abatera demais por não ter tido êxito em sua façanha do plano de fuga e ainda por cima tê-los colocado numa batalha que quase custou suas vidas. Contudo, Morgana tinha se afeiçoado tanto a Malena e as crianças que tomou

para si uma obrigação de estar lá para aquele que seria o último momento da garotinha. Enquanto caminhavam rumo a suntuosa Estação das Despedidas, Malena com Joele no colo, com a cabeça reclinada em seu ombro esquerdo, embevecida pelo *sono dos justos*, um sono que consecutivamente surgia sobre as crianças que partiam. Um meio que o Destino encontrara de não fazê-las perceber o rompimento definitivo com suas famílias e sobretudo com suas mães. Malena permitiu que sua mente divagasse por breves minutos no tempo. Recordou que na manhã daquele dia em que os Homens de Cinza chegariam a sua casa ao anoitecer, das gracinhas que Joele fez em sua companhia. Ela lavava a louça e a sentiu tão calada e ao se aproximar lentamente pois sabia que havia bagunça por perto, a viu mexendo num balde de água ao qual já a teria impedido de brincar.

– Filha... Mamãe não disse que ai não pode mexer! – retirando-a e em seguida dando um cheirinho em seu pescoço, enquanto feliz, Joele soltou uma gargalhada que fez o ambiente tornar-se de simples e pobre no mais rico e luminoso de todo mundo.

– Ma... Mama... – voltou a garotinha a mexer chamando-a.

– Joele... – tirando-a outra vez, e a mesma gargalhada foi ouvida por mais três vezes. Lembrou também ao ajeitar a saia e a blusa de lese amarelinho claro que comprara com tanto sacrifício com o dinheiro da palha que juntara para seu Rubens. Que aquela roupinha fora comprada com tanto gosto

para uma ocasião especial sem jamais pensar que seria com a mesma que sua menina teria que fazer sua última viagem. Por um minuto parou de caminhar, as pernas baquearam na entrada da Estação, ponderou que não conseguiria, creu ser um fardo muito pesado, o fardo mais pesado que uma mãe pode carregar, o de perder o seu bem mais precioso. Que nem se engane, que a parte do corpo do ser humano que mais dói chama-se: Filho. Dona Anjinha e Marcus a apoiaram, até tentaram tirar a garotinha de seu colo, no entanto, Malena os agradeceu e respondeu:

– Deus me deu em meus braços, que sejam nos mesmos entregues a Ele. – e beijou a filha agora ajeitando-a como uma recém-nascida no colo.

Morgana não parava de chorar por um segundo. Ficava pensando consigo se teria aquela coragem. Aquela força que Malena expunha mesmo com as entranhas emocionais visivelmente dilaceradas. Guto, se encostou num poste da Estação e só conseguia pensar em Davi. E se fosse ele? De repente o primeiro aviso do trem tocou num som de uma trombeta estrídula, foi nesse instante que uma moça desceu de um dos vagões. Era alta, morena, cabelos bem penteados, vestia em *tair* branco, semelhava linho. Sapatilhas da mesma cor e um semblante muito terno e respeitoso, de quem entendia perfeitamente bem o que aquela mãe enfrentava.

O segundo sinal soou. Agora só faltaria mais um para que Joele fosse entregue a moça, foi quando Malena lhe fez um pedido inusitado:

NACIONAIS - ACHERON

– A senhora me permite levá-la até sua poltrona, temo para que ela não acorde até que seja de fato necessário. – Enxugando as lágrimas de seu rosto marcado pela dor. Mesmo que aquilo quebrasse o protocolo, onde alguém que não recebe o convite não pode entrar no trem, a mulher olhou para Jordan, que não saiu do lado da mãe por um só segundo, e em seguida acenou positivamente. Virou-se e Malena a foi seguindo e adentraram no tal vagão. O camarote da criança era formoso, todo colorido em tons de lilás. A poltrona era na verdade uma pequena e bela cama ornada com tons de ouro. Sem dúvidas algo que Malena jamais poderia oferecer a sua filha na terra dos viventes.

O último aviso tocou. A mulher a olhou com serenidade e fez aquela mãe em cacos compreender que precisava descer. Arrumou outra vez a roupinha de sua menina, cheirou sua pele fechando seus olhos com toda força do mundo e a beijou na testa dizendo:

– Obrigada por ter existido em minha vida. Você foi a melhor amiga que já tive. Minha companheira. Mamãe te ama. Mamãe sempre te amará, viu? – E relutando contra seu instinto de arrancar a garotinha dali e sair correndo de tudo e todos, se refez com o resto sangrando de forças que tinha e saiu da presença da filha e da senhora descendo do vagão. Entretanto, quando viu o trem começar a movimentar-se, seu corpo não aguentou o desligamento eterno e caindo de joelhos com as mãos entrelaçadas sem dizer uma palavra foi consolada por todos que ali jaziam vendo a locomotiva partir

mais uma vez.

Morgana passou por Guto o puxando pela blusa e assim que saíram da Estação, ambos sentaram à beira do caminho, Morgana recostou no ombro de Guto que a entrelaçou entre seus braços e beijou sua cabeça também em lágrimas. Era primeira que vinham o trem partir com toda sua imponência. Um tempo depois, Guto avistou a família e os amigos retornando da Estação e notou que Malena vestia a blusa que ganhara de Morgana.

– Veja Morgana, Malena está usando a blusa verde que você a deu. – o que fez a jovem levantar-se ligeiro e aguardar a mãe passar agora com seus dois filhos e amparada pelos amigos.

– O que você escreveu na blusa Morgana? – Guto perguntou surpreso porque no semblante da mãe além da dor também havia algo diferente. Foi quando Malena parou e olhando para onde eles se encontravam, acenou para Morgana e lançou-lhe um beijo de agradecimento e Guto viu o escrito e enquanto acenava Morgana respondeu:

– *Que Haja Nova Esperança.* – E ambos se abraçaram como cúmplices que há muito tempo deixaram de ser. E rumaram para Taberna.

Capítulo VII

“Teúdas e Manteúdas”

Alguns dias passados. Jordan recebeu um aviso de que deveria viajar para resolver questões que ele não quis elucidar aos seus hóspedes, mas os avisou que seriam recebidos na casa do prefeito do vilarejo Dom Armando Rodovalho e sua primeira dama, Anja dos Santos Rodovalho, ou como todos a conhecia carinhosamente, Dona Anjinha. Antes de seguirem para sua nova casa hospitaleira Jordan deu algumas dicas a Morgana e Guto.

– Olha, preciso que vocês não se espantem muito com o jeito do Rodovalho ver e viver a vida.

– Alguma coisa errada com ele? – Morgana rebateu achando estranho à colocação de Jordan.

– Alguma coisa? Eu diria tudo, mas não sou eu quem tem que ver isso e sim ele. Pelo menos enquanto há tempo – resmungou.

– Oi? – Guto forçou a repetição que foi ignorada pelo moço.

– Nos próximos dias verão situações um tanto quanto inusitadas, só que nem mesmo por isso as coisas deixam de

NACIONAIS - ACHERON

acontecer como precisam. Em breve volto não tardo. Saibam que estão bem, Dona Anjinha é um amor de pessoa. – E logo foram para charrete onde os deixou na casa do prefeito.

A casa era pequena, porém bem pintada e cheia de flores. Sortida das mais variadas flores que faziam seu papel exalando um perfume ímpar já no portão.

– Pronto. Só chamá-los. – Disse Jordan.

– Você não vai nos apresentar para eles? – Perguntou Guto desconfiado com a pressa de Jordan.

– Acredite em mim mais uma vez Guto, não será preciso. Fiquem bem! Logo volto! – rompendo com sua charrete bem mais ligeiro agora que adquirira força nas pernas como as dos braços.

– E agora o que fazemos? – questionou Morgana olhando para ver se via uma campainha.

– A gente chama, oras. – Resolveu Guto, que quando ia soltar a voz começou a escutar um alarido vindo do fundo da casa. Os dois estranharam e forçaram mais os ouvidos foi quando uma cena chocante brotou diante dos dois.

O prefeito, um senhor de estatura bem acanhada e rechonchudo, corria com as calças nas mãos e de cueca samba-canção enquanto sua senhora, dona Anjinha, uma dona alta e bem magra segurava um cabo de vassoura aos berros:

– Volte aqui seu safado! Seu cabra piranhudo! Seu pestilento de uma figa! Adúltero cretino!

NACIONAIS - ACHERON

– Anja, mulher divina! Flor minha, me deixe explicar!

– Vai explicar o que, seu *lazarento*! Você me *apoquent*a as ideias com aquelas vagabundas e agora quer explicar o que *apois*? – Dona Anjinha tinha um jeito próprio de falar porque vinha do Nordeste do país.

– Mas mulher santa de minha vida foi só um arrasta-pé!
– Ele tentava se desvencilhar dela entre uma moita de roseira e outra de bromélias.

– Seu assanhado, não pode ver uma barra de saia que já fica todo se querendo, todo faceiro! Parece até que é solteiro, mas fique sabendo que você não é sua praga! Quer me avexar perto do vilarejo todo, é? Já não basta esse povo saber que segundas quartas e sextas você me *bota gaia* com aquela rapariga desdentada que é sua amante número 1, a Teúda! Que as terças e quintas tenho que tolerar o chifre com sua *messalina perebenta* de número 2, a Manteúda! Agora você me arruma um forró, é?

Guto e Morgana não sabiam o que fazer diante do quiproquó dos dois. O Físico tentou intervir educadamente:

– Dona Anjinha, não seria melhor vocês sentarem e tentarem uma solução verbal? – Todo cheio de esperança.

Furiosa a dona virou-se para ele sacudindo o cabo de vassoura e já retirando as sandálias para jogá-las contra o marido:

– E o senhor já viu solução verbal que dê jeito num

cabra safado como é esse meu marido? Esse homem não tem verbo do mundo que dê jeito, só na base do cabo da vassoura, só essa semana essa é o quinto que vou quebrar no lombo desse vagabundo! Eu hoje estou com a *mulesta*!

– Calma Dona Anjinha! – rogou Morgana tentando retirar o cabo das mãos da mulher que tinha uma mira incrível.

– Esse político safado merece é que eu sapeque um ovo podre nele! Minha filha não fique me *abufelando* não! Quer me segurar depois de ter visto esta criatura a qual me casei há quarenta anos se esfregando com uma nova rameira de bar é o mesmo que pedir para um macaco largar o vício na banana! Devolve-me minha alpercata seu *bizoíudo* dos infernos! *Oxê* que eu lhe talho seu *abestado*!

E todo desconcertado foi Rodovalho apanhar as sandálias **da esposa** entre os espinhos das rosas o que lhe rendeu alguns gritos:

– Essas rosas estão me furando todo, amor!

– Pois é sorte sua que só furem suas mãos seu estragado, tinha é que furar seu bucho para eu servir na feira domingo aos pobres da caridade da Igreja do Santíssimo, porque eles iam comer carne de bode safado legítima! Eu te mato, Armando Rodovalho!

Guto sussurrou para Morgana:

– Mas com um nome de Armando, o que ela ia esperar

desse sujeito?

– Me diga agora seu cretino, a primeira amante que você me apareceu foi à vagabunda da Teúda, a segunda foi a *rabis seca* da Manteúda e agora quem é essa, Rodovalho?

Com cara de pobre coitado olhou para primeira dama e respondeu:

– É a Miúda!

– Ah que eu te esfolo todinho hoje, cabra da peste! Vou lhe *filetar* feito asa de borboleta seu apodrecido! Seu político tarado de calcinhas alheias!

E foi um *auê* acalmar os dois.

Serenados os ânimos, Morgana e Guto sentaram no pequeno sofá amarelo da casa do prefeito e enquanto aguardavam que o mesmo saísse do banho e sua senhora ajeitasse o cabelo trocaram suas primeiras impressões:

– Onde foi que amarramos o nosso burro Morgana? – Guto começou a gargalhar logo levando um beliscão da moça que também riu da cena hilária.

– Que casal! Misericórdia! – exclamou a jovem.

Foi quando Rodovalho surgiu todo arfante com seu terno listrado de amarelo com vermelho que mais parecia um palhaço do que uma autoridade política.

– Meus convidados! – abrindo os braços. – Diga que seu prefeito não está impecavelmente vestido? Hã? Mandeí
NACIONAIS - ACHERON

fazer sob medida. – vindo beijar a mão de Morgana que sem graça com a atitude um tanto quanto inapropriada olhou para Guto que simulava um espirro para ocultar o riso dado à situação. Com muita relutância a jovem deu e breve retirou sua mão das de Rodovalho que topetudo expôs:

– A senhorita usa perfume de jasmim, não usa? Uma delícia, diga-se de passagem! – erguendo a sobrancelha esquerda nas alturas quase as embaraçando no belo topete. Morgana pensou consigo no tamanho da ousadia de Rodovalho e fitou Guto na esperança que este fizesse algo para salvá-la. Guto entendeu o desespero do olhar da jovem mas por pirraça do que ela havia lhe dito quando voltaram da batalha do vale se fez de desentendido, foi quando escutou um quase inaudível entre dentes:

– Por favor! – Como vê-la em qualquer desconforto lhe causava incomodo achou melhor incluir-se na cena.

– Prefeito, eu gostaria que o senhor mantivesse sua compostura para com a minha... – Guto a olhou como quem fosse concluir com a palavra amiga, porém na afoiteza Morgana ergue-se se jogando nos braços do Físico e passando esses por cima de seu pescoço finalizou:

– Namorado! Meu namorado, seu prefeito, esse moço aqui! – repetindo por tantas vezes e tão rápido como se fosse um mantra.

– Ah, são namorados? – perguntou dona Anjinha ainda endireitando a longa trança e adentrando o recinto sentando-

se noutro sofá e puxando o marido pelo paletó que caiu desajeitado com as pernas para o alto ao seu lado. – Sabia que Jordan jamais mandaria hospedar em minha casa uma moça tão lindinha solteira. Ele conhece a fundo os pequenos incidentes recorrentes que tenho por aqui para com meu ilustríssimo esposo como puderam presenciar.

– Minha santinha, não fica bem expor isso na frente das visitas. – rogou Rodovalho ainda endireitando o paletó.

– Não convém o quê? Eles me pegaram descendo a *peia* em você, não lhe *filetei* graças aos dois e aquelas benditas roseiras que dona Nice me deu, porque se não, ora pois...

Morgana e Guto se entreolharam compreendendo o que seria aquela estadia no lar doce lar do casal.

– Não quero que fiquem espantados com minha santa esposa, é que ela é meio nervosa, encasqueta muito com certas coisinhas que nós homens – apontando para Guto, que ameaçou um riso largo. – entendemos tão bem, não é verdade? – O que fez Morgana fitá-lo imediatamente e ao rapaz engolir o riso se justificando:

– Não, não! Imagina! Ô, seu Rodovalho, nem todos os homens são iguais. Não me inclua nas suas questões.

– Tome tento, homem! – gritou Dona Anjinha batendo na cabeça do marido com um leque que jazia no braço do sofá. – Você é um pervertido e acha que todos os outros são?

– Anjinha, de novo não! – falou defendendo com as

mãos. – Combinamos que era uma surra por dia!

– Ah, mas isso foi quando sua pessoa só tinha uma vagabunda no cangote agora já são três, temos que atualizar essa questão sabia?

E quando perceberam que tudo começaria de novo, Morgana tomou a frente:

– Dona Anjinha, por gentileza, a senhora poderia mostrar nossos aposentos é que estamos cansados, penso que seria bom deitar um pouco, se não for incomodo é claro. – A ideia deu certo. Anjinha abriu um lindo sorriso e conduziu a professora pelo corredor até mostrá-la onde ficaria. Era um quarto pequeno, mas muito organizado e com tons rosas. O que fez Morgana pensar ter sido de sua filha.

– Que primor de quarto dona Anjinha! Não sabia que tinha filha! – Anjinha deu espaço em seu rosto para seriedade.

– Na verdade não tenho querida. Nem filha ou filho. Por desejo divino não pude gerá-los. No entanto, quando nos casamos e eu ainda achava que viveria ao lado de meu marido o sonho da família perfeita e feliz, mandei que fizesse um quarto para menina e o outro para menino, onde seu namorado ficará.

– Ah, me desculpe. Eu não quis parecer bisbilhoteira.

– Não se desculpe, criança. A vida é assim. Às vezes é para ser, outras não. Imagine se eu tivesse tido meu casal, hoje estariam casados, teríamos netos e eu teria que justificar

para todos eles o que este traste do Rodovalho e sua Teúda, Manteúda e agora também uma Miúda fazem comigo! O vexame seria ainda muito maior! – Morgana aproximou-se dela.

– Eu posso lhe fazer uma pergunta, mas se a senhora achar que estou sendo grosseira pode dizer. – Dona Anjinha passou as mãos pela trança, uma mania já observada por Morgana e caminhou até a janela do acanhado recinto proferindo:

– Claro que sim, minha flor. Pergunte o que desejar.

– Por que... Por que a senhora aceita as traições de seu esposo? Não seria mais fácil...

– Divorciar-me? – completou a primeira dama virando-se para a jovem que se calou com seu rompante.

– Muitas pessoas me perguntam o mesmo, Morgana. Muitas dizem que não suportariam, que o que ele faz comigo é uma humilhação pública. Mas muitas vieram, sabe? Ao longo desses quarenta anos juntos foram inúmeras as rameiras de Rodovalho. Só que eu ainda estou aqui. Todas elas passaram, eu não, eu estou aqui.

– A senhora o ama? – investigou a jovem apertando o lábio inferior de curiosidade.

– Eu já perdi as contas de quantas vezes me indaguei sobre isso. Entretanto, tem jeito de uma mulher aceitar e lidar com tudo isso, ainda que ela tente manter a aparência da

situação, mas tem jeito de aguentar tudo isso se no fundo ainda não tiver um bocadinho de amor pelo cabra? – sorrindo em seguida. E foi então que a pergunta fatídica veio: – e você, perdoaria uma infidelidade de seu namorado, Morgana? Vocês me parecem muito apaixonados, me fazem lembrar-se de mim e meu esposo em nossa mocidade. Diga-me, perdoaria uma traição dele?

Foi como ser golpeado no estômago. O que Morgana diria? A verdade ou ocultar seu passado? Ela parou e pensou um pouco, julgou que a melhor resposta seria se basear no passado.

– Creio que se isso acontecesse, romperia definitivamente com ele.

– Jura? – devolveu Dona Anjinha surpresa. – Mas por quê?

– Porque traição não tem perdão Dona Anjinha. Admiro a senhora, fiquei observando como lida com essa questão. Mas eu não perdoaria, acho muita falta de respeito de uma pessoa para com a outra.

– Sabe Morgana, conheço uma lenda sobre um padre que apesar da escolha sacerdotal no fundo era ateu, e um dia foi chamado para expulsar o demônio do corpo de uma moça. O padreco falava todo o ritual e dizia para o demônio: “Você tem que sair em nome de Deus, tem que sair em nome de Deus! E diabo só gritava: “Eu te amo!” Eu te amo!”, até que cansado o padre parou e o perguntou por que ele dizia que o

amava. O diabo sentou na cama e respondeu calmamente: “Você não disse para eu sair em nome de Deus então eu decidi dizer que te amo, um mentiroso reconhece o outro, padre.”

Morgana alcançando a razão da fábula pressionou as mãos uma na outra e remendou:

– Impressão da senhora.

– Pode ser. Vai ver que sim. – Morgana olhou para o outro lado do quarto e continuou:

– E que só de pensar nisso me dá até ânsia de vômito. – remexendo os dedos num pequeno piano de madeira encerada.

– Preste atenção numa única coisa, minha criança. A traição é imperdoável desde que o que você esteja perdendo for menor do que ela. Não falo por mim e Rodovalho, o nosso caso é outro, é crônico até. Digo, a respeito da vida, meça sempre na balança não do coração, mas na dos sentimentos, porque em alguns casos o que se perde era tão mais valioso do que a o fato de alguém se perder nos sortilégios seja de uma mulher ou de uma circunstância, que o imperdoável passa a ser mais um ato de amor do que um mar de rancor dentro da alma, e o coração de uma mulher é um oceano, guarda tantos segredos.

Morgana parou de dedilhar e sem saber explicar bem a razão intuiu que dona Anjinha sabia exatamente o que estava lhe dizendo naquela hora.

NACIONAIS - ACHERON

– Bem, vou deixá-la se acomodar. Peço alguém para trazer suas coisinhas, vou acomodar seu fiel namorado. – e retirou-se com um olhar duvidoso.

Chegava à tardinha e Guto convidou a então namorada para irem ao cume da montanha das borboletas, era um lugar gostoso de ficar e ver o sol se pôr e a noite chegar sem pressa sobre o vilarejo. Interessante foi ao romperem o portão da casa do prefeito ver o jovem esticar a mão para Morgana. Sim, namorados andam de mãos dadas e a fez entender com um olhar, que ainda que receosa o entregou a mão direita e sentiu delicadamente o velho jeito de ser tocada. Primeiro com um leve puxado, depois um esfregar de dedos e em seguida um aperto. E como aquilo agitou a moça que por um segundo sentiu como se as borboletas da montanha para onde iam descessem e repousassem em seu estômago pelo menos mais uma vez.

Guto bem que tentou acobertar as batidas aceleradas de seu coração quase vindo à boca. Foi como voltar a ter 15 anos de idade outra vez. Quando tudo é tão mágico e perfeito. Quando todo amor é seguro e toda barreira pode ser transposta coma força desse sentimento. Suas pernas tremiam e uma leve tossida fez com que o peito acalmasse e pudesse conduzir sua dama até o lugar. Cada passo ali tinha peso, medida e significado distintos. Era como voltar no tempo, como pegar a Rua da Ponte em Saquarema e assim que chegar à Praça do Canhão deparar-se com o pipoqueiro, com o tio do algodão doce e sentir que juntos tinha o mesmo significado

que para sempre. Os dois respiravam ofegantes, no mínimo reviviam ali a cena de uns quinze anos atrás. Guto pensava consigo se deveria quebrar aquele momento e citar qualquer palavra, ao mesmo tempo o desejo de emudecer e só apreciar a conquista da mão de sua amada outra vez tão confiante envolta na dele não merecia nem se quer um fonema, quiçá palavras. Por outro lado, Morgana remexia no vestido novo azul que comprara para viagem com a outra mão, e se viu no passado, quando comprava algo novo e vestia louca para assim que Guto a visse pudesse lhe descrever o quão linda estava.

Havia muitas palavras ali, mas o silêncio pediu ao sentir para que deixasse passar todas, pois nenhuma palavra pode ser mais intensa do que a força de uma emoção.

Quando chegaram no auge do morro sentaram lado a lado e soltaram as mãos. Parados, ficaram ora contemplando a beleza do lugar, ora se consumindo pelo que acabaram de revivenciar. O sol foi abaixando bem devagar como quem também estivesse perplexo em pode rever aquela arte pintada pelo Destino. Foi quando um homem desceu por de trás deles numa bicicleta e um radinho a moda antiga com uma melodia que os fez ainda mais mergulhar dentro do olhar um do outro. O moço ia passando e Guto e Morgana se perdendo na letra daquela canção que um dia chamaram de sua. Foi nesse instante que o Físico levantou e correu atrás do cidadão:

– Senhor, eu estou de passagem em Velha Esperança, sou visita na casa de Jordan.

– Ah, como vai? – disse o homem retirando o chapéu de palha como saudação.

– O senhor poderia por gentileza me emprestar esse rádio por alguns minutos, na verdade só enquanto essa música toca, logo devolvo basta que me diga onde devo deixá-lo.

– Mas é claro! – retirando na mesma hora da parte traseira da bicicleta e o entregando nas mãos do moço.

– Onde o deixo? – O cidadão sorriu e respondeu:

– Onde seu coração mandar. Deixe onde seu coração mandar que eu busco. – E foi logo montando na bicicleta.

– Moço, eu nem sei o seu nome! – gritou Guto.

– Yorran. Não se preocupe, logo vai ouvir falar de mim. Abraços! – e desatou descendo no camelo que semelhava nem ter freios. Ao voltar para onde jazia Morgana que riu da descida inusitada do moço caridoso, fez a ela um pedido pondo o velho radinho no chão de relva:

– Aceita? – esticando a mesma mão de instantes atrás. Morgana ergueu-se e com um abrir e fechar de olhos acanhados estendeu a mão meio sem querer. O rapaz a puxou delicadamente rente ao seu corpo. Ela virou o rosto que batia abaixo de seus ombros e ele recostou a cabeça dele sobre a dela, que murmurou:

– Dançar nunca foi seu forte.

Guto apenas sussurrou:

– Só queria que soubesse que ficou linda nesse vestido.
– e enquanto isso o fim da melodia ia tocando.

Há uma chance da gente se encontrar

Oh! Há!

Há uma ponte pra nós dois em algum lugar

Ah! Ah!

Quando homem e mulher

Se tocam num olhar

Não há força que os separe

Há uma porta que um de nós vai ter que abrir

Oh! Há!

Há um beijo que ninguém vai impedir

Não vai!

Quando homem e mulher

Se deixam levar

E fácil viver mais

Há uma estação

Onde o trem tem que parar

Tô na contramão

*Te esperando pra voltar
Pra poder seguir
Sem limites pra sonhar
Pois é só assim
Que se pode encontrar o amor*

E quando a melodia findou, ele a soltou suavemente dizendo:

– Obrigado.

E foi então que o sol se pôs de vez e o olhando Morgana segredou, referindo-se à partida solar.

– Foi lindo.

Guto, porém referindo-se a tudo que experimentaram desde a cada do prefeito até aquela dança improvisada, confessou:

– Sim, foi tudo muito lindo. E eu fico me perguntando onde estive durante todo este tempo para impedir que isso acontecesse todos os dias de nossas vidas. – E foi assim que a jovem virou imediatamente sua face e percebeu que o moço discorria sobre eles. Atordoada, simplesmente se fechou e não quis falar sobre aquilo, apenas saiu à frente descendo a montanha com ele aos berros segurando o radinho pedindo que ela o esperasse. Quase no fim da descida, de repente

Morgana parou.

– O que houve? – indagou Guto. – Foi algo que fiz?

Intempestivamente a professora foi talhante:

– Acha que é simples assim? Mãos dadas? Uma música que nos marcou? Falar que estou linda em meu vestido novo? E onde foi que estive durante todo esse tempo? Quer que eu te diga onde estive, Guto?

O jovem viu que o passado tomara a moça outra vez, não a permitindo ver e degustar daquele momento presente.

– Morgana... – ele solicitou a primeira vez.

– Pois eu digo que não é tão fácil! Vidas foram criadas e outras destruídas, sabia?

– Morgana... – pediu a segunda vez.

– Nesses últimos anos o senhor estava com a mulher por qual me trocou senhor Augusto, era com ela que estava e quer saber mais... – sendo impedida por um grito dele.

– O PASSADO SE FOI, MORGANA! – Fazendo-a calar-se petrificada olhando para ele. – O passado se foi. Passou! Será que ainda não notou por um minuto ao menos que talvez você seja a única pessoa que ainda vive lá! Eu traí você! Eu traí você! Eu traí você! EU TRAÍ VOCÊ! Mas, e agora? E aqui? Estou aqui na sua frente, completamente despido de todo e qualquer orgulho, reconhecendo toda minha culpa. AGORA eu estou AQUI, Morgana! – e citou– “E

quando perguntarem sobre seu passado responda: Não sei dele, não vivo mais lá.” Foi você quem me ensinou essa frase sobre me questionarem por ter sido criado na rua, lembra?

– Preciso ir. – foi o que ela se limitou a dizer depois de todo desabafo do rapaz.

– Posso só te dizer mais uma coisa. Só mais uma coisa. Posso? – Morgana cessou e nem se virou. Guto não deu importância e prosseguiu:

– Você consecutivamente tentou me convencer que coincidências não existem. Que seu Deus tem um plano ou um propósito para tudo. Não te parece muito estranho que num vilarejo mesmo com poucas casas, nós tenhamos sido colocados justamente num lar de um casal destruído pela traição?

Morgana arrepiou-se da cabeça aos pés. De fato, ela não havia notado tal façanha. Lentamente virou-se para Guto e relutante o avisou:

– Estarei na casa de Malena, não demoro. – E seguiu sozinha pelo caminho aonde vieram juntos, ao moço restou sentar-se na beira do barranco e esbravejar sozinho até se acalmar e voltar para casa do prefeito.

Ao voltar da casa de Malena e saber que ela e os meninos iam seguindo suas vidas dentro da medida do possível, Morgana achou estranho quando viu Guto tentando

serenar dona Anjinha atravessando em sua frente de um lado para outro, o que fez apressar seus passos e até mesmo dar uma leve corridinha.

– Gente, o que está acontecendo aqui?

– Ainda bem que chegou, Morgana! – disse Guto, aliviado. – Parece que o prefeito foi visto no Fungado da Jiboia!

– Fungado da Jiboia? Mas o que é isso? – revidou a questão a jovem sem nada compreender.

– É a casa das quengas do Vale! – contrapôs aos berros dona Anjinha enquanto Guto tentava segurá-la– E lá que aquela toupeira tarada se embrenhou! Mas eu vou lhe catar, Rodovalho! Hoje você não me escapa, seu cabra safado dos infernos!

– Dona Anjinha, se acalme pelo amor de Deus! – rogou Morgana tentando junto a Guto conter a primeira dama que muito ágil se livrou dos dois e danou a correr com uma sombrinha pelas ruas a caça de seu adúltero senhorio.

Morgana e Guto se entreolharam de novo e respirando fundo o moço se limitou a comentar:

– Ai Morgana, parece que a nossa noite hoje vai ser longa!

– Nem me fale! – consentiu.

– Melhor correremos, senão não a alcançaremos!

– Verdade Guto, bora correr! – e desatinaram a romper atrás de dona Anjinha que era boa de canela e já se encontrava adiantada nos passos.

Minutos depois, cruzando entre uma esquina e outra, e gritos do tipo:

– Espere aí, Dona Anjinha!

E passavam por um e outro gritando:

– *Que direção fica o Fungado?*

– *Vira à esquerda!*

– *Vai para direita!*

– *Segue em frente!*

Morgana e Guto avistaram o tal prostíbulo e adentraram afoitos e o que viram lá dentro era uma das cenas mais hilárias de suas vidas. No pequeno palco em formato de queijo com um poste de *poli dance* no meio jazia Armando Rodovalho, de cueca samba-canção amarela e bolinhas verdes, faixa de Prefeito da cidade transpassada no barrigão peludo e dançando sensualmente para o mulherio do recinto de perdição.

Una mordidita

Una mordidita

Una mordidita

de tu boquita

Morgana arregalou os intensos olhos verdes e boquiaberta com a situação rogou:

– Guto, me belisca e diz que isso é um pesadelo!

– Ihhhh Morgana! Vai dá não, e não se trata de um pesadelo é própria visão do inferno! – e desabou a gargalhar com as reboladas do Prefeito que vinham e iam para cima e para baixo e de um lado para o outro, sempre no coro:

Una mordidita

Una mordidita

Una mordidita

de tu boquita

Dona Anjinha tentava dando *sombrinhadas* nas quengas do recinto tentar chegar ao marido. Morgana, nervosa, tentava erguer Guto que rolava de rir e gritava:

– Minha barriga está doendo! Minha barriga está doendo!

Passados alguns minutos, dona Anjinha conseguiu chegar no som e arrancar os fios do som e logo só ficou seu Rodovalho cantarolando com um dedo na boca:

—Ai estou na moda! Estou na moda!— e notando o silêncio ainda teve a pachorra de soltar essa pérola: – Quem foi a *anjinha* que impediu o papai de cantar? – O que não foi

uma boa ideia.

– Qual foi à *anjinha*, seu *raparigueiro* de uma figa? Foi a própria, a Anja-Mor, só que hoje vou virar o cão porque eu vou acabar com sua raça, vou arrancar seu couro na ponta de minha peixeira seu cabra estragado!

– Santinha!!!! – berrou já pronto para correr.

– Suas quengas vão viver para ver o *Dona da Boquita* virar um leitão à pururuca, filetado nos mínimos detalhes, se é que você me entende! – evidenciando com a sombrinha as partes baixas do marido, que respirou fundo e tratou de abrir caminho no meio das meninas da casa e desatinar a correr passando por Morgana e Guto como uma bala berrando:

– É sempre um prazer revê-los crianças, mas receio que nesse momento salvar meu couro das mãos da primeira dama seja um ato de mais agudeza!

Assim que o Prefeito saiu de cueca pelas ruas e o povo todo rindo, Morgana foi mais incisiva com Guto:

– Anda, não podemos ficar parados aqui, vamos ajudar!

– Ajudar em que, Morgana? Eu não vou impedir dona Anjinha de descer o braço nele não!

– Enlouqueceu é? – questionou a moça estranhando a reação do jovem.

– Enlouqueci nada. Ele não comprou o barulho? Porque é óbvio que o homem que sabe que tem uma mulher como

dona Anjinha, e faz uma *quizumba* dessas está pronto para arcar com as consequências!

– Esqueceu-se da solução verbal, foi?

– Morgana, seja franca, acha mesmo que o Prefeito está interessado em solução verbal com a esposa depois de uma cena dessas? Estou começando até a crer que ele faça isso de propósito só para animar as coisas entre eles, não é possível!

– Pelo sim, pelo não, vamos acalmá-la. Estamos na casa deles, não fica bem não tentarmos ajudar a apaziguar os ânimos. – e o rebocou pelo braço atrás de dona Anjinha que ainda caçava o esposo dentro do ambiente de pecados.

– Cadê? Cadê a besta do apocalipse?

– Dona Anjinha, se acalme! – pediu Morgana pulando com os braços para cima na frente da senhora alta e enlouquecida.

– Eu quero o bucho e o couro dele! Lazarento! Cretino! Bacamarte!

– Dona Anjinha, por favor! – insistiu também Guto tomando a sombrinha dela.

– A senhora é a primeira dama, e se não fosse é uma mulher tão distinta, educada, merece passar por isso não.

– Nesse antro de pecado, espie isso! Essas quengas, tudo rapariga, mulher da vida que fica com marido dos outros! – foi quando uma se doeu com a colocação feita pela

primeira dama.

– Ah não! Não é bem assim não! Nós estamos aqui, quem veio foi seu marido, ninguém mandou buscá-lo não, minha senhora!

– E desde quando eu lhe dou confiança de dirigir a palavra a mim, sua filha de chocadeira! Porque se tivesse mãe ou amasse uma num tava largada na vida assim!

– Ah! Vá cuidar de seu marido! E o prenda bem, viu, senão ele volta como sempre diga-se de passagem! – caindo na gargalhada com as demais, o que irritou ainda mais dona Anja que tomou a sombrinha das mãos de Guto e num golpe ligeiro sem pestanejar, bateu na cabeça da mulher que caiu e prendendo o pescoço da pobre prostituta entre seus joelhos a primeira dama gritava:

– Vá me mandar cuidar de quem agora? Fale sua rapariga! – e o povo todo num alarido:

– Vai matar! Vai matar! – foi quando Guto conseguiu pegar dona Anjinha pela cintura de jeito, a arrancou literalmente de cima da mulher que já estava roxa e levou para fora do Fungado da Jiboia atirando socos e pontapés no ar.

Morgana perdeu mais uns bons minutos tentando apaziguar o espírito da senhora e conseguiu convencê-la de voltar para casa e lá tentar conversar com seu Rodovalho.

A questão era que o prefeito não havia ido para seu lar

como era o esperado, com medo e esperando dona Anjinha sossegar, decidiu passar aquela noite na casa de uma de suas amantes, a mais nova, Miúda. Uma mocinha galega, de vinte e um anos que sonhava em dar o golpe da barriga num desavisado bem de vida para os patamares da vila.

Já era de madrugada, quando Miúda colocou um baby-doll provocante dizendo que iria tranquilizar seu Rodovalho. Ela subiu em cima da cama de casal e começou a dançar de modo provocante para o prefeito que todo afoito quase babava enquanto perguntava:

– Quem é meu rechonchudo gostoso, hein?

– Sou eu, o papai! – respondia ele todo dengoso. – Espie minha nega, rebole mais desse lado aqui, isso, nesse ângulo está perfeito! – revirando os olhos.

E não demorou nada para os dois de embolarem debaixo dos lençóis.

– Ah galega, você me enlouquece, minha cabritinha do agreste! – arfante falava o prefeito.

– Meu *dundungo totoso*! – e a mais risadinhas levadas eram escutadas.

Até que de repente, um barulho leve foi ouvido e uma presença foi sentida dentro do quarto. Receoso o casal foi abaixando aos poucos o lençol até a altura dos olhos quando tomaram o que seria o maior susto de suas módicas vidas.

Os Homens de Cinza estavam ali.

Parados e compenetrados semelhavam aguardar algo. O prefeito e sua amante se entreolharam, eles entendiam o que a presença daqueles três sombrios seres representava. Um deles saiu à frente e abrindo o temido paletó, revolveu de um lado a outro e esticou a mão em direção a Rodovalho. Que perplexo apanhou o envelope roxo com a mão tremendo e soltando mais uma pérola:

– Mas moço, ainda estou no caminho, nem cheguei à festa! – referindo-se ao desfrute com sua Miúda.

O homem voltou a formação macabra do trio e num piscar de olhos simplesmente desapareceram mais uma vez.

– Eita que agora se danou tudo! – o prefeito saiu da cama caçando suas calças enquanto Miúda, de tanto susto, desmaiou. – Desfaleça não galega, acorde aí que a coisa ficou foi feia para meu lado! – sacudindo-a pelos cabelos ao mesmo tempo em que colocava uma das pernas na calça. Vendo que a moça não despertava, arrumou-se enfiando o envelope no bolso e rompeu desatinado para sua casa onde adentrou aos berros:

– Anjinhaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! Os Homens me vieram catar! *Tô* lascado!

A primeira dama que sossegara com quase um litro de chá de erva cidreira feito por Morgana, quando o viu entrar em sua sala, se recompôs erguendo-se de seu sofá, e bem calma, o que fez Guto e Morgana estranharem, replicou:

– Como é que é, Rodovalho?

NACIONAIS - ACHERON

– Santinha, eu tava mais a Miúda na... – notando que ia falar demais, consertou a tempo. – estava eu mais a Miúda numa conversa franca sobre nossa luxúria, quando os Homens de Cinza vieram. Fizeram cerimônia não, foi logo me entregando o envelope roxo, olhe aqui, espie aqui! – retirando a carta e entregando a sua senhora que teve por companhia Guto e Morgana. Que continha o mesmo teor da lida pela moça para a menina Joele.

*Convocamos o senhor **ARMANDO RODOVALHO**, prefeito vigente da vila de Velha Esperança, a se apresentar na Estação das Despedias no próximo dia 09 deste mês e deste ano corrente, as 09h15min para ir rumo ao fim de todo ser vivo.*

Lembramos que o senhor Rodovalho terá sete dias para cumprir seus rituais e despedir de seus entes queridos, amigos e da vida da maneira que julgar conveniente.

Atenciosamente

A Direção.

Dona anjinha dobrou a carta e o entregou novamente.

– E agora querido marido, vai fazer o que nesses sete dias?

– Santinhaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa, você é mulher de fé,

não quero ir não! Vá rogar por mim em suas rezas, vai que o...
– apontando para os céus. – Não te ouve e anula isso!

– Olha Rodovalho, se eu fosse você estaria mais preocupado em rogar para não judiarem muito de mim, mas é com a turma lá de baixo! – apontando para o chão lembrando-o do inferno.

– Faça isso não Santinhaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

– Oxê cabra, para onde é que pensa que vai? Péssimo filho, péssimo prefeito, roubou tudo que podia e não podia dos cofres públicos e dos pobres, e não vamos esquecer-nos do caco de marido que foi para mim a vida inteira! Você é caso perdido, não há reza que dê jeito!

– Mas Santinhaaaaaaaaaaaaaa – já em prantos.

– Eu não movo uma palha, aliás, uma reza. Vá pedir as suas quengas, quem sabe as três juntas não consigam alguma coisa em sua serventia. – e saiu da sala dando de ombros para o prefeito que foi acalmado por Guto e Morgana tomando a outra jarra de chá.

No outro dia, o boato se espalhou por toda vila. Não se falava de outra coisa que não fosse à partida do prefeito. Contudo, mais comentado ainda foi sua atitude de como ia passar os seus últimos dias na terra dos viventes. Rodovalho montou acampamento no pátio dos escombros de uma velha igreja, levou consigo cama, roupas, mantimentos e seus

misteriosos e incontáveis sacos de lona que dizia ser para carregar batatas para os pobres, mas na verdade eram empanturrados de dinheiro que roubara durante anos.

Vestiu um roupão branco e ficava noite e dia fazendo preces para que Deus tivesse misericórdia de sua vida e o perdoasse. Mandou fazer uma fila imensa e ia distribuindo todo dinheiro e pedindo perdão a cada um. Vez por outra, uma de suas amantes vinha lhe tentar:

– O meu roliço, não vai me usar hoje, não é?

E embora sua volúpia masculina fosse de cair matando a moça, pensava no envelope e gritava com uma cruz de madeira nas mãos.

– Vá de retro satanás! Que este corpinho aqui agora só pertence a minha senhora! – dona Anjinha que ficava ali tricotando para cumprir seu papel e dar apoio como esposa retrucou na hora:

– Agora é? Agora que comeram a carne você vem me oferecer os ossos? Mas é muito vagabundo mesmo! Ô cabra salafrário! – se abanando com seu leque.

– Vá! Vá! Rompa minha filha! – enxotava ele sua amante.

Guto e Morgana olhavam de longe e também riam porque a cena era hilária.

– Acho que deveria conversar com seu Rodovalho, Morgana. – propôs Guto.

NACIONAIS - ACHERON

– E por quê? – estranhou a natureza da sugestão.

– Oras, porque do pouco que entendo nada do que ele pensa que está fazendo vai adiantar alguma coisa. Tem que ser sincero, de coração. E está na cara que o prefeito está desesperado para que sua viagem seja revogada ou pelo menos com rumo a cima e não para baixo como citou dona Anjinha.

– Tem razão. Deixe o sol abaixar e a fila diminuir que vou conversar com ele.

E assim Morgana fez. Dialogou por horas com Rodovalho tentando com que o prefeito visse o que estava fazendo e o que poderia ser feito. Mais tarde, ele chamou dona Anjinha para uma prosa que deixou a primeira dama surpresa.

– Anjinha, tem duas coisas que eu gostaria de lhe pedir.

– Fale.

Rodovalho a fitou com um olhar perdido no tempo, o mesmo modo que a olhava quando namorados e apaixonados.

– Não sei se há mais tempo para isso. Porém, eu gostaria que me perdoasse por tudo que lhe fiz.

Anjinha sabia conhecer o marido quando era sincero, e naquele momento viu tal virtude nele.

– Eu sempre te perdoei Rodovalho. Se não liberasse perdão, não ia tolerar tudo isso por 40 anos.

Ele sorriu com remorso e se ajoelhou diante dela.

– Mas que marmota é essa, homem? Já não disse que perdoei!

– Essa parte é para o segundo pedido, lembra ter dito que eram dois.

– Pois diga. – cruzando os braços.

– Anja dos Santos, me daria à honra de se casar comigo de novo? Mas desta vez, apesar de ser somente por quatro dias que me restam, prometo que será de verdade. Permita que eu seja o marido que você sempre mereceu?

Uma lágrima rolou dos olhos da primeira dama, que foi enxugada pelo lenço que seu Rodovalho sempre carregava consigo, um aprendizado que trouxe de seu pai, o de que um homem deve sempre carregar um lenço não para si, mas para enxugar as lágrimas ou proteger os pés de uma mulher num dia de chuva.

– Sim, eu aceito. De novo! – e os dois riram e num golpe de romantismo o prefeito a tomou nos braços jogando a moda antiga e tombando seu corpo esguio lhe deu um beijo de cinema. – o que rendeu um comentário curioso de dona Anjinha.

– Rodovalho, haja vista deste beijo e a secura que me deixou em todos aqueles anos, não poderíamos pular a cerimônia e ir direto aos comes e bebes? – erguendo a sobrancelha.

– Hum... Santinha! Está falando de *sapecação*? – já todo acalorado.

– E do que mais seria? – chacoalhando os ombros e erguendo o vestindo longo deixando as pernocas de fora.

– Santinhaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! – arfou o prefeito animado.

E rumaram para sua casa onde o desfrute foi tão grande que não deixaram Guto e Morgana dormirem ao ponto adormecerem na calçada um encostado no outro.

Eles se casaram numa cerimônia onde toda cidade foi convidada, inclusive Teúda, Manteúda e Miúda que só faziam chorar e se estapear num canto do espaço. Em quarenta anos Anjinha e Rodovalho só viveram juntos, porém durante quatro dias eles realmente foram, não só casados, mas felizes de verdade.

No dia de sua partida, em frente da Estação das despedidas jazia Jordan, viera somente para apoiar a primeira dama, sabia que por trás daquela muralha havia uma mulher apaixonada pelo seu marido.

De cortesia, a prefeitura contratou uma bandinha de forró o que alegrou demais a Rodovalho, e na companhia de tal melodia Rodovalho subiu no trem com um belo riso nos lábios.

Dessa vez, pelo menos naqueles sete dias, compreendia
NACIONAIS - ACHERON

que tinha feito às coisas sensatas em sua passagem pela vida e esses acertos fizeram tudo valer a pena. E quando o trem partiu se pendurou na janela e acenando partiu gritando:

— Santinhaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! Eu te amooooooooooooooooooooo!

Dona Anjinha sofreu muito com a partida do esposo, contudo, estava tranquila pois sabia que aquele Rodovalho que partiu com certeza tinha muito mais chances de ir para um lugar melhor e desejou em seu íntimo, que quando chegasse sua vez de embarcar pudesse lá ter um cantinho reservado para ela. E depois de receber o carinho de Jordan decidiu passar alguns dias na casa de uma irmã deixando sua casa com Guto e Morgana que prometeram cuidar como se fosse sua enquanto ali estivessem e Jordan voltou para sua missão.

Capítulo VII

O Sonho

Depois de presenciar a partida da pequena Joele e do Prefeito Rodovalho, Guto começou a ter um sonho

NACIONAIS - ACHERON

perturbador. Repetiam-se inúmeras vezes durante a mesma noite e depois passou a ser nos anoiteceres seguidos. Era como fechar os olhos e de repente sentir-se sugado por um turbilhão de luz com um som ensurdecedor e outra vez estar na frente de sua casa de infância. Sentia-se atraído, intuía que precisava adentrar e ir aos fundos da residência, onde jazia no sonho, algo que semelhava a quarta parte de um pequeno campinho de futebol, porém todo coberto de areia da praia. O Físico compreendia que tinha que ir ao centro daquele quadrado e ali seus olhos podia olhar em muitas direções. Toda vez que isto ocorria, o jovem podia ver cinco criaturas como aquelas que enfrentara no combate do Vale, bufando, prontos para atacá-lo. Novamente percebia seus braços invadidos por uma força descomunal e seu corpo mais leve, tão leve que não seria exagero afirmar que pressentia estar flutuando. Ainda que numa posição de perigo, Guto lembrava-se da explicação de Morgana sobre suas projeções astrais e começava a ponderar se não estaria de fato vivenciando o mesmo pois tudo aquilo era muito real. De repente um dos seres grunhia e aquele era o brado para atacar o rapaz.

A luta se iniciava. Guto travava uma guerra bélica contra quatro dos cinco, pois o que ordenava a peleja cercava o tempo todo em volta do quadrado sem pisar na areia. Não ficava claro se não podia ou não queria. Os golpes eram céleres, murros, rodopios entre voadoras e pontapés, o moço ia tombando um a um daqueles seus inimigos e por fim sempre restava o maioral, que espumava raivoso por ver seu

pequeno exército derrotado pelo Físico. Guto passava a mão pelo rosto devido a areia que lhe tomava conta do corpo inteiro e enquanto se limpava o encarava decidido fosse o fosse a ser enfrentado. No entanto, nesse instante o mesmo episódio sempre lhe advinha. Um círculo surgia no meio daquela areia em sua volta. Principiava de modo acanhado e aos poucos ia tomando grande proporção e de repente uma rajada de fogo descia do céu em plena lua clara e labaredas de fogo rodeavam Guto do oponente. A criatura não se dava por vencida tão facilmente, rodava toda circunferência buscando uma falha no paredão de fogo, um modo que pudesse entrar ou retirar o jovem lá de dentro. Entretanto, não era possível, porque também nesse andamento um homem surgia no canto superior daquela cena. E quando este indivíduo aparecia a criatura se distanciava ainda mais, ia a lona e rolava no chão de um lado para o outro, com a ponta de sua lança tentava ferir os calcanhares do Físico na tentativa de feri-lo e obrigá-lo a sair daquele espaço. Guto imediatamente olhava para o misterioso homem cujo sobre a cabeça tinha o foco de luz mais luminoso que seus olhos já haviam visto e este o respondia serenamente:

– Não tenha medo, ele não pode te atingir.

O coração do rapaz disparava diante da calma daquela voz e pela insistência da criatura, que por um meio completamente desconhecido pelo Físico chamava por outros demais de seu exército e de repente centenas se aglomeravam a sua volta, prontos para uma nova luta e de novo Guto olhava

para aquele homem místico e tão poderoso com certa angustia. E em virtude disto, o homem vinha caminhando na sua direção e novamente o tranquilizava:

– Não tema, eles não podem fazer nada contra você. Não mais. – E precisamente nesse instante erguia sua mão direita em direção aquele novo amontoado e sem proferir uma só palavra, todos aqueles seres caíam por terra instantaneamente. Grunhiam contorcendo-se exalando o odor fétido de enxofre derrotados e dominados por aquele homem e seus segredos.

E os olhos do Físico se enchiam d'água.

Sentia-se um menino perto daquele indivíduo e do modo como o olhava. Alastrando proteção, bem-querer e isto sem que ele tivesse feito nada para merecer. E quando Guto criava coragem para inquirir:

– Quem é o senhor?

Ele sorria e em seguida dizia-lhe:

– Eu? Eu Sou aquele de ontem. Eu Sou aquele de hoje. Eu Sou aquele de sempre.

E desaparecia num piscar de olhos. Guto acordava como quem voltava de um grande susto, ofegante, cansado por lutar e intrigado diante de tanta realidade mesmo sabendo que aquilo vinha de um sonho.

– Jordan! Jordan! – gritava sempre o nome do amigo nesse despertar violento. Morgana, que vinha da cozinha onde
NACIONAIS - ACHERON

apanhara um copo de água entrou no quarto cuja porta já encontrava-se aberta a pedido dela, pois se preocupava com os tais sonhos perturbadores de Guto, a moça pulou subitamente ao lado dele na cama, derramando um bocado da água no tapete e tratou de acalmá-lo:

– Guto, sou eu Morgana! Tenha calma, Jordan não está aqui, lembra? Viajou, breve voltará!

Ele a abraçou tão forte que chegou deixá-la sem ar.

– Morgana...

– Foi o mesmo sonho não foi? – quis saber a moça absorvida com a situação em que Guto ficava sempre que retornava.

– Sim! Sim! Tudo igual! Perturbadoramente igual!

– Agora está tudo bem. Estamos juntos. Estamos bem. – E assim ela conseguiu serená-lo até que se recompusesse. Mais compenetrado, levantou-se da cama indo em direção da janela e permitiu que o orvalho da noite apaziguasse não só seu rosto como também sua mente.

– Guto, o que exatamente vê antes de voltar? – Morgana estava certa de que Guto estava tendo projeções astrais.

O jovem objetou sem sair daquela brisa suave e mansa.

– É como te contei. Eu luto, venço quatro deles, um sobra, tenta me pegar. O círculo surge, me protege. O homem

vem, a criatura cai sem nenhuma chance, convoca outros tantos e aflito, sem conseguir pronunciar uma palavra se quer olho para o tal homem que com a mão direita estendida faz todos tombarem sem esforço algum. Pergunto quem ele é, e a resposta é sempre a mesma, eu sou o de ontem, eu sou o de hoje, eu sou o de sempre, e então eu desperto como se tivesse caído num abismo. Não é estranho? – e dessa vez sim volveu em direção à garota que retrucou:

– Muito. Muito estranho.

– O que sabe Morgana? – Guto alcançou pelo olhar dela que alguma coisa lhe passava pela cabeça.

– Guto... – Titubeou, pois sabia que ele tinha todas as ressalvas para com sua opinião sobre aquela situação.

– Por favor, estou pedindo, por favor! Se souber algo, me conte! – e vendo no semblante dele que uma grande agonia o tomava resolveu dizer o que pensava.

– Você está sendo atacado.

Guto franziu o cenho, pois aquilo parecia de pronto muito claro.

– Está sobre ataque de um demônio específico.

– Morgana! – ergueu a voz virando o rosto sem crer o que a fez dessa vez enfrentá-lo:

– Queira ou não aceitar, ele está te atacando. Quer sua alma. E certamente se está agindo assim é porque em algum

momento de sua vida a ofereceu a ele.

– Eu jamais, em tempo algum fiz algo do tipo! – rebateu levantando-se e caminhando pelo quarto.

– Guto... – Morgana correu até ele. – Você está tendo projeções astrais. Não são apenas sonhos perturbadores, parecem sonhos, mas não são. São viagens que nossas almas fazem indo para outros planos espirituais. É como lhe contei no Vale, já enfrentei muitos deles nessas zonas de batalhas espirituais.

– Morgana, o sonho se passa nos fundos da minha casa. Onde ficava aquele espaço de cimento, só que é areia.

– Ele o atraiu para lá, pois é uma lembrança boa de sua vida. Entende que se o local for de nossa confiança não temeremos para entrar. Por isso escolheu a casa. Guto, tente abrir sua mente, ele o conhece. Se nós soubéssemos o quanto nosso inimigo nos conhece, pensaríamos um milhão de vezes antes de tomarmos qualquer atitude que possa colocar nossa segurança espiritual em perigo. Este inimigo não brinca Guto e é por isso que o homem misterioso surge.

Foi nesse instante que um arrepio percorreu o corpo dos dois no quarto do alto da cabeça até as pontas dos pés.

– Que tem o homem? – Guto sussurrou.

Morgana abaixou os ombros e replicou:

– Vem te proteger. E se este demônio e sua falange ainda não conseguiram lograr êxito no que desejam é porque

NACIONAIS - ACHERON

este homem te resguarda.

– Por que faria isso se nem sei quem ele é. – cerrando o punho esquerdo com veemência.

– Você não disse que sempre pergunta quem ele é?

Guto consentiu com a cabeça. E a moça docemente o indagou:

– Não sabe mesmo quem é ele?

– Pensei em meu pai. Um amigo talvez. – respondeu com pouco caso e a jovem prosseguiu:

– Seu pai dorme no sono dos justos Guto, jamais teria poderes para isto, ser humano vivo ou morto não poderia ter. Para insistir tanto na sua proteção como faz, ele até pode ser chamado de amigo, desde que você entenda que é o amigo mais fiel e poderoso que alguém pode ter neste mundo ou em qualquer outro lugar da galáxia.

– Morgana... – O Físico sacudiu a cabeça negando o que ela falava. O que não a acanhou.

– Você sabe quem ele é. Mas se quer um conselho, da próxima vez, não pergunte quem ele é, pergunte o porquê está lá, talvez seja este o esclarecimento que você tanto busca. – Apanhou o copo com água e foi para seu quarto deixando-o ainda mais atordoado em seus adágios.

Aquele dia foi agonizante para Guto. Era como se as horas tivessem estacionadas debaixo de alguma das poucas

árvores do vilarejo para se refugiarem do sol escaldante que chamejava impiedosamente. O rapaz em contínuo pegava-se refletindo no tal sonho ou como diria Morgana, projeção astral, termo que agora ele também começara a admitir. Do mesmo modo, não via a hora de a lua apropriar-se de seu lugar no cume dos céus e logo pudesse deitar em sua cama para tornar aquele sonho. Por mais que a ideia lhe parecesse mórbida e insana, afinal, se alguém o contasse que estaria passando por conjuntura semelhante, ele certamente julgaria tal pessoa como no mínimo insano. E em seus pensamentos questionava-se: "– Será que estou enlouquecendo?"

Morgana tentou fazer-lhe companhia, todavia aquela era uma batalha interna, e por mais que a presença dela o serenasse e lhe desse tanta segurança, um incomodo maior o sobrevinha, o de que necessitava tomar para si aquela situação e isto significava resolver a questão por si só.

Repelir Morgana era quase surreal. Porém, mais surreal ainda era o tempo todo lembrar-se da figura do amigo Jordan. Do seu olhar afetuoso, do que provavelmente o diria diante daquele impasse. E de como, ele, Guto, gostaria de tê-lo naquele instante por perto. A amizade por Jordan parecia algo além da existência, era como se fossem amigos de infância, de outro tempo. A fé que tinha nele era algo incomum até mesmo diante da confiança que costumava ter em seus outros amigos.

No cair da noite, depois da criada de dona Anjinha servir-lhes uma torta de legumes deliciosa e ainda mais robusta dadas as demais refeições. Pois isto era um dos detalhes que o moço observara desde que chegara em Velha Esperança. As comidas servidas aos dois foram ficando cada vez encorpadas e mais elaboradas, não se tratava de requinte, contudo de consistência e de preparo. Parecia que a cada novidade que enfrentavam as coisas iam mudando. Foi às refeições que começaram na casa de Jordan, uma sopa rala, quase inodora e insípida, depois o cozido delicioso, porém simples na casa de Malena e agora verdadeiros manjares na casa do prefeito embora o toque de naturalidade continuamente estivesse presente. Do mesmo modo, notou, de que como as refeições, eram as habitações onde iam ou lhes era imposto. Primeiro a taberna módica e acanhada de Jordan, depois a casa de Malena, rústica, contudo melhor que a do primeiro anfitrião e agora o lar da primeira dama, um palacete comparado aos anteriores.

E tudo isto lhe parecia muito peculiar e estranho.

Mas por mais que elaborasse milhares de perguntas, como poderia respondê-las? Melhor, quem teria tal poder?

Na última tentativa da noite, Morgana bateu na porta do quarto do jovem com um ar de brincadeira para descontrair o peso que via no rosto dele.

– Toc-toc! – sorriu e em seguida perguntou: – Posso

entrar?

Sentado no meio da cama com a mão esquerda fez o gesto dando-lhe permissão.

– Já estou me recolhendo e achei que seria bom te dar um boa noite. – passando a mão carinhosamente em seus cabelos bem encaracolados.

– Obrigado, Morgana. – lançando aquele olhar que tão bem evidenciavam o quanto ainda a amava.

– Sei que não está bem. O conheço suficiente para saber disso. Sei que quando fica assim, é melhor respeitar e te deixar no seu tempo. – Guto deu um riso de canto de boca pois tinha consciência de que a moça tinha razão. Ninguém o conhecia tão bem como Morgana, pelo menos na terra dos vivos. – Mas como já vou dormir, pensei que...

E no ímpeto de vê-la assim tão mansa e carinhosa consigo, tocou o rosto dela descendo com as pontas dos dedos até seus lábios que sempre lhe foram tão atraentes e neles fixou o olhar, e dessa vez ela não jogou sua mão ao longe, não reclamou da atitude dele, só ficou ali se permitindo admirá-lo da mesma forma, sem julgamentos, sem inquisições, sem fogueiras, sem apontamentos. E desde o momento que o viu na plataforma de embarque para o Expresso do Oriente, Morgana pode assumir que via pela primeira vez o homem que entrou na sua vida e por quem sempre foi terminantemente apaixonada.

O beijo não veio. Mas quem disse que só se toca a alma
NACIONAIS - ACHERON

de quem amamos pelo encontro dos lábios? Quando se ama de verdade, existe, e sempre haverá uma chance de se encontrar. Seja numa rua, numa esquina, numa ponte, numa galáxia ou numa acanhada cama de solteiro feita de madeira, ininterruptamente haverá um caminho para essas duas almas em algum lugar. Quando um homem e uma mulher se amam ao ponto de se completarem apenas pelo olhar, jamais existirá força que possa separá-los, pois no contato dos olhos, suas seivas foram entrelaçadas e por toda eternidade vão estar ininterruptamente juntas. A única coisa que necessitam é que se desarmem ao ponto culminante, para que qualquer um deles abra uma porta onde só o sentimento puro, que nutrem um pelo outro, possa passar e tocar o outro sempre que esse encontro se der.

E isto não é magia, é um Presente de Deus.

Uma lágrima rompeu do olho direito de Guto e no mesmo local no de Morgana. No entanto, deixaram que percorressem o seu caminho, cada uma numa face e foram lentamente acompanhando um no rosto do outro aonde elas iam se achar, e quando a lágrima dele rompeu seu queixo assim como a dela, ambas caíram sobre suas mãos entrelaçadas no mesmo lugar formando não somente uma poça maior, mas um meio de que pudessem ver e crer que até mesmo os fluidos de seus corpos ainda conheciam a junção perfeita de conectar um ao outro. E o nome disto não é coincidência, e sim, Plano Perfeito do Divino.

Encostaram a testa um no outro e sem elaborarem uma

só palavra choraram excessivamente, até soluçarem, até se cansarem, até que não sobrasse mais nenhuma lágrima e ao fim disto, voltaram a se admirar e se notaram diferentes. Estavam mais leves e mais livres. E rompendo o silêncio, Morgana lhe fez um pedido:

– Me beija?

E jocoso e irônico como sempre Guto não perdeu a oportunidade:

– Pensei que nunca iria pedir. – E riram. E o lábio superior dele tocou o inferior dela com tamanha delicadeza quanto a seda, sobre a pele pela primeira vez. Foi dedilhando seus lábios como se desejasse desenhá-lo só para ele, do seu jeito, ao seu modo e com o seu gosto. Fez isso como se aquela fosse à primeira vez, quando ela tinha onze e ele catorze anos. Fazendo-a renascer no jardim de suas emoções e melhores sensações. Não pensava em compreender nada que não fosse o desejo intenso que pulsava nas entranhas de seu coração e o sorriso que brotou naquela boca tão linda e carnuda o fez sentir homem. O homem mais feliz de todos.

Ela parou e o fitou por segundos, e vendo assim tão de perto e para ela, creu ser a mulher mais completa do planeta. Gracejaram como só os amantes fazem. E cada vez que seus olhos iam invadindo o do outro, compreendiam a existência. Viviam. Sentir a respiração dele como puro ardor e admitiu para si que queria ser dele não outra vez mais até a última batida de seu coração. Suas bocas pelejavam como insanos

num dia de sol, acalorados, regozijes, férteis e unidos para todo sempre mesmo que este para sempre durasse minutos. As mãos dele se engrenharam em suas madeixas longas trazendo seu corpo mais rente ao dele. Jaziam sem limites, sem verbetes apenas vivos, mordiscaram-se como filhotes e se absorveram como leões, tudo isso envolto a cada fôlego, a cada segundo de profundidade e pulsação de que tudo poderia ser dúvida, a única certeza que possuíam era eles dois e mais nada. E quando se deixaram, ela levantou-se da cama e antes de romper a porta olhou para trás, sorriu e lhe deu até logo com a mão. Guto por sua vez, deitou na cama pondo dos braços por trás da cabeça, esticou bem as pernas e suspirou fundo e logo adormeceu.

Outra vez o turbilhão.

Outra vez a casa.

Outra vez os cinco.

A batalha.

O ciclo.

O fogo.

E então veio ele, o homem misterioso envolto de sua luz ofuscante. Novamente derrotou os inimigos do Físico apenas estendendo sua mão direita. E quando se deu, Guto ligeiro, gritou:

– O que veio fazer aqui?

O indivíduo inclinou levemente a cabeça como se mostrasse orgulhoso da pergunta do rapaz e depois de caminhar ainda mais para perto dele respondeu:

– Eu vim porque você me chamou Augusto. Estou aqui porque você me chamou. Não lembra?

– Não. Não costumo chamar quem não... – sendo impedido pelo homem.

– Quem não conhece? – Guto emudeceu. – Estou feliz que tenha mudado o rumo de nossa conversa. A questão nunca foi quem sou, e sim porque estou aqui. Só entro onde sou convidado Augusto, então... – Sabendo que o moço entenderia que de alguma forma o convidara.

– Por que me protege dessas criaturas?

– Não é isto que faz um bom amigo? – deixando o físico sem resposta. Passados alguns instantes, Guto o fez outra colocação:

– Não é de falar muito, não é? – Ele caminhou ultrapassando as labaredas de fogo o que assustou o Físico com o feito e lhe falou:

– Faz parte da minha natureza, Augusto.

– Por quê? – O jovem retrucou sem pensar muito.

– Porque tudo aquilo que sai da minha boca tem que se cumprir. – E continuou. – É bom que saiba que não nos
NACIONAIS - ACHERON

veremos mais por aqui. Sua permanência neste lugar terminou. Voltará para Velha Esperança e aguardará a hora da sua partida.

Sobressaltado Guto o rebateu:

– *EU VOU MORRER?*

Ele se afastou do jovem e se limitou a esclarecer:

– Vai ficar tudo bem. Não tema. – E recuou de frente para o Físico passando outra vez pelas imensas e possantes labaredas de fogo e desapareceu.

E pela primeira vez após muitas noites, Guto acordou sereno e seguro. Aquilo que antes o angustiava sumira como uma folha seca no vento rumo ao sul. Sentou-se na cama, colocou um pouco de água na caneca que ficava ao lado da botija no criado mudo e soube que não seria mais o mesmo.

O dia amanheceu e numa caminhada matinal onde convidou Morgana, foram para a mesma colina onde havia dançado e lá a contou detalhadamente como fora o desfecho de sua projeção astral, porque agora não lhe restara dúvida de que era isto que o havia incidido. Morgana anelou fundo e em seguida o questionou:

– Guto, como foi que o convidou?

– Não sei, Morgana. Desde que acordei tenho tentado me recordar, mas não consigo lembrar-me de algo que tenha dito ou feito que culminasse em tal convite.

– Se disse que você o chamou é porque sim, assim o fez. Tem que se lembrar de como.

Guto jogou o corpo na relva sentando-se e admirou toda Velha Esperança de cima. Não sabia se deveria tocar no assunto sobre os dois na noite anterior em seu aposento. Temia que isto fizesse a moça se irritar e novamente deixá-lo no mesmo local sozinho e desatinasse a descer a montanha. Foi quando Morgana o indagou:

– Você já devolveu o radinho que pegou daquele homem aquele dia?

Surpreso por ela ainda recordar, gaguejou um pouco e confessou:

– Sabe que não.

– Por que não fazemos isso agora? – Sugeriu a jovem esticando as mãos com um belo riso. Guto imediatamente aceitou o convite e juntos desceram a colina.

– Vamos apanhar o rádio que está no meu quarto e em seguida vamos a taberna de Jordan. – proferiu decidido.

– Na taberna? – estranhou Morgana. – Mas por quê?

– Ele me falou para que eu deixasse onde mandasse meu coração. Acho que o certo é deixar na taberna de Jordan, afinal, ele parece ser a pessoa mais popular de Velha Esperança. – ironizando a questão.

– Sinto a falta dele. – confessou Morgana mordiscando

um galhinho de capim-limão.

– Também. Muita falta. Apeguei-me a ele de uma forma até inesperada por mim. Parece que somos amigos de toda uma vida. As palavras sábias dele me confortam, me fazem sentir mais confiante. E entendo porque esse povoado o recorre tanto, é sempre a pessoa que está na hora da festa como e principalmente na dor das pessoas. Ele se importa intensamente com cada um de modo único. Viu como foi com Malena? E voltar só para confortar dona Anjinha foi de uma sensibilidade, de um amor. Sem palavras.

Morgana passou a mão no ombro dele, esfregando a palma da mão rapidamente e prosseguiram sua caminhada até a casa da primeira dama. Apanharam o rádio e tornaram a casa de Jordan. Depois que se aproximaram notou que a taberna jazia aberta, como se alguém estivesse lá, rapidamente se entreolharam e felizes gritaram juntos:

– Jordan!!!

Correram e adentraram o ambiente convictos de que veriam seu amigo, entretanto para sua surpresa que estava ali era Yorran, o dono do rádio. Guto parou sem alcançar nada e não diferente foi Morgana.

– Bom dia! – saudou o homem alto, bem afeiçoado e de trajes simples, porém bem alinhado com seu inseparável chapéu de palha.

– Bom dia. – respondeu Morgana cutucando Guto com o cotovelo para que fizesse o mesmo, que a obedecendo

NACIONAIS - ACHERON

também o saudou.

– Vejo que trouxe meu pequeno rádio. Suponho não precisar mais dele. – olhando para Morgana. Desconcertado, Guto o agradeceu.

– Muito obrigado, foi de grande valia. Uma coincidência o senhor passar justamente naquela hora com aquela música.

– Coincidência? Coincidência é só um meio de Deus avisar aos humanos que cuida tudo em pequenas doses de milagres. – Sorrindo em seguida, apanhou o rádio das mãos de Guto o repousou em cima de um banco e esticou a mão para Morgana.

– Estava muito ansioso para vê-la Morgana, meu nome é Yorran.

Ela o cumprimentou e replicou:

– O senhor me conhece? Já nos vimos antes? – extremamente curiosa.

– Jordan me falou muito sobre você, aliás, sobre vocês.

– Conhece Jordan? – foi à vez de Guto retrucar.

– Sim, somos da mesma família.

– O senhor é irmão dele? – indagou o moço encafifado.

– Digamos que temos o mesmo pai.

– Poxa, ele não nos contou sobre sua pessoa. –

desabafou o jovem. Morgana, no entanto, analisou a circunstância com seus pensamentos e o questionou:

– Ele ainda vai demorar muito?

– Ah, isso depende muito de como a próxima questão dele vai se desenrolar.

– Questão? – retrucou Morgana.

– Sim. – contrapôs Yorran sentando-se na rede. – Sua viagem foi para resolver três questões. Parece que uma foi completada, restando assim duas. Assim que tiver êxito ele voltará.

– E por que o mandou para cá? – Guto jazia inquieto.

– Jordan me disse para que cuidasse de vocês enquanto estivesse fora, como também de toda Velha Esperança. Eu vim para conciliar as coisas por aqui. Aliviar, amenizar, tranquilizar e fazer com que alguns se lembrem das coisas que Jordan sempre os ensinou.

– Como um consolador? – Perguntou Morgana como entendendo quem era aquele homem que lançou um olhar de satisfação para moça, uma vez tendo a certeza de que a jovem o reconheceria.

– Sim Morgana. Exatamente. Cumprirei o papel de consolador, de conciliador. Estarei onde precisam e quando precisam e com aquilo que necessitar. Lembra-se do João da Rua 14, casa número 26, Morgana? – que sentindo seu corpo aquecer repentinamente acenou positivamente para o homem.

– Que bom. Isso ajudará bastante.

Guto, notando que tinham uma forte e inusitada ligação, ficou calado, contudo Yorran o trouxe para conversa.

– Jordan me avisou que você estaria tendo sonhos perturbadores, Guto?

– Avisou como? Não estive com ele! – Guto o fitou com muita estranheza.

– Ora, isso não importa muito. Digamos que alguém entrou em comunicação com ele. – o que fez Guto olhar para Morgana, pois era a única pessoa que sabia dos sonhos. – O importante é que você enfrente e supere as coisas que acontecem nesses sonhos.

Sem entender exatamente o motivo, Guto contou tudo a Yorran, enquanto Morgana se refugiava num canto da sala ainda tomada pelas palavras do indivíduo.

– Guto... – proferiu Yorran pondo a mão sobre o ombro do rapaz como um pai quando quer aconselhar um filho. – Tente recordar quais foram seus últimos passos antes de entrar no Expresso do Oriente, creio que é lá que vai encontrar as respostas que carece. Mas não se absorva tanto com essa questão. Vá trabalhando-a de modo tranquilo e paulatinamente, vai ver que quando menos esperar, como num estalar de dedos, – fazendo o gesto com sua mão direita. – a resposta virá.

E Guto viu nas palavras de Yorran a mesma serenidade

que encontrava nas de Jordan, e confiou nele indo totalmente contra tudo aquilo que sucessivamente tomou como certo, principalmente de confiar num estranho.

– Por que acha que esse homem me defendeu tanto? – questionou o Físico sem tirar o olhar do semblante de Yorran.

– Pela razão mais antiga do mundo. Mais velha que a própria esperança.

O moço abaixou a cabeça e pensou, pensou e não conseguindo encontrar a resposta, volveu os olhos para o homem que de modo simples, mas cativante discorreu:

– Por amor.

E Guto sentiu um arrepio bom, uma energia amoldada vindo daquele indivíduo e sem reservas o abraçou fortemente como o filho que ouve o pai depois de uma boa conversa. E em seguida se recompôs na sua plenitude orgulhosa por ser um homem, bateu no peito de Yorran e saiu da taberna deixando Morgana para trás e com passos largos foi caminhando cada vez mais e mais rápido, até que se pegou correndo pelas ruas do vilarejo rumo a lugar algum, chegando desse modo num riacho, rasgou sua blusa numa precipitação de fúria e indignação, retirou o tênis, abriu os braços e olhando para os céus começou a berrar:

– O que está tentando fazer? Para que todo este circo? Todo esse teatro? Nunca ligou para mim quando mais precisei! Você se negou como amigo quando eu mais necessitei da sua mão! Por que me trouxe aqui? Você me

NACIONAIS - ACHERON

abandonou como meu pai quando era um menino debaixo de uma marquise! Por que agora tenta mostrar usando esses pobres coitados para me convencer que você existe e se importa comigo? Quem quer enganar? Eu errei, eu destruí não só a minha vida como a da Morgana e a da Lana, e onde estava você? Que amor é esse? Não finja que me quer, porque tenho certeza que não! – batendo no peito com veemência. – Por que me quer tanto assim? Melhor... Por que finge se importar tanto assim?

Mas só houve sossego. Barulho somente das águas do riacho passando incansavelmente.

Mais tarde quando voltou para casa de dona Anjinha deparou-se com Morgana que fincava os dentes na primeira mordida numa maçã, que encontrara debaixo de uma antiga macieira, e quando a viu foi à hora dela se explicar com ele. Colheu-a pelo braço com certa truculência e a conduziu para seu quarto, no largar do braço a jovem caiu sentada em cima da cama e perplexa com a atitude do Físico o encarou:

– Quem pensa que é para me tocar desse jeito? Enlouqueceu é? – ele voltou na cozinha trazendo consigo uma cadeira, e a pôs na frente da jovem com as costas do objeto voltadas para Morgana e sentou-se nela visivelmente aborrecido:

– Quem te deu autorização para contar ao Jordan sobre meus sonhos?

– Do que está falando? Não fiz isso Guto! – explicou a

professora com certa imponência.

– Não minta para mim! – gritou.

– Não estou mentindo! – rebatendo o tom de voz.

– E como Jordan pode ter sabido dos sonhos se você é única pessoa para quem contei? E o olhar do Yorran? Ele me pareceu bem claro quando...

Sendo impedido por ela:

– Não! Ele não citou nomes!

– Foi você! Sei que foi!

– Guto... Pensa! Como poderia ter contado a Jordan se não o vejo há dias? Se aqui não existe celular, tecnologia alguma, nem correio sequer. A única coisa que faço nesse lugar quando não estamos juntos, e isto é quase o tempo todo, é orar!

O rapaz entendeu que havia verdade nas palavras dela e se aquietou sentando ao seu lado. Morgana passou a mão pelos seus cabelos longos e molhados. Pois tomara um banho, e entregando os joelhos o fitou.

– Mais calmo?

– Desculpe. Não tinha o direito de puxá-la daquele jeito. Perdoe-me!

Morgana bateu o ombro no dele, ou tentou já que eram de estaturas completamente distintas.

- Tudo bem. Porque foi a última vez, nunca mais ouse.
- Sabe que não sou disso, só fiquei cego e...
- Está bem. Agora quero outra maçã e o cavaleiro vai se virar em arrumar uma para mim, haja vista que aquela pareceu ser a última que encontrei na árvore.
- Ok, vamos catar maçãs?
- Eu nunca mentiria para você, Guto. – confessou espontaneamente e em seguida se retiraram.

CAPITULO VIII

Um Segredo Inconfessável

Noites depois, foi à vez de Morgana ter sonhos perturbadores ou como conhecia tão bem, ter projeções astrais. Assim como Guto, a moça despertava em sua casa de infância, a casa que agora era dos seus pais. Era uma residência ampla, de muitos quartos e bem apanhada. O quarto de Morgana era o último no corredor, logo ao lado da cozinha imensa. Ela despertou em sua antiga cama em seu antigo quarto todo decorado em branco e tons de amarelo ouro. Logo que intuiu se tratar de uma projeção astral também percebeu que vestia um longo vestido de festa cor de vinho, que seus longos cabelos estavam lindos num elegante penteado que o prendia deixando apenas alguns fios soltos

como os usados pelas mulheres da Grécia antiga. Ergueu-se e caminhou até porta onde tudo jazia no mais puro silêncio. Olhou no alongado corredor e sentiu-se atraída para a sala. Na medida em que caminhava, compreendia que outra vez um duelo a aguardava. Passou pelo quarto de seu irmão, de seus pais, do quarto de hóspedes, banheiro principal, sala de jantar e quando chegou ao batente da passagem da sala principal se deparou com a seguinte cena: Quatro violinistas e um violonista tocavam uma melodia doce e afável aos ouvidos de qualquer mortal, não seria exagero afirmar que semelhava a melodia tocada pelos querubins, os anjos cujo sua única finalidade é orquestrar o coral celestial. Eram cavalheiros *vestidos de fraque*, luvas brancas e cabelos impecáveis. Do meio para a porta principal da sala, jazia uma linda mesa redonda, ornada para um jantar fino e assaz requintado. Pratos belíssimos, talheres de ouro, taças de cristal e guardanapos do mais puro linho com um pequeno jarro de tulipas, suas flores preferidas, enfeitavam o ambiente que possuíam duas cadeiras, ou seja, dois convidados. Foi quando o viu com um largo sorriso. Era alto, corpo atlético, olhos azuis, maxilar forte e bem definido, vestimenta feita para um perfeito cavalheiro, sem dúvidas o homem mais belo que seus olhos já tinham visto. Mas havia algo de censurável em seus olhos. Era um olhar burlesco, ferino e maléfico. Morgana logo notou de quem se tratava. Um garçom veio ao seu encontro na porta e educadamente lhe disse:

– A senhorita pode me acompanhar? Meu mestre a aguardava ansiosamente.

A jovem esperou que a conduzisse até a mesa, onde seu anfitrião a esperava de pé e com uma das mãos esticada, pronto para beijar a sua. Morgana ficou imóvel e quando ele notou que a moça não estenderia sua mão tratou de pessoalmente puxar a cadeira e educadamente pediu:

– Sente-se querida, hoje você é minha convidada. Ordenei aos meus criados que nos preparasse o melhor dos manjares. Receio que um anfitrião deva oferecer aos seus convidados do bom e do melhor.

E ao sentar-se Morgana ainda permaneceu calada somente o observando. Imediatamente outros servos vieram e serviam iguarias que seus olhos só viram em renomadas revistas de gastronomias dado o alinho e alto valor. Cada prato mais apetitivo que o outro, cada um mais aromatizado que o outro. Morgana chegou a salivar, no entanto, não tocou em nada que lhe era oferecido.

– Vamos Morgana, não está sendo civilizado de sua parte para comigo. Recebo-a com toda pompa e circunstância e você nem quer tocar num só prato? – cortando uma codorna recheada ao meio e em seguida cheirando o vinho que fora servido e bebendo um gole.

– O que você quer? – Ela rompeu o silêncio de modo talhante.

– Não faz ideia? – enquanto ia degustando um prato de vieiras. – Você sempre sabe tudo. Irritantemente.

– O que você quer? – insistiu.

NACIONAIS - ACHERON

Ele largou os talheres na mesma hora. Mandou cessar a música num gesto e todos se retiraram do recinto, restando somente os dois na mesa. E a encarando agora com as pupilas de seus olhos dilatadas e negras ao invés de azuis celestes.

– Eu o quero. – O que fez a garota de imediato pensar em Guto. – O alertou sobre mim. Falou coisas que não devia, falou demais para meu gosto. E é claro que ele a escutou. Ele sempre a ouve, não é mesmo?

– Ele não te pertence mais. A mente dele está se abrindo, está voltando a crer. Você o perdeu! – sendo taxativa.

O indivíduo levantou-se e caminhou até a cadeira dela, e em seus ouvidos sussurrou:

– Ainda não. O que acha que seu Guto fará quando souber que você, a senhorita Oração Perfeitinha da Silva, que adora jogar na cara dele por tê-la traído com sua melhor amiga, que sente prazer em ver a agrura dele nessa situação, na verdade, foi quem traiu primeiro em toda essa história? Hã?

Morgana fechou os olhos e procurou se acalmar.

Aquele era o seu segredo inconfessável.

Segredo esse que todos nós possuímos. Que ocultamos em algum lugar do nosso ser com a finalidade de que ninguém possa saber do que fomos capazes de fazer ou de ir. O segredo inconfessável de Morgana havia acontecido

quando tinha dez anos de idade, Lana doze e Guto treze. Guto foi resgatado das ruas e cuidado por sua mãe adotiva que logo faleceu e a família de Morgana o adotou à distância. Ele comia, bebia, tinha as roupas lavadas pela mãe de Morgana, era levado a igreja, participava de tudo e os amava de fato. Guto ininterruptamente esteve na vida de Morgana, mas quando tinham, ela oito e ele onze anos de idade, a família de Lana passou a congregar na igreja dos pais de Morgana. E Lana logo se afeiçãoou a Morgana, imediatamente tonaram-se melhores amigas. Os três andavam juntos para baixo e para cima. Guto sempre amou Morgana, os olhos e o coração dele sempre foram dela. Até então, Morgana o via como seu melhor amigo, grande companheiro, porém Lana logo se apaixonou por ele. Foi seu primeiro grande amor da infância. E crendo que sua melhor amiga poderia ajudar nesse caso, confessou a Morgana seu sentimento pelo então menino e pediu que entregasse uma cartinha de amor, onde se declarava e pedia para que ele marcasse com um X uma das alternativas, se queria ser somente seu amigo ou seu namorado. Morgana prometeu ajudar entregando o bilhete. Entretanto, quando estava em seu quarto à noite, depois de ler e reler a carta romântica, seu lado obscuro falou mais alto. Pensou que se Guto aceitasse ser o namoradinho de sua melhor amiga, perderia o controle que detinha sobre os dois, porque sempre foi a cabeça do trio. Ela ditava as regras e eles a obedeciam. Não queria que Lana tivesse um namorado e ela não, uma vez que seus pais eram extremamente rigorosos quanto a isso, afinal, ela era a filha do Pastor Rebouças. Havia

também aquele mórbido prazer em saber que isto faria Lana ser menos que ela, porquanto seria a rejeitada pelo menino mais bonito da igreja, e foi nesse instante que sentiu um vento correr dentro do seu quarto e algo que semelhava uma sombra entrar pela janela, no entanto decidiu que seria apenas a sombra dos galhos em sua vidraça, apanhou uma caneta rosa em seu estojo de mocinha e marcou com um X no bilhete da amiga a alternativa que marcava quero ser somente um amigo. Marcando assim a vida dos três para sempre. O dobrou em seus pertences e no outro dia pela manhã na entrada da escola entregou a Lana dizendo:

– Sinto muito. – e entrou conversando com os demais colegas como se nada tivesse acontecido. Desde então, Lana se afastou de Guto e passou a só estar com Morgana, sua melhor amiga. Até que Morgana percebeu que aquela atitude tão cruel, na verdade, abrisse seus olhos para Guto. Notou o quanto o amava do mesmo modo que ele, e quando começaram a namorar escondido, Lana a apoiou, pois agora contava estar gostando de um menino da rua de baixo.

Com a consciência pesada, porque Deus cobra em nossos ombros os erros que cometemos contra o nosso semelhante. Onde alguns concertam, outros esquecem como rota de fuga para sua culpabilidade. Aquilo chegou a uma dimensão tão gigantesca dentro de Morgana que não teve outra maneira que não fosse contar a sua então, melhor amiga, a verdade sobre o bilhete. Lana aguentou firme. Não demonstrou inquietude, rancor ou mágoa da amiga. Afirmou

estar tudo bem e a vida seguiu. O que Morgana nunca supôs era que quando estivesse noiva, mas precisamente no dia do seu casamento, Lana adentraria aquela igreja com sua família e aquele exame de gravidez onde expôs ter um caso com Guto e ser ele o pai de seu filho.

Ao escutar a ameaça do ser, entendeu que o passado voltava como uma tempestade a sua porta vinha cobrar uma dívida e os juroz poderiam ser altos demais.

– Então Morgana, meu silêncio pelo seu apoio. O que me diz? Você continua a senhorita Oração Perfeitinha da Silva e Guto jamais saberá o que fez com ele e sua amiga Lana e eu retiro daquele lugar e o levo comigo.

– Não! Não farei isso nem agora, nem amanhã e nem nunca! Não faço acordos com você!

– Quer mesmo que ele saiba que aquilo que tanto acusa, ou seja, de traição, foi na verdade cometido por você? Quer que ele perceba o quanto foi paspalho, bobão em suas mãos durante toda vida? Você tem ideia de quanto ele se culpa por tê-la traído? E quando souber da sua hipocrisia, hein? O acusa com um dedo desde então e esqueceu que os outros quatro dedos de sua mão apontavam para sua pessoa, irmãzinha santa? Achou mesmo que entrei naquele quarto naquela noite através da janela por não ter nada melhor para fazer? Eu senti o cheiro da maldade maquinada em seu coração, era tão ardilosa, tão vil e tão deleitável para uma garotinha de dez anos de idade que foi praticamente irresistível, Morgana!

– Basta! – Gritou e levantou-se abandonando a cadeira e antes de fazer o mesmo com a sala ele advertiu agora com uma voz ferozmente ameaçadora:

– Sua última chance!

Morgana o encarou e em seguida deu-lhe as costas e rompeu a porta foi quando de repente acordou e se viu no quarto na casa de dona Anjinha. Subitamente correu até o quarto de Guto para certificar-se de que estava bem e logo que o viu dormindo, recuou pelo pequeno corredor e foi escorregando as costas pela parede até o chão e começou a chorar silenciosamente.

Ao amanhecer, Guto foi encontrar-se com Yorran na taberna, pois queria que o novo amigo o falasse mais sobre os envelopes roxos e os Homens de Cinza.

– Bom dia! – saudou o Físico, que foi recebido com um abraço forte de Yorran e em seguida uma caneca de chá de erva cidreira com rodela de limão. Depois de servidos, ambos sentaram no lado de fora da Taberna e Yorran o questionou sobre Morgana e sua ausência.

– Eu bati no quarto dela antes de vir para cá, mas acho que o sono estava tão pesado que não escutou.

– Talvez tenha tido uma noite difícil. – comentou Yorran sem grandes pretensões. Guto não quis saber de rodeios e foi de imediato para o interrogatório.

– Yorran, por que os Homens de Cinza e o envelope com o aviso? Por que isso só acontece aqui, ou acontece em outros lugares? E quando Sinval vai mandar nossas passagens, o homem no meu sonho disse que eu logo sairia daqui. Será que vou morrer?

– Guto... Guto... Parece até que vai pegar algum trem? Pelas suas perguntas achei que gostaria de descer de um? – brincou Yorran rindo para acalmar o espírito inquieto do rapaz. Que acabou vendo quantas perguntas tinham sido vomitadas em segundos de sua boca e começou a rir também e ainda zombou como de costume:

– Nossa! Pareci até a Morgana quando está invocada! – gargalhando ainda mais.

– Gosta muito dela, não é? – investigou Yorran ajeitando o chapéu enquanto contemplava um bem-te-vi cantar num cajueiro sem vida.

– Muito. – confessou. – Nunca amei outra mulher como a amo. Pena que... – recordando os fatos do passado que contara a Yorran em outra ocasião e calou-se chacoalhando o pé de um lado para o outro.

– Guto, o importante na vida não é o caminho, é o caminhar.

– Errei muito feio meu amigo, tem coisas nessa vida que não tem jeito não. – voltando a chacoalhar o pé.

– Você já imaginou se fosse ao contrário. Se fosse

Morgana quem tivesse feito isso contigo? Como seria?

Guto parou como quem realmente quisesse se pôr no lugar de Morgana. E respondeu:

– Sei que vai parecer demagogia de minha parte porque fui eu quem fez a confusão toda, mas acho que a perdoaria principalmente se fizesse comigo tudo o que eu faço por ela desde que entramos naquele bendito trem. Não aguento mais pedir perdão e só vê-la presa no passado. Acho que Morgana não sente o mesmo que eu. Não sei porquê, porém desde criança, sempre pensei isso.

– Então acredita também que o sofrimento dela é falso?
– averiguou Yorrán.

– Não. De forma alguma! A mágoa dela é tão densa que quase posso tocá-la.

– Às vezes, meu amigo, para se resolver uma situação é preciso que quando tivermos a oportunidade, façamos aquilo que esperamos que o outro nos faça.

O moço olhou Yorrán refletindo sobre suas palavras e guardou para si.

– Agora quanto o envelope e os Homens de Cinza. Eles são como são. Cumprem seu designo. Se conversar com este povo todos já viram seus familiares e amigos partindo no trem da Estação das Despedidas.

– Dona Anjinha viu quase toda sua família. Até citou uma vez que foi a família inteira.

NACIONAIS - ACHERON

– Sim, os Sullivans. Pai, mãe e os três filhos. – lembrou Yorrán.

– Que tristeza!

– A grande reflexão do envelope é o que se faz quando se sabe com o tempo exato que lhe resta. Malena amou sua menina até o último momento. Rodovalho se apegou a fé que a vida toda nunca teve para garantir que não fosse para o inferno. Já vi tantas pessoas fazendo tantas coisas, Guto. Vi pessoas que deram sete dias de festas, outras que fizeram questão de ir à casa de seus desafetos e pedir perdão um por um. E vi gente que não fez absolutamente nada. Essa é a morte mais triste. A pessoa parte morta em vida.

Guto ficou pensando outra vez no que Yorrán dissera.

– Quanto sua partida... – gargalhou. – Não se preocupe. Não creio ser esse o sentido do que o tal homem lhe disse.

– Por quê?

– Posso estar enganado, mas creio que você e Morgana que chegaram, também partirão juntos de Velha Esperança.

Morgana se consumia dentro seu quarto. Escutara Guto chamá-la, contudo a opressão que sentia dentro da alma era tão severa e bárbara que a impediu de mover qualquer parte

de seu corpo para tocar naquela maçaneta. A projeção astral que tivera não saía por um segundo só de sua mente. Não sabia o que pensar, se o seu segredo mais oculto, fosse enfim revelado diante daquele que sempre tanto amou. E então chorou. Chorou pelo remorso, chorou pelo arrependimento, chorou pela sua atitude diante de Guto onde consecutivamente tomada pelo seu lado tenebroso o acusou da traição como se ele fosse o único em todo mundo errado, naquela circunstância que envolvia os três. Notou como fora suja, não em si quando cometeu o desacerto, haja vista ser uma criança, mas por não tê-lo confessado em todas as vezes que teve oportunidade a Guto. Isso era o que mais a corrompia, a revolvava e deixava suas entranhas emocionais expostas. E Morgana viu que o seu medo de não ser nada para ninguém a iludiu ao ponto de cometer e criar seu reino em cima daquele erro, tão marcante e crucial em sua vida.

Depois de se acalmar, lembrou que em uma de suas bolsas trazia um pequeno exemplar da Bíblia, rapidamente a apanhou e lançando-se ao chão com humildade na alma e no coração clamou em sua oração:

– Deus meu, me ajude! A tua serva errou tanto e não sei como consertar tudo isso. Não faço ideia de como devo agir ou por onde começar a acertar minha falha. Perdoe meu erro, por ter feito e, sobretudo por não ter confessado ao Guto quando tive a chance, inclusive desde que cheguei aqui. Tornei tudo tão pesado. Acho que no fundo uso a raiva de mim nele, assim posso encontrar alívio para esse

comportamento obscuro que sempre tive e nunca consegui explicar, mas me perdoa Pai. Perdoa a tua filha e me mostra um caminho. – e findando a conversa trouxe para junto do peito a Palavra Sagrada lançando seu olhar ao céu e a abriu aleatoriamente, abaixou o olhar e leu onde seu dedo indicador encontrava-se e lá estava escrito:

*"Não
temas, ó
bichinho
de Jacó,
povozinho
de Israel,
eu te
ajudo, diz
o Senhor,
e o teu
Redentor é
o Santo de
Israel."*

*Isaías
41:14*

E aquelas palavras tocaram ainda mais seu coração. Deus não está nos ofendendo ao nos chamar de bichinho de Jacó, povozinho de Israel. Ele apenas está nos comparando

NACIONAIS - ACHERON

com uma coisa pequenina, frágil. Quando se repara num verme, num filhotinho de algum bicho veremos o quão são todos indefesos. Assim como qualquer ser humano. Mesmo sendo tão pequeno e indefeso, Ele nos ama e quer cuidar de nós. Por mais que o homem pense de modo grandioso a respeito de si mesmo, o homem não é nada disso. O ser humano é frágil e pequeno, um bichinho de Jacó. Ainda assim, tão acanhados e indefesos, Ele se importa com cada ser humano.

E depois de muito meditar em cima daquele versículo, a jovem se levantou se arrumou e saiu em busca de Guto. Compreendia o que deveria fazer. Era hora de a verdade prevalecer.

Yorran e Guto riam juntos de algumas histórias da vida, quando Morgana surgiu com um jeito inquieto, esfregava as mãos uma na outra e nem cumprimentou direito Yorran que a fitou preocupado.

– Guto, preciso falar contigo! – o moço estranhou sua conduta.

– Agora?

– Sim. Agora. Por favor!

Yorran ergueu-se depressa para deixar os dois a sós, mas antes passou pela jovem.

– Viu Isaías, da Rua 41, casa 14?

O que a fez tremer, pois suas suspeitas agora eram uma
NACIONAIS - ACHERON

certeza sobre Yorrán. Morgana desenvolveu um modo próprio de decorar os versículos da Bíblia. Seus pais eram muito exigentes e não admitiam que os filhos não soubessem a Escritura de cor e salteada, então criou um jeito só seu, ela marcava o livro como sendo a pessoa que morava na casa, a rua era o número do capítulo e o número da residência era o número do versículo.

Por isso espantou-se tanto quando Yorrán na visita a taberna a indagou se lembrava do João da Rua 14, casa de número 26. Como ele poderia saber disso? Pois jamais contara a alguém, era algo só dela. E agora como poderia saber de Isaías 41:14? Contudo, não era hora de resolver essa questão e sim de se decidir com Guto. Antes de se retirar completamente, Yorrán os olhou dizendo:

– Creio que chegou a hora se encontrarem na casa de João, da Rua 8, casa 32.

Guto que nada entendeu, retrucou:

– Quê? – Morgana imediatamente decifrou falando em voz alta:

– *“E conhecereis a verdade... e ela vos libertará.”*

Yorrán sorriu para ela piscando e deu um aceno saindo de cena. Guto ainda tentou descontraír brincando:

– O Yorrán consegue ter mais enigma do que o Charada do Batman. – Porém viu na postura da moça que se tratava de algo sério.

– Morgana? – Ela o puxou pela mão indo ainda mais para o fundo do quintal e numa dose só lhe contou:

– Eu menti para você. Ocultei algo que fiz quando criança e que pode, provavelmente, ter desencadeado tudo isso em nossas vidas!

– Mas do que...

– Por favor, apenas me escute! Quando éramos crianças, quando andávamos juntos eu, você e Lana, ela me confessou gostar de você. Pediu-me para ajudá-la dando em confiança um bilhete para que você pudesse marcar se queria ser o amigo ou o namorado dela. Levei a cartinha para casa e por pura maldade naquele momento, me passei pela sua pessoa e marquei a alternativa onde só queria a amizade dela. Não queria perder o controle sobre vocês, sobretudo sobre você, eu tinha plena consciência de que gostava de mim, mas por não me dar conta de que o amava até então, pensei que poderia aceitar o pedido dela, ficaria de lado e veria vocês mais felizes que eu.

– Morgana... – Guto estava chocado com o desabafo.

– Me escuta! Quando Lana se envolveu com você, na verdade, só estava se vingando de mim pelo que fiz com ela, porque lhe contei quando começamos a namorar escondidos. Ela fingiu aceitar, apoiar, ser minha amiga. Mas quando viu que poderia se vingar de mim, o fez. Eu sempre te acusei de traição, e você me traiu, contudo não sei se isto de fato aconteceria se eu tivesse entregado aquele bilhete, mesmo que

tivesse dito sim a ela. Talvez nós nunca tivéssemos que passar pelo que passamos! E a culpa é minha! Porque mesmo depois de adulta poderia tê-lo contado, no entanto não o fiz. Guardei dentro de mim. Escondi, crendo que jamais precisaria confessar isso a você!

– Não acredito que tenha feito isso comigo, Morgana! – o moço esbravejou.

– Guto... Guto... Perdoe-me, por favor! – segurando na camisa dele.

– Como pôde ter sido capaz de esconder isso de mim durante todo esse tempo? Como você é má! Como? – retirando as mãos dela de cima dele.

– Eu nunca achei que um gesto poderia ganhar uma proporção tão grande e...

– Proporção? Proporção, Morgana? Isto destruiu as nossas vidas! Quantas vezes teve a chance de me revelar isso! Quantas vezes me acusou da traição que cometi com Lana, sabendo que isso fora um plano macabro dela de rivalidade feminina por uma ação sua! Você me crucificou sozinho por algo que começou! Você não presta, Morgana! Não vale nada! Tirando o meu erro de ter lhe traído porque isso é um fato, os sacaneados dessa história toda fui eu e a Lana e se pensarmos mais a fundo, eu fui mais ainda, porque fui usado por você e por ela. Mas a Lana tudo bem, nunca a amei, no fundo ela sempre foi uma grande amiga, entretanto... Você! Você era a minha vida, Morgana! Noutro dia olhou nos meus

olhos e garantiu que jamais mentiria para mim, e olha que fez? Calou-se durante todo esse tempo, me julgando, me apontando, me espezinhando, me crucificando quando você deveria estar pendurada numa cruz ao meu lado! Hipócrita! Falsa! Fria! Por medo de perder o controle? Medo de ficar sem seu robozinho? Do idiota, do otário que sempre se jogou no chão para sinhazinha passar?

– Mas quando fiz isso, foi que percebi que te amava. Amava de verdade.

– Você nunca me amou. Se me amasse por só segundo teria me contado isso em algum momento de nossas vidas.

– Guto...

Ele se desvencilhou dela deixando-a ali falando sozinha e desapareceu nas ruas do pequeno vilarejo. Despedaçada, a moça caiu de joelhos na grama alta deixando seus braços caírem rente ao corpo com as palmas das mãos viradas para cima como quem acabara de perder suas forças e depois um tempo tentou enxugar suas lágrimas, mas não dava conta, pois eram muitas, foi quando um braço amigo lhe estendeu um lenço branco. Levantando o cenho o apanhou e limpou as bordas dos olhos enquanto soluçava, pois a dor que a cortara era estridente e colossal. Um corpo sentou ao seu lado e foi enfim que viu a figura de Yorran. Completamente indefensa e arrasada Morgana nem o olhou direito, apenas sentiu seus braços a envolvendo pelas costas e um abraço envolvente foi surgido naquele entrelace, sentimento de consolação, de quem

só lhe oferecia um colo num momento tão triste e desolador e sem pensar a jovem aceitou o abraçando também, depois se abrigou em seu ombro como no de um velho amigo. E toda tempestade foi apaziguando dentro dela como aquela sensação de quando uma criança leva um tombo e de repente o pai vem e mesmo que os joelhos estejam ralados e doloridos, ele ainda consegue nos transmitir a confiança de que tudo ficará bem.

Yorran somente a deixava ali, até que a jovem se ergueu, agora mais calma e enfim o olhou agradecida.

– Acabei ouvindo, desculpe. Não se preocupe Morgana, para que o arco-íris brilhe é necessário que um dilúvio se aproxime, invada e tão breve como veio se vá.

– Pode ser, Yorran. Mas confesso, já não tenho tanta certeza de nada. – com a voz rouca e embargada percebendo os olhos marejaram outra vez, porém ardidos como se estivessem repletos de areia.

– Você o deu a maior prova de seu amor por ele, e como houve esse dia para que essa verdade surgisse, também virá o que descobrirá o quanto é grande o seu amor por ele.

– Não deveria ter ocultado por tanto tempo, não deveria tê-lo acusado tanto, acho que o Guto tem razão quando disse que sou má. Porque muitas vezes me sinto exatamente assim, muito má. Sempre houve um lado dentro de mim tão obscuro que temi a vida inteira pelo que ele pudesse me acarretar, agora sei, enfim sei o tamanho do mal que poderia me causar.

– Morgana... – falou Yorran pondo a mão recostada na sua. – Atire a primeira pedra quem nunca errou? Não percebe o que acabou de fazer? Você se libertou da maior amarra de sua vida! Está livre Morgana, livre! Não há mais nada que seu inimigo possa usar para acusá-la. Nada pode ser melhor que a liberdade de espírito. Esse seu lado negro que a fez crer que você era vil, maldosa, na verdade foi à razão para que o enfrentasse, passasse por cima dele e trouxesse a veracidade à tona. De novo, depois anos, as rédeas de sua vida estão onde deveriam sempre ter estado, em suas mãos e não detentas de um lado tenebroso do seu ser. Não importa como as coisas se darão daqui para frente, Morgana Colares agora é uma mulher livre!

E refletindo sobre cada palavra dita, o abraçou aliviada, pois viu que Yorran fora sensato e certo em sua colocação. A liberdade jazia nela e as rédeas de sua vida na palma de suas mãos.

CAPÍTULO IX

Eu e Você

Naquele dia Guto não foi visto por Morgana. Ela o esperou na sala da casa de dona Anjinha por toda noite e

NACIONAIS - ACHERON

adentrando a madrugada colou os olhos na maçaneta quando a viu girar vendo sua figura cruzando o batente. Estava abatido, porém um rosto e postura mais pacatos do que no momento da discussão.

– Guto! Graças a Deus, estava tão preocupada! – sentando em cima das próprias pernas e juntando as mãos uma na outra como prece. O Físico não deu muita atenção sua aflição. Ela insistiu: – Se você quiser comer alguma coisa... Eu fiz...

– Amanhã, Morgana. Boa noite. – sendo rude e seco se ausentou.

Aquela noite foi como dia para os ambos. Ninguém dormiu ninguém bocejou. Era plausível ver em flashes como num filme, a cada minuto e hora, ambos zanzando de um lado para o outro, no canto de seus aposentos. Morgana chegou ao ápice de se recostar os ouvidos na parede que dividia com o quarto dele, afim de escutar um som qualquer, algo que esboçasse que Guto estivesse bem na medida do possível. Nessas horas tudo que se quer ,é que o coração sossegue, tenta-se dizê-lo um milhão de coisas, este teimoso e inseguro fica o tempo todo se negando a crer em nada que não seja nas suas batidas aceleradas e desesperadas e tão bem orquestradas pela maestrina agonia.

Foi nesse instante que a jovem professora lembrou-se do tempo que ainda pensava nele a distância. Quando em seu

quarto, afogada na mágoa e no passado questionava-se se algum dia suas vidas se trombariam de novo, suas ruas se encostariam e suas palavras seriam trocadas. Foi quando recordou também da música que orquestrou seus pensamentos na época:

Eu só quero saber em qual rua

A minha vida vai encostar na tua

Do outro lado da parede, Guto encontrava-se na janela. Ele vira a lua e voltou no passado. Tudo ia e vinha como um liquidificador de emoções em sua mente. Questionar-se pelo silêncio de Morgana era quase impossível, contudo, mais impraticável ainda era tentar alcançar o motivo que a levou naquele instante, naquele vilarejo simplesmente vir e derramar tudo sem reservas alguma. Ele precisava dessa resposta para tomar a decisão mais difícil de sua vida, esquecê-la definitivamente, e não teve como não escutar em sua mente a melodia que descrevia tão bem o que sentia: “*¿Para qué me curaste cuando estaba herido, si hoy me dejas de nuevo el corazón partío?*”.

Pela manhã, bem cedo, Morgana acordou e foi a horta da casa apanhar algumas ramas de batatas doces, queria caramelizá-las do jeito preferido de Guto. Creu que uma linda e carinhosa mesa de café da manhã poderia abrandar os acontecimentos, ou como diria sua mãe: “*O pão conforta na* NACIONALIS - ACHERON

tristeza.”.

No entanto, para sua surpresa, ao retornar com a cesta repleta deparou-se com uma cena inusitada. A mochila de Guto jazia ao lado de fora da casa, arrumada, como se estivesse pronta para partir. A porta encontrava-se entreaberta e na cadeira perto dela o rapaz, com os cotovelos sobre as pernas e cabisbaixo. O coração de Morgana gelou ao ponto de a cesta ruir de suas mãos lentamente até deixar que tudo esparramasse pelo chão. Respirou fundo, lembrou-se das palavras de Yorran e entrou no recinto com passos tímidos e um olhar perdido.

– Guto? – que erguendo a fronte a encarou com um semblante contrito. – Vai para algum lugar? – quase desabando ali mesmo.

– Morgana... Senta por favor. – pediu num tom baixo.

Ela o obedeceu sem debater, embora seus olhos não saíssem de modo algum da mochila na porta.

– Como pode ver, tomei uma decisão.

– Guto, por favor... – rogou.

– Morgana, eu quero falar. Posso? – estendo a mão e a parando no ar.

A jovem sentiu que era hora de escutar. E na medida do aceitável tentou se tranquilizar como faz uma pessoa adulta.

– Só preciso que responda uma pergunta, só uma, mais

nada. Pode fazer isso?

– Sim. Claro. – Enlouquecendo por dentro.

– O que a levou contar-me ontem, justamente ontem e naquela hora esse fato?

Morgana regelou. Um frio correu toda espinha e recordou-se que não tinha contado a ninguém sobre a projeção astral que tivera. Naqueles segundos antes da resposta, ponderou o que deveria ser feito. Não pensara sobre isto, se seria o prudente a fazer ou não. Guto insistiu:

– Estou esperando Morgana. – Estava ansioso, sem muita delicadeza ou paciência. Ela mordiscou de leve os lábios e lembrou que agora era livre, de que nada poderia aprisioná-la e resolveu contar-lhe detalhadamente o que lhe acontecera naquela madrugada.

Ele a ouviu cuidadosamente. Depois se levantou dando alguns passos até onde estava a mochila o que fez o coração da jovem quase explodir de agonia, abaixou e a colocou nas costas. Não suportando a circunstância, Morgana gritou:

– Guto! Guto não... Não... – e a ignorando ajeitou a mochila e atravessou a sala voltando para seu quarto. Mesmo vendo o impossível diante de seus olhos, não se deu por satisfeita e correu atrás dele passando pelo corredor e acompanhou atenta quando foi retirando suas roupas e pondo-as na gaveta outra vez. Sem saber o que falar, soltou a primeira coisa que lhe veio em mente:

– Está um dia lindo lá fora hoje, mas acho que vai chover logo, logo! – Guto largou uma camisa em cima da cama, olhou para Morgana colocou as mãos na cintura, depois coçou o queixo e se limitou a dizer:

– Obrigado. – Sem compreender o agradecimento, o questionou:

– Pelo quê?

Caminhou até a moça que não parava de esfregar as mãos uma na outra, ato que ele desfez segurando-as com as suas e as abaixando vagarosamente.

– Se tivesse calado, seu segredo inconfessável jamais seria revelado e minha saída de sua vida não importaria muito porque seria lógico que não me amava. No entanto, o enfrentou, se enfrentou, me enfrentou porque para você, ainda que não aceite Morgana, ainda sou alguém importante em sua vida. E saber que se importa tanto comigo me faz perdoá-la de todo e qualquer erro que tenha cometido contra mim. Sabe por quê?

– Diz. – vendo-o dedilhar os dedos por seus cabelos.

– Porque o que sente por mim, adormecido, aceito ou vivo, ainda é a melhor coisa que tenho na vida. – E o agarrou forte como quem nunca mais o deixaria partir. E aquele gesto tão espontâneo de perdão dele para com ela, a fez ver o quanto fora dura com ele, uma vez que conhecia toda verdade e embora não tenha dito, Guto ensinou a Morgana o que era o perdão em sua essência. É o peso do deleite conta a mágoa, da

NACIONAIS - ACHERON

esperança contra a desilusão, do amor contra dor. Que perdoar não é esquecer, mas é sim estar pronto para dar uma segunda chance. Que por isso é tão difícil dá-lo, nunca sabe se vai conseguir.

Capítulo X

Os Mistérios de Velha Esperança

Os dias se passaram. Depois daquela manhã, Guto e Morgana passaram a ser mais unidos que nunca, estavam visivelmente reconstruindo seus laços do passado. Havia concordância em tudo que faziam e discorriam entre si, e a afinidade foi regressando com como uma semente em terra fértil, com ânimo e gentil, pronta para crescer, florescer e consequentemente dar frutos. Foi vivenciando este momento que a jovem creu ser a hora de sentar-se e expor ao moço o que pensava e que conclusões tirara daquele vilarejo.

Mas uma vez estavam na colina vendo o sol despedir-se quando Morgana iniciou a conversa:

– Tenho coisas sobre este lugar que gostaria de falar com você. Já faz um tempo, confesso, mas não estávamos

NACIONAIS - ACHERON

prontos para tal conversa, então deixei o tempo passar. – Guto jazia deitado na relva e logo sentou-se, sabia que independente de qual fosse o assunto, se Morgana queria expô-lo era porque tratava-se de algo pertinente.

– O que foi? – indagou-a com os braços sobre os joelhos flexionados.

– Andei investigando alguns fatos sobre Velha Esperança, outras são meras especulações que elaborei, contudo ainda assim creio válido que lhe conte. – Agora com a postura ainda mais curiosa, a pediu:

– Então, por favor.

– Outro dia, numa das visitas que fiz a Malena, sem querer me contou que há na Estação das Despedidas um livro chamado: *O Livro do Último Desejo*, onde as pessoas têm o direito de escrever seus nomes nele para que os Homens de Cinza lhes tragam o convite roxo.

– Seria como pedir para morrer? – replicou o jovem.

– Isso. Disse-me também que algumas pessoas da vila já o fizeram e que alguns forasteiros também, pessoas como nós que vieram parar aqui. Guto, não somos os únicos estrangeiros em Velha Esperança.

– Sério?

– Sim. Eu mesmo dei um jeito de ir conferir, está lá sem vigilância ou qualquer tipo de resguardo e pasme, sabe o nome e a assinatura de quem vi escrito e reconheci a letra? –

Deixando o Físico ainda mais espantando.

– Quem?

– Lembra-se da nossa Professora de matemática do sexto ano? A senhora Rita Campos?

– Claro, nós a chamávamos de “Rita Irrita”. Tinha uma voz estridente, óculos fundo de garrafa, porém era uma excelente professora. Mas...espere aí, Morgana! A dona Rita faleceu num acidente de carro, até onde me recordo.

– Exatamente! – concordou Morgana. – Ela foi socorrida, ficou inconsciente por algumas horas e não resistindo aos ferimentos veio a óbito.

– Mas como o nome dela veio para aqui e nesse livro? Você tem certeza?

– Tão certo como o sol que estamos vendo prestes a se pôr. Rita Campos Albuquerque, cansei de ler aquela letra nas minhas provas e seu nome nos bilhetes que levava para casa por ficar conversando nas aulas dela com você. Lembra? – Guto sorriu.

Guto franziu o cenho pensativo. Foi quando Morgana prosseguiu.

– E tem mais. Malena a descreveu para mim. Descreveu perfeitamente Guto, E mais estranho ainda, me falou que isso foi há mais ou menos um ano e meio.

– Como um ano e meio? Dona Rita faleceu deve ter uns

dezoito anos! Impossível!

– Pois pasme, no livro a data que consta, que está registrada, coincide justamente com o que Malena me narrou.

– Isso não é possível, Morgana! – levantando de vez atarantado. – Onde está esse livro, vamos lá, eu quero ver!

Desceram a ribanceira com destino à sala onde jazia o tal livro. Que realmente ficava aberto sem grandes reservas com uma caneta dourada do lado. Morgana mostrou tudo ao moço, que quando bateu os brotos na letra que seria de sua antiga Professora, trouxe a mão sobre a boca e arregalando os olhos espantou-se ainda mais:

– Não pode ser!

– Não te disse? É ou não a escrita de dona Rita?

– Sim. Recordo-me bem dessa caligrafia, vivia na minha caderneta escolar, especialmente nas suspensões por bagunça.

Os dois vieram caminhando lentamente até saírem do domínio da Estação.

– Que lugar é esse, Morgana? – questionou-a confuso. – Será que estamos...

– Calma, Guto. Ainda tem outras coisas que preciso contá-lo. – que a olhou atônito.

– Mais?

– Venha, vamos sentar em algum lugar para conversar.
– o pegando pela mão e o conduzindo para o coreto surrado do que chamavam de praça. Quando se ajeitaram, ela continuou. – Lembra quando Yorran afirmou que Jordan soube de suas projeções astrais? Quando me questionou sobre *“Lembra-se do João da Rua 14, casa número 26?”*

– Claro. Brigamos por isso, achei que tinha sido você. E dele ter feito essa e mais duas perguntas do tipo, confesso que não compreendi nada mais enfim, o que tem tudo isso?

– Acho que talvez eu tenha contado sim, Guto.

– Morgana... Prometeu que não haveria mais mentiras entre nós!

– E é por isso que estou aqui te contando tudo que sei e imagino. Guto se só contou para mim, só existia duas formas de Jordan descobrir.

– Quais?

– Desde o instante que me revelou sobre as projeções, passei a orar a Deus incansavelmente para que Ele pudesse ajudá-lo a lhe dar com isso. Sendo assim...

– Não! Não! Não! – alterou-se o jovem.

– Guto, somente eu e Deus sabíamos do que estava acontecendo contigo! Eu o contei em minhas orações e Ele saberia por que é Deus, Onisciente, Onipresente e Onipotente.

– Morgana, você surtou! Só pode!

– Creio que as formas de Deus estão se manifestando para nós.

– O quê?

– Onipotente – *Elohim*, o Deus Todo Poderoso, Onipresente: *El Shaday*, O Deus que está em todos os lugares e o Onisciente: *El Roi*: O Deus que tudo vê.

– Como assim se manifestando, Morgana?

– O Leão na batalha. – Guto arrepiou-se só em lembrar-se daquela figura que emanava puro Poder. – Deus Onipotente, *Elohim*, O Deus Todo Poderoso estava lá, veio ao nosso encontro, O Leão da Tribo de Judá, você e eu o vimos!

E pela primeira ele não contestou.

– Agora quanto ao Deus Onipresente e Onisciente acho que sei como eles estão se manifestando. Lembra que Yorran citou que veio para ser o conciliador? Quando falou sobre João da Rua 14, casa 26?

– Já disse que sim, Morgana. – Começando a perder a paciência.

– Quando era criança, meus pais exigiam que decorássemos a bíblia...

– Recordo disto também!

– Pois eu desenvolvi um meio de decorá-los para que

ficasse mais simples pra mim. O nome do livro era o dono da casa, a rua o capítulo e o versículo... – sendo impedida por ele que completou.

– O número da casa! – e outra vez admirou-se.

– Ninguém sabe disto, Guto, jamais em toda minha vida contei isso a alguém, somente eu e Deus, mas Yorran sabia, como poderia saber?

– Ah você não vai querer que eu acredite que...

– Guto... Sabe o que está escrito em João 14:26? *“Mas o Conciliador, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ensinará a vocês todas as coisas e fará com que se lembrem de tudo o que eu disse a vocês.”*

– Morgana, está surtando!

– Escutou tão bem como eu, ele disse: *“Vim para que cuidar de vocês enquanto Jordan estiver fora, como também de toda Velha Esperança. Eu vim para conciliar as coisas por aqui. Aliviar, amenizar, tranquilizar e fazer com que alguns se lembrem das coisas que Jordan sempre os ensinou.”*

– Que memória, hein? – ironizou.

– Não é hora para brincadeiras, Guto!

– Então se for assim, na sua brilhante linha de raciocínio, O Leão é Deus Pai, Yorran o Deus Espírito Santo e Jordan seria... Ah não! Não mesmo! Chega disso, Morgana! Admito tem muitas coisas esquisitíssimas rolando aqui,

algumas concordo contigo, entretanto isso já é demais para minha cabeça, tchau! – e rompeu a deixando em pé no coreto. Que continuou a chamá-lo:

– Guto, volte aqui! Guto! Ainda não terminei!

E um fato estranho se deu naquela noite. Nenhum dos dois tocaram mais no assunto. Guto também não procurou Yorrán, o que seria normal de sua parte, contar ao amigo e rir das conjunturas de Morgana juntos. No entanto, ele se trancou em seu quarto e nem saiu para o jantar.

Morgana chegou a pensar que talvez tivesse ido longe demais nas revelações para o moço. Porém, essa agora era atitude tomada por ela, não ocultar mais nada dentro de si para que não viesse a se aprisionar outra vez. Com o coração um tanto apertado, fez uma xícara de chá de capim limão e logo adormeceu com a Bíblia aberta em meio aos seus braços.

No entanto, quando acordou, percebeu que não se encontrava no seu quarto na casa de dona Anjinha, imediatamente teve aquela sensação, de que mais uma projeção astral estava se apresentando. Apenas viu a sua cama onde adormeceu, dentro de um quarto imenso branquíssimo e uma claridade que vinha da única porta do recinto, sentiu-se atraída pela luz e a seguiu. Lá fora, o dia ensolarado mais lindo que já vira em toda sua vida. Uma paz invadiu sua alma juntamente com um louvor antigo que sempre apreciou e cantava na igreja de seu pais onde sentia a presença Divina.

Era a voz dela, como se alguém tivesse gravado alguma daquelas vezes que o cantou e no ambiente reproduzia de uma fonte que não conseguiu distinguir qual seria ou onde estaria alojada.

Espírito Santo, ore por mim
Leve pra Deus tudo aquilo que eu preciso
Espírito Santo, use as palavras
Que eu necessito usar, mas não consigo
Me ajude nas minhas fraquezas
Não sei como devo pedir
Espírito Santo, vem interceder por mim
Todas as coisas cooperam pra o bem
Daqueles que amam a Ti
Espírito Santo, vem orar por mim
Estou clamando, estou pedindo
Só Deus sabe a dor que estou sentindo
Meu coração está ferido
Mas o meu clamor está subindo

Do lado de fora se deparou com um grande e formoso espaço de toda sorte de animais. Eram ovelhas, elefantes, cães, zebras, girafas, ursos, pássaros, uma fauna abastadíssima e de repente o viu vindo com uma das mãos em cima de um leão enorme e lindo, passou a mão sobre a sua juba e olhando para ela, sorriu saudando como tinha feito ultimamente, retirando o chapéu. Imediatamente Morgana trouxe as mãos sobre seus lábios como quem não cria no que via. E baixinho segredou:

– Yorran... – Ele usava a mesma roupa, só mais alinhada e alva como a neve. Veio em sua direção e feliz disse:

– Estava à sua espera, Morgana.

– O quê? – respondeu trêmula. – Ele sacudiu o dedo indicador com certa rapidez e confessou:

– Todos os dias você acorda e me fala algo no coração que sobe como uma labareda e repousa como uma música aos meus ouvidos. – e foi então que soube definitivamente que era Ele e fez o que sempre fazia na alma todas as vezes que acordava.

– Bom dia... Espírito Santo!

Que brincou com ela:

– Yorran é lindo, quer dizer Deus é bondoso. Mas não chega aos pés de sua voz me desejando bom dia. – a olhando diretamente nos olhos.

– Faz tempo que Eu queria que ouvisse, enfim chegou o dia. Bom dia, filha!

E a abraçou como quem mata a saudade que vem da alma. Depois a deixou e sem saber o que raciocinar, Morgana disse a primeira coisa que chamou sua atenção:

– Esse louvor... – a moça riu sem graça.

– 184 vezes Morgana.

– Como?

– Você o entoou para mim 184 vezes, estando com um microfone ou não. Prefiro sem microfone, confesso, as coisas naturais são sempre as mais belas. Eu senti todas vezes as suas agruras, alegrias, dúvidas, certezas, tudo subiu e chegou até onde deveria. – batendo com a mão sobre seu coração.

– Não sei o que falar... Nem o que pensar... – admitiu olhando para tudo e confusa ao mesmo tempo em que se emocionava. Foi quando Ele esticou seu braço e a moça notou que agora trajava tanto ela quanto Ele vestimentas do balé clássico, bailado que durante anos Morgana praticou com maestria e pelo que era apaixonada.

– Dar-me-ia a honra? – suas vestes pareciam duas pequenas pombas brancas e mesmo comovida a jovem repousou sua mão sobre a Dele e aquele louvor se reiniciou.

Os dois caminharam para um lindo piso alvo que parecia mármore e quando Morgana se colocou em posição e foi interpretando a letra da melodia, Ele veio rodopiando por todo recinto até se abeirar dela e tocando suas mãos ia a amparando a cada giro, a cada rodopio pelo ambiente. Nos momentos mais difíceis da letra do louvor:

Espírito Santo, use as palavras

Que eu necessito usar, mas não consigo

Me ajude nas minhas fraquezas

Não sei como devo pedir

Espírito Santo, vem interceder por mim

Afastava-se dela e como se tomasse no ar aquele pedido fechava seus olhos e escondia dentro do peito e a prece tornava-se em pequenas borboletas que subiam num patamar ainda mais alto ao qual a jovem não podia enxergar. Eram suas palavras sendo levadas ao Trono do Pai. Em seguida, Ele voltava com gestos delicados e a segurava pela cintura com firmeza a erguia por alguns segundos e em seguida a descia suavemente e passava os dedos em seu rosto quando outro ponto da letra se dava:

Todas as coisas cooperam pra o bem

Daqueles que amam a Ti

Espírito Santo, vem orar por mim

De repente uma lágrima correu de seu olhar e Morgana não soube como continuar. Então Ele fechou seus olhos como quem a pedisse que esperasse somente Nele. A moça não pensou duas vezes e se permitiu guiar. Percebia seu corpo leve e alma pura como a de uma criança. Sentia todos os giros e rodopios sincronizados com os deles ainda que sua visão estivesse cerrada. E então entendeu que aquilo era Fé. Bailar nas mãos de Deus crendo que o melhor está sendo feito porque se confia Nele.

Estou clamando, estou pedindo

Só Deus sabe a dor que estou sentindo

Meu coração está ferido

Mas o meu clamor está subindo

Na última volta, abriu seus olhos com o toque Dele que se afastou dela e abriu os canais dando a entender que deveria correr e saltar nos seus braços, mas com os olhos fechados. Totalmente entregue. Completamente dependente Dele. Morgana o fitou, fechou seus olhos e embora não pensasse que aquilo poderia não dar certo o fez. Preparou, armou-se e

NACIONAIS - ACHERON

correu em sua direção lançando-se ao nada sem chegar por um segundo crer que desmoronaria no chão, foi quando notou suas mãos intensas a ampararem e quando abriu seus olhos, Ele a firmava com os braços erguidos no ar e ela pairava apreciando toda vista e então a desceu e sorrindo lhe falou:

– Sua Fé sempre me encantou. – E a beijou na testa como pai em sua filha. E caminharam novamente ao lugar dos animais. Ela só o admirava sem saber o que dizer.

– Hei! – disse Ele com contentamento e serenidade. – Ainda Sou Eu, somente Eu. Vamos caminhar um pouco? – dando-a seu braço direito, onde a moça se atrelou e juntos foram caminhando por aquele majestoso jardim agora com suas roupas normais.

– Por que tantos animais?

– Sei o quanto gosta deles, filha.

– Amo! – confessou enquanto passava a mão num suntuoso cavalo branco.

– Gostei de ter tido coragem de contar a Guto sobre o que pensava.

– Foi o Senhor quem me ensinou isto naquela conversa. Nunca mais quero me atar a nada que me aprisione.

– A liberdade é apaixonante, não é? – gracejou enquanto andavam. – Este será nosso último encontro aqui Morgana. Jordan deve voltar e se Ele volta você sabe...

– O Senhor precisa ir.

– Perfeito. – Beijando a testa dela outra vez. – Quero que veja uma coisa. Venha, já estamos chegando.

E mais a frente viu o que semblava pequenos blocos de gelo e um lago onde alguns pinguins entravam, saltavam e saiam.

– Pinguins! – deixando o braço Dele para tentar acariciar os bichinhos.

– Sabe filha, os pinguins escolhem seus parceiros e passam a vida inteira com ele. Sem traições, com crises, sem elas, com fome ou com ela. E quando um deles morre ininterruptamente um tempo depois o outro também se vai. E como se soubessem o plano Divino e o cumprisse. Eles levam a sério o Mateus da Rua 19, casa 6.

Foi quando a jovem congelou por dentro. Porque refletiu sobre o que estava escrito em tal versículo e creu que Ele se referia sobre Guto e Lana. E achou que tinha toda razão.

– *“Portanto, o que Deus uniu, não separe o homem.”*

– Aquilo que foi unido deve assim permanecer. Não adianta por remendo novo num tecido velho. Ele sempre será o mesmo tecido, feito para a mesma finalidade. Você entende, filha?

– Sim. – num tom obediente e triste.

– Morgana... – tocou-lhe o queixo e novamente a indagou: – Você realmente compreendeu onde quero chegar?

– Pode deixar, assim eu farei. Prometo.

Quando deu por si, estavam de volta ao ponto inicial da conversa e antes dela voltar a adormecer outra vez a perguntou:

– Morgana, reflita bem. Lembre-se porque fez a faculdade de História, filha. Não se esqueça desse detalhe.

– Compreendi bem.

Eles se despediram e quando a moça adentrou no quarto Ele balbuciou repetindo:

– Lembre-se porque fez a faculdade de História filha. Não se esqueça desse detalhe. – e sacudiu a cabeça falando alto. – Certas coisas nunca mudam.

CAPÍTULO XI

É Assim Que Deve Ser

NACIONAIS - ACHERON

Ao acordar, Morgana sentia duas grandes emoções. A do encontro marcante com Yorran e do rompimento com Guto. Para a moça tudo estava muito claro, afinal, era a família dele, esposa e filho. Como ela não tinha pensado nisso? Era lógico que deveriam ficar juntos, reconstruírem suas vidas. Que a estadia naquele em Velha Esperança não passava de um acerto, de ato de perdão para que suas vidas prosseguissem cada um em seu rumo. Como Yorran a fizera lembrar: *Que não separe o homem o que Deus uniu*. E apesar da felicidade que exultava sua alma, seu coração feriu-se e muito se entristeceu, pois cabia a ela dar à notícia ao rapaz.

Guto, ainda encontrava-se pensativo sobre o que Morgana lhe contara, porém a alegria em saber o quanto estavam bem um com o outro o dava coragem de poder descobrir todos os mistérios do mundo, era como se fossem imbatíveis. Por um instante começou a divagar até mesmo em como seria o casamento. Aquele casamento que foi impedido de modo tão abrupto por Lana ao surgir aos berros dizendo que estava grávida com exames e os ais a tiracolo. Ele queria recomeçar do zero, reconstruir tudo outra vez, agora mais sólido, mais consistente, mais verdadeiro e mais ditoso que nunca. Essa era a única certeza que tinha: Nada no mundo poderia separá-los outra vez.

Pensou como seria viver junto, como Davi reagiria a Morgana, sabia o quanto era jeitosa com crianças. Pensava onde viveriam, no Brasil ou na Alemanha. Como seria sua

casa. Podia imaginar cada minuto, hora, dia, todo tempo de suas vidas agora onde sempre deveram estar um na do outro.

Foi quando Morgana rompeu a porta de seu quarto num tom taciturno:

– Precisamos conversar. – Guto viu em seus olhos que algo jazia errado. Aquele tom era conhecido, e da última vez que o escutou as coisas não terminaram nada bem.

– O que foi, amor? – tentando passar a mão pelo seu rosto, todavia Morgana se desvencilhou dele e com os braços cruzados foi até o fundo do recinto e expôs tudo que acontecera na última noite.

– Não pudemos ficar junto, Guto. – Mandou numa tacada só. Confuso o olhar dele se perdeu na parede azul e uma ligeira tontura manifestou-se em seus adágios, recuperado e sem compreender muito de tudo que ouvira dela contrapôs:

– Como assim, não podemos ficar juntos?

– Não acabou de escutar o que o contei?

– Morgana... Você disse que Yorran é o Espírito Santo. Que Ele te falou sobre os pinguins e sua monogamia e ...Mas isso não quer dizer que...

– Ele foi claro comigo: O que Deus uniu o homem não pode separar! Você tem que voltar para Lana, ela é sua esposa, vocês têm um filho, é uma família. E a família é maior projeto de Deus.

NACIONAIS - ACHERON

– Eu e a Lana, juntos? Morgana... Estamos separados há anos!

– Pois quando sairmos de Velha Esperança, você vai procurá-la, pedir perdão e reatar com sua família! – pondo o dedo no rosto dele em tom imperativo.

– Eu não a amo! Ela não me ama mais! – rebateu aturdido.

– Como sabe? Nós mulheres mentimos, Guto! Ela pode ter feito você crer que não sinta mais nada e ainda sentir sim!

– Morgana... Não estava lá, não viveu o que eu e ela vivemos. Nunca fomos um casal, nunca funcionou.

– Pois eu acredito, e a culpa é sua! Toda sua! Porque vivia pensando em outra mulher!

– Outra mulher é ótima! Sensacional! Outra mulher, você, não é?

– Guto, tem que ser assim. Seja lá o que nos trouxe para aquela viagem e para este vilarejo, foi para que nos perdoássemos. Agora sabemos que estamos zerados. Temos que continuarmos, cada um vivendo sua história.

– Morgana, você não está raciocinando no que está falando. Não é possível!

– Pense no seu filho. Imagine como seria mais fácil educá-lo junto de sua mãe.

– Eu não farei isso! Meu coração jamais esteve com a

Lana. Se não quer ficar comigo, respeitarei sua decisão. Nunca fui o suficiente para você mesmo, falando francamente, não é?

– Não estou falando sobre isto!

– Mas eu estou! – Gritando. – O garoto de rua, negro, largado no mundo, criado na porta dos fundos da sua casa, nunca foi o bastante para sua família pobre e soberba, e talvez não seja também para você!

– Guto, está levando essa conversa para outro lado, que nada tem a ver com a pauta.

– Não tem? Como não tem? Quer saber, a Lana sempre acreditou em mim. Isso eu devo a ela, sempre me animou, me apoiou nos estudos, me fazia crer que era capaz.

Ofendida, Morgana explodiu:

– Ótimo! Viu? Ela é perfeita para você! É disso que necessita, de uma mulher perfeita e não de uma professorinha de História.

– Nem sei porque foi fazer História, interpretação de texto jamais foi seu forte.

– E desde quando isso é problema seu? Vá cuidar de sua vida, da sua esposa e filho!

– Olha Morgana, no começo achei isso loucura. Mas agora estou começando a ver que sim, seria uma excelente ideia. EU QUERO VOLTAR PARA LANA! E quando

voltarmos, quando essas benditas passagens chegarem é exatamente o que irei fazer. Voltarei para ela e ponto final! Com licença! – e saiu com passos firmes até a taberna onde constatou que as coisas de Yorran não jaziam mais lá e os rumores de que Jordan já estava na vila eram grandes assim como os que os Homens de Cinza foram visitar o ermitão.

Durante todo aquele dia Morgana ficou desaparecida, Marcus contou a Guto que a vira com Jordan, e que este estava irreconhecível. Praticamente curado e saudável.

Mais tarde, viu os Homens de Cinza adentrarem na Estação e os observando em sua morbidez, viu que adentraram no salão onde jazia o Livro do Último Desejo e perguntou a Querência, uma senhora baixinha e alegre conhecida por suas pamonhas que passava na hora:

– A senhora sabe dizer por que eles entraram lá?

– Quando entram lá é porque certamente alguém pôs o nome no livro. Coisa triste, não é meu filho? Alguém pedir para partir da vida. Gosto nem de pensar. – e seguiu sua jornada.

Capítulo XII

Eu Sou O que Sou

Depois da discussão com Morgana, Guto sentiu-se mal. Era como ter caído num grande abismo. Era um misto de arrependimento, remorso e solidão. Ele sabia que as coisas que havia dito a moça eram por demais pesadas, invasivas e tinham sim o intuito de destruí-la emocionalmente e principalmente espiritualmente, pois para ele era inconcebível que após tudo que viveram e vivenciavam naqueles dias em Velha Esperança, Morgana ainda se mantinha tão convicta não de sua religião, mas de sua Fé. O rapaz tornou-a procurou pelas ruas, pela estação e caminhando em direção a casa de Querência que ficava no alto de uma colina encontrou Jordan sentado no caminho como quem estivesse ali esperando por ele. O que fez Guto estranhar, pois desde que o mocinho passou a andar esquivamente não haviam se encontrado ainda.

– Meu amigo, Augusto! – Saudou o jovem que agora podia se levantar e indo ao encontro do moço lhe deu um forte abraço.

– Vejo que os boatos são de fatos verdadeiros. – Disse Guto analisando a firmeza do corpo esguio e alinhado de Jordan. – Em seguida passando as mãos pelos seus cabelos lisos e negros. – Fico muito feliz por você, Jordan. De verdade, é emocionante poder vê-lo assim, de pé, caminhando, curado.

– Parecia impossível, não é, Guto? – afastou-se o menino esperando a resposta do amigo.

– Sim, era completamente impossível. Você andava se arrastando pelo chão com as mãos de apoio e dia a dia foi evoluindo e olhe só como está você agora! – estendendo uma das mãos e sorrindo.

– Um verdadeiro milagre, não acha? – instigou Jordan. Guto inclinou a cabeça um pouco para o lado esquerdo, começou a sacudir uma pedrinha no chão com um dos pés e em seguida rebateu:

– Você nunca desiste. – Pois sabia que Jordan soltara tal comentário na ideia de fazê-lo refletir sobre a existência de Deus.

Jordan voltou a sentar agora numa pedra maior e enquanto contemplava a paisagem fez uma pergunta curiosa ao amigo.

– E se você o visse?

Guto a princípio titubeou pois julgou ser descabida a indagação de Jordan. Que não se intimidou e insistiu:

– Me diga, Guto, e se você pudesse vê-lo com os seus olhos?

– Meus olhos espirituais? Eles ficaram cegos há anos Jordan.

– Não! Eu me refiro aos carnis. Esses que você usa

para contemplar tudo e todos, os mesmos que está usando para me ver. Se pudesse ver a Deus assim, então acreditaria Nele?

Guto julgou ser uma boa ocasião para livrar-se da questão.

– Pois lhe digo que sim. Se eu O visse, falasse com Ele e me provasse que durante todos esses anos esteve comigo mesmo o renegando, aí sim, não só acreditaria como o serviria novamente. Satisfeito?

Jordan acenou positivamente e prosseguiu:

– Procurando Morgana?

– Sabe onde ela está? – demonstrando total ansiedade.

– Sim, sei. Quer que eu o leve?

– Por favor, Jordan, necessito conversar com ela e pedir desculpas. Tivemos uma discussão horrível e...

– Eu sei. Não carece se explicar tanto. Venha comigo, o levarei lá. – Os dois se poram a andar por um caminho estreito paralelo à rua. Guto ainda não havia ido para aquelas bandas do Vilarejo.

– Onde estamos indo, Jordan?

– A minha casa.

– Sua casa? – replicou Guto com um riso. – Pensei que sua casa era a taberna.

– A taberna foi um lugar que escolhi para recebê-los. Entretanto minha casa de verdade não é lá, o que não significa que seja desconhecida de sua pessoa.

– Mas nunca vim para esse lado de Velha Esperança?

– É verdade, porém posso lhe garantir, o meu amigo conhece minha casa. Quando chegarmos lá vai constatar isso com seus próprios olhos. – caminhando de modo consistente pelo caminho apertado mata a dentro.

Cinco minutos depois, Guto começou a escutar som de vozes que ecoavam de uma casa cujo formato lembrava o de uma casa estilo vitoriana. Luzes acesas havia também som de instrumentos musicais, todavia, ainda parecia cedo para elaborar qualquer questionamento sobre o local. Um pouco mais de caminhada e quando parou na frente da tal botoeira, Guto olhou para Jordan sem compreender nada.

– Você mora numa igreja? – Notou que o amigo estava com a feição diferente. Ainda mais serena e pacificada.

Foi quando o primeiro arrepio lhe correu de cima para baixo deixando todos os pelos do braço e nuca ouriçados.

– Me acompanhe, Guto, vamos entrando. – Esticando um dos braços para que pudessem passar pela porta. – Guto não sabia o que pensar, mas foi relutante.

– Quer que eu entre na sua igreja? Desculpe Jordan, desculpe mesmo mais prometi para mim que nunca mais poria meus pés dentro de uma.

– Eu entendo. – Respondeu o moço. – Então que aguarde aqui um momento, pode ser?

– Sim, claro. – Mesmo que o tal pedido não fizesse o menor sentido para o moço. De repente o som parou assim como os instrumentos, e uma, duas, dez, cerca de vinte pessoas saíram de dentro do templo, entre elas Morgana. Abismado com a cena, Guto decidiu ficar calado. Um jovem, que aparentava muito com ele quando era adolescente e ainda pertencia a igreja junto com Morgana era quem tocava a guitarra e posicionou o microfone, outros as caixas de som, o baixo e todos pararam para escutá-lo.

– Bem, como todos viram. Nossos lampiões se apagaram, não sabemos bem a causa, mas não é motivo para desistirmos de buscarmos e adorarmos ao nosso Deus. Aqui temos a lua clara e vamos continuar de onde paramos.

Alguém daquela pequena multidão gritou:

– É hora dos corinhos!

Os demais se alegraram, Guto imediatamente buscou com seu olhar por Morgana, que jazia ali com olhos fechados, mãos grudadas junto ao peito como sempre em suas orações. Uma brisa correu do lado direito de Guto, ele virou-se rapidamente e viu a figura de Jordan ao seu lado, por um segundo achou tê-lo visto mais alto, no entanto como seu foco estava em Morgana não deu muita importância para isso. Só sentiu o jovem colocar a mão sobre seu ombro e sussurrar em seu ouvido:

– Observe Morgana, veja atentamente o que ela faz há anos. – Guto quis vira-se, seus pés ameaçaram volver e olhar o rosto de Jordan, uma vontade muito grande o invadiu para isto, porém uma força ainda maior o impediu e tudo que restou foi o obedecer.

Foi quando um segundo arrepio ainda mais intenso o envolveu.

Guto abaixou a cabeça por alguns segundos e quando a ergueu novamente aquele moço que tanto se parecia com ele no passado começou a entoar um cântico muito conhecido por sua pessoa.

Sim eu sei, Jesus está nesse lugar

Sim eu sei, Ele quer poder curar

Sim eu sei, que a vitória vai chegar

Sim eu sei, que o meu Jesus quer trabalhar

De imediato não creu no que ouvia. Muitas foram as vezes que ele entoara aquele canto nos cultos com o coração leve, limpo e feliz. As pernas bambearam, era como se voltasse ao passado e pudesse ver aquela mesma cena agora como um mero observador. Foi quando viu Morgana apanhar um pandeiro que jazia num banco, como nos velhos tempos e se pôs a batucá-lo na segunda estrofe que dizia:

Olha o varão do movimento já chegou aqui

Olha o varão do movimento já chegou aqui

Mas o varão do movimento chegou

Olha o varão do movimento, que já chegou nesse lugar

*Olha o varão do movimento já desceu, que já chegou
nesse lugar,*

Olha o varão do movimento, que já desceu nesse lugar,

*Mas o varão do movimento já desceu, que já desceu
nesse lugar!*

A jovem começou a dançar enquanto tocava o pequeno instrumento com uma maestria divina. Guto ainda relutou dentro de si:

– De novo essa palhaçada! Dançar no poder! Coisa de doido!

Foi quando uma voz dentro dele também rebateu de pronto:

– Porque dançar para corpo é arte e admissível, mas dançar para o espírito é loucura? Não te parece irracional e injusto esse pensamento sendo você tão lógico? Não são ambas expressões de alegria e vida? Pois quem no corpo ou

no espírito dança sem estar em busca da alegria?

E foi Guto que achou estar louco ao escutar aquela voz mansa e ao mesmo tempo tão contundente dentro de sua mente. Morgana rodava todo círculo das pessoas que ou dançavam ao espírito como ela ou simplesmente adorava aquele Deus como sabiam e amavam. O corpo franzino da moça vez por outra parava na frente dele, mas seus olhos estavam fechados, ela jamais sonhara que ele estivesse ali. No entanto, todas as vezes que na frente dele descontinuava, o pandeiro cessava e com a mão esquerda ela rodopiava no próprio eixo estendida como quem estivesse cortando algo, como quem estivesse numa batalha, onde laços são cortados, muralhas são tombadas. E ao vê-la ali, naquilo que julgava uma idiotice, coisa de gente sem instrução, manipulável, transe psicótico e tantos adjetivos que atribuiu ao longo dos anos para justificar tal comportamento, lágrimas inexplicáveis começaram a descer dos seus olhos copiosamente, elas brotavam de uma alma envelhecida pela amargura e embevecida por uma mágoa enraizada na própria culpa e frustração.

Guto ainda não compreendia tudo. Foi quando deixou de existir.

O canto prosseguiu. E quando chagaram nesses versos...

Oh maravilha de Deus, O maravilha de Deus

Oh maravilha de Deus, O maravilha de Deus

NACIONAIS - ACHERON

*Agora eu quero ver você marchar no poder, agora eu
quero ver, agora eu*

Quero ver, agora eu quero ver

Você marchar nesse poder

Guto sabia que este canto, *O Varão do Movimento*, só era entoado quando se evoca a Presença do Próprio Cristo, Ele é o Varão que vem ao encontro do seu povo ou daquele que o busca em espírito e em verdade. Sabia que para que aquelas pessoas algo sobrenatural e poderoso estava prestes a acontecer. E em respeito a elas, decidiu calar-se. Contudo, o que o moço não alcançava era que ele fosse o eleito daquela noite.

De repente Morgana recuou de frente a ele cerca de três metros. Um alarido maior tomou conta de todos, era como se a Presença torna-se mais forte, envolvente e consistente. Ele olhava para todos os lados, mas nada além daquelas pessoas seus olhos podiam alcançar.

Mas o Varão do Movimento já chegou aqui...

Foi quando um ímpeto lhe tomou e conduziu seus olhos para o fundo daquele aglomerado. Percebeu que alguém vinha ali. A princípio não conseguiu desenhar sua feição, porém via

os pés reluzentes como ouro. Na medida em que aquele Ser caminhava entre as pessoas um clarão, como raio vinha por de trás dele, tão claro que quase cegou o jovem Físico que percebeu que só seus olhos foram afetados, nenhum dos demais foram. Ajeitando a visão, volveu a finca-la naquele Homem que vinha em sua direção. Algo dentro dele se desfez, algo que não sabia explicar. E quando aquele rompeu a penúltima pessoa já que a última era Morgana para seu espanto o que Guto viu foi Jordan.

E o último arrepio lhe tomou de um jeito descomunal.

E ali em sua frente, aquela feição do menino esmirrado foi se desfazendo diante dos seus olhos e um brilho tomou o lugar de sua face como o sol. Guto pranteava como um menino porque então compreendia tudo que se dera desde o momento que Jordan cruzara a sua vida e a de Morgana.

Enquanto aquele Homem o via, ele ia se recordando da sensação de conhecê-lo de algum lugar. Da confiança que tinha nele. Das palavras sempre tão precisas nas horas certas. Da disposição de sempre estar perto, pronto para ajudá-lo, acalmá-lo. Da convicção de que ele era amado pelo Ser Divino, de que o mesmo jamais o esquecerá. E no mesmo instante *flashes* vinham a sua memória de toda sua trajetória, pois no rosto daquele Varão outros rostos que o resvalaram em ocasiões em sua existência foram surgindo, desde a senhora que dava trocados para comprar pão quando precisou morar na rua, da criança que lhe deu um poema dizendo que ele tinha valor quando se separou de Lana, do senhor que

deixou uma carta de recomendação para a Universidade em que trabalhou depois de formado sem nunca ter visto o tal homem e somente por essa carta o emprego foi dele. E tantas outras feições foram passando em seu rosto como um filme, até que por último a feição de Jordan voltou e depois de um breve sorriso desapareceu dando lugar ao olhar mais terno que alguém já o dera. Guto tremia das cabeça aos pés. O Homem aproximou-se de Morgana, e quando pôs a mão direita sobre o coração dela um aglomerado de palavras estranhas saiam dos lábios da moça, essas expressões subiam como numa nuvem e flutuavam sobre a cabeça dela numa altura de noventa centímetros. O Homem deu a entender ao jovem que as palavras podiam ser lidas por ele, que ao direcionar seu olhar para as tais viam muitas repetidas, porém todas voltadas para vida do Físico: “ *Tenha misericórdia dele Senhor!*”, “ *Abre o coração Dele!*”, “ *Abençoe-o!*”, “ *Daí-me sabedoria para lidar com ele!*”, “ *Não desista Dele Deus, ele ainda é teu filho.*”

Guto lia a todas com olhos aguçados e respiração ofegantes. De repente todas aquelas súplicas pairavam nas palmas dele como uma bola de fogo, e aproximando de seus lábios assoprou e elas se tornaram em fagulhas de brasa e foram lançadas para cima do Físico que via, mas não podia explicar. O sopro fora tão intenso que o moço foi lançado com joelhos no chão do alto de seus 1,90m, e por um segundo recordou de Romanos 14:11 “ *Todo joelho se dobrará e toda língua confessará que sou Deus* ”. Guto tentou se levantar mais havia ali um poder que suas forças carnis não podiam

superar. O Homem afastou-se de Morgana e veio em direção a ele. Guto pensou num fim, porém a mão dele estendeu-se na altura de seu rosto e lhe disse:

– Levante-se, Guto.

O jovem resistia. O Varão persistia.

– Um ateu pode não crer em mim, contudo nem mesmo isso justifica que não aceite uma mão para erguer-se. Isso não seria coisa de ateu e sim de um orgulhoso. Será esse seu segredo, Guto? Orgulho oculto nas amarras do ateísmo?

Guto relutava quando outra vez escutou a frase desde que chegara a Velha Esperança:

– Confie em mim, Guto.

E o moço teve que levar em conta que todas as vezes que o então Jordan o tinha feito tal pedido, Ele nunca o desapontou. E ergueu sua mão e foi içado até ficar de pé.

– E agora, acredita que Eu existo?

O Físico abaixou a cabeça e logo a teve erguida por Ele que o percorreu:

– Fala com Teu amigo. O Teu amigo está aqui diante de ti. Não mudei, Guto, jamais mudo. *Eu sou o que Sou.*

– Não sei o que dizer. Nem o que pensar.

– Pois eu tenho. – o que fez o jovem espantar-se arregalando os olhos. – Jamais te abandonei. Mas como uma

amizade pode perpetuar quando um lado dela rompe os laços? Você me acusou de Ser um mau amigo, e Eu o pergunto que tipo de amigo foi para mim, Guto? Não bastou esquecer-se da minha Palavra, não bastou machucar minha Igreja, além de tudo isso, fez pior, você me riscou de sua vida como se Eu não existisse e propagou essas inverdades por onde as plantas dos teus pés passaram. Dei-te o dom da sabedoria e você a usou contra mim, e pergunto: Por quê? O que foi que Eu, O Senhor dos Senhores, te fiz?

– Pedi muitas vezes para que me ajudasse...

– E agora pouco no meu rosto pôde ver que sempre o socorri. Continuamente entendi que para sua pessoa me chamar de Pai seria muito, pelos traumas que ainda precisam ser tratados em tua alma pelo teu pai terreno.

– Meu pai, biológico. – sussurrou.

– Não, teu Pai Biológico sou eu, Guto. Porque fui Eu quem te deu a vida, quem soprou no ventre da tua mãe quando a semente dela e do teu pai se encontraram. Sem Mim, nada poderia ser feito. Você simplesmente não existiria.

Guto calou-se.

– Por que não contou a Morgana o que pediu antes de receber as passagens para o Expresso do Oriente?

O jovem permaneceu calado.

– Por que não falou que no íntimo do seu ser me desafiou prestes a cortar seus pulsos dizendo que se Eu
NACIONAIS - ACHERON

vivesse desse-lhes uma nova chance de se encontrar e assim acreditaria no Meu Poder e na Minha Existência? Morgana não sabe a razão pela qual está aqui, mas você sim. Ela veio por sua causa, pelo seu pedido. E mais uma coisa... Por que Eu faria tudo isso se não fosse ainda o Seu melhor amigo?

Ao jovem só restou dizer:

– Perdoe-me.

– Eu já agradei de tudo desde o dia e que vi o seu rosto pela primeira vez. Contudo se quer perdoar alguém, peça perdão a si mesmo, a dureza de seu coração. Perdoe-se por tanto orgulho, tanta arrogância, tanto ego, tudo para tanto nada. Qual a serventia deles aqui, nesse exato momento? O que os teus conhecimentos científicos podem te fazer agora meu amigo ateu?

– Não podem.

– Venha, vamos entrar em minha casa. Sei que há esclarecimentos que você almeja. – E depois de muito tempo Guto adentrou num Templo. E quando pisou ali foi como voltar no tempo. Foi reviver sua infância árdua e ao mesmo tempo tão boa por Morgana sempre incentivá-lo a fazer parte daquele mundo.

– A primeira vez que entrou em minha casa, seu pensamento foi: “Que gente louca!”– rindo em seguida enquanto sentou num dos bancos.

– Posso te chamar de Jordan, sabe te chamar de... –

balançando a cabeça.

– Pode me chamar como desejar, só não pode é esquecer-se de Quem Sou, outra vez.

– Não acredito que estou vivendo isso! – exclamou o jovem ainda em pé.

– Tente recordar do louvor que costumava cantar para o Enrico da padaria que era ateu. – e foi como um estalar de dedos. A letra estava fresca em sua mente. Mas o Amigo fez questão de recitar para o jovem.

Qual é o nome que você costuma chamar

Quando as lágrimas inundam teu olhar

Qual o nome que você grita com poder

Quando o inimigo ataca você

Não é Paulo, nem João

Nem Davi e nem Sansão

Nem Isaac, nem Jacó

Nem Moisés, nem Abraão

Não é não, o nome é Jesus!

Qual o nome que você

Encontrou a paz, onde a esperança

*Cresce mais e mais
Qual o nome que te dá confiança e fé
Pra vencer o mundo e mesmo a morte até
Não é Pedro, não é Daniel
Nem Maria e nem Isabel
Não é Jó, não é José
Nem Abel e nem Noé
Não, não é, o nome é Jesus!*

E por um instante, Guto sentiu vergonha de si mesmo. De quem tinha sido e em quem se tornou. Não se tratava de ser ateu e isto significar ser um homem ruim ou desonesto. Pelo contrário, a índole de uma pessoa independe do que ela creia. A vergonha que o físico sentia era por um dia ter hasteado uma bandeira de modo tão eficaz e agora se ver cuspidor nela para que assim seus argumentos pobres e sua prosa fraca pudessem sustentar diante de seu rancor.

Nunca foi Jesus Quem o deixou.

Pôs-se no lugar Dele e tentou imaginar se um amigo cometesse o que ele fez. Magoou sua filha, difamou sua casa, o xingou, blasfemou, denegriu a imagem Dele e de Sua Palavra, o que ele, Augusto, faria? Será que estaria ali, a sua frente? Será que teria tido o cuidado de se importar com o que

passava disfarçando-se por tantos rostos para que nunca lhe faltasse nada? Será que ele faria isto por este amigo, melhor... Será que ainda o chamaria de amigo? E na medida em que ponderava tais questões suas lágrimas iam descendo pelo seu rosto, gotejando pelo seu queixo, seu corpo tremia tanto que mal conseguia controlar o maxilar e as mãos, e foi nessa hora que Guto entendeu o que era arrependimento. De repente o Amigo notando que seria mais fácil para o jovem, tomou a forma de Jordan, o rapazinho franzino e erguendo-se do banco caminhou até o jovem, subiu no banco para ficar na mesma estatura, suspendeu seu rosto, limpou suas lágrimas, beijou suas mãos falando dentro dos seus olhos:

– Eu te amo. Eu sempre amei. E sempre amei do jeito que você é. Eu Sou Seu Amigo, Augusto.

E as barreiras caíram por terra, pois Guto o abraçou do modo mais bucólico e verdadeiro que alguém pode fazer, com o coração limpo e a mente livre de todas as mazelas de uma alma cansada. E seus pensamentos viajavam, porque podia tocá-lo, senti-lo e entender naquele cinjo o quanto era amado por Ele. Aos poucos o físico foi se desarmando e soluçava como uma criança, e foi se desfazendo até cair de joelhos no chão. Jordan desceu do banco amparando-o e o confortava com palavras firmes e doces ao mesmo tempo como um pássaro alimentando seus filhotes no ninho. As forças de Augusto estavam esvaindo de seu corpo e por um instante achou que pudesse estar morrendo, foi quando Jordan carinhosamente passando a mão pela sua testa o acalmou:

– Calma. Não tema. É só o peso que carregava em seu coração indo embora. O peso da mágoa, do rancor, da dureza do coração, da incredulidade, da arrogância, do ego. Agora, seu fardo passa ser meu, e o meu seu. Deixa ir amigo, porque quem carrega peso em sua alma, carrega em si a morte eterna.

– Tenho... Fal...ta de ar! – rogou com o corpo nos braços de Jordan.

– Não se preocupe. Estou aqui, como sempre estive. Estou cuidando de você. – Foi quando no abrir de seus olhos viu uma luz muito clara e suave descer sobre eles como uma chuva fina. Viu que aquelas gotas batiam nele e iam percorrendo seu corpo como se o lavasse de dentro para fora. E ainda ofegante averiguou:

– O que é isso?

– Minha Graça. A Minha Graça te basta, Augusto.

E por algum tempo o jovem adormeceu.

Um sono breve quase flutuante.

Quando despertou, lá estava Ele do seu lado e com um belo riso na boca. Guto notou-se diferente, mais forte, mais preparado, mais vivo e Jordan levantou e o puxou pela mão indagando-o:

– Melhor?

– Infinitamente.

E bateu nos ombros do Físico satisfeito. Que se
NACIONAIS - ACHERON

observou enfim a vontade para saber:

– Por que se curou? Não precisava disto.

– Aquela forma deficiente que encontrou foi escolhida por mim propositadamente. Eu sabia que cedo ou tarde nós estaríamos tendo essa conversa. Não era o corpo que estava aleijado Guto, era a sua fé. Na medida em que você confiava em mim, a cada pedido que o fazia, sua fé ia se regenerando até chegar nesse ponto. – mostrando-se de pé, firme e forte.

– Sem palavras. – admitiu o rapaz.

– Eu quero lhe contar que muitas coisas irão acontecer nos próximos dias. E agora mais que nunca, essa fé que você reconstruiu vai ser utilizada.

– Jordan, as três missões...

– Eram as projeções. Eu tinha que permitir e de algum modo estar lá.

– O Homem misterioso?

Jordan sorriu.

– Como pode ver, não era tão misterioso assim e você sempre soube que era Eu.

– Verdade. – admitiu.

– Os ganchos de esquerda e direita que deu no sujeito foram muito bons. – referindo-se a luta que travava com o demônio que espreitava fora do círculo.

– Por que ele me queria tanto?

– Porque sabia o quanto valioso você é. Todos os olhos sabem reconhecer algo de muito valor, e o diabo e seu exército não são diferentes.

– Obrigado. Obrigado por não desistir de mim.

E quando Jordan se preparava para sair do templo, Guto lhe fez outra pergunta:

– Quando sairemos daqui?

– Em Breve. Questão de dias. Mas lembre-se, sua fé será testada nessa partida – E se foi.

CAPITULO XII

A Fé e O Trem

Depois daquela noite, Morgana e Guto voltaram a conversar. Ele lhe contou tudo sobre sua experiência e o quanto se percebia mudado e transformado por dentro. Morgana alegrou-se muito em ver seu contentamento, porém era notório que algo estava oculto em seu comportamento e por mais que tentasse o moço não conseguia penetrar a redoma que ela tinha construído em volta de si. E quando o assunto era a sua volta para Lana, aí mesmo que Morgana se fechava, pois para a moça o assunto já estava decidido. A volta de Guto para Lana, para Morgana era um fator decidido.

Jordan deixou a taberna, contudo deixou um recado num papel esclarecendo que caso Guto ou Morgana precisasse Dele, saberiam como encontrá-lo. O que entristeceu um pouco o jovem, mas por outro lado o fez entender que a Presença do amigo ali não se fazia mais tão importante, era como se sua missão tivesse enfim terminado.

À tarde fora embora. Morgana e Guto voltaram para a taberna, queriam enquanto aguardavam as devidas instruções permanecerem ali e ajuizar sobre tudo que haviam vivenciado. Eram muitas lições, sobretudo entre eles, que chegaram rivais e em brigas homéricas, levaram essas batalhas ao ápice e depois começaram a se permitirem que as reflexões viessem e transformassem suas vidas. Nada muda

ninguém, alguém só se transforma quando se quer essa mudança. E eles decidiram por isso juntos.

Morgana preparava uma torta de maçãs e um chá bemquentinho. Nessas horas, o silêncio entre os dois reinava. Porque chegava a um ponto que o assunto seria o sentimento dos dois e como a jovem se negava a discutir isso dando por encerrada a questão, não tinha muito a ser feito ou falado. Quando terminaram foram para fora da taberna onde encontraram dona Anjinha que os contou como fora triste a partida do ermitão. Um homem rude e muito maldoso que vivia à espreita nas montanhas do vilarejo. Que nos seus sete dias não se despediu ou deu alguma palavra a alguém. Simplesmente fora como um condenado até a estação sozinho, e mesmo com ela se oferecendo para ir de companhia a impediu dizendo não precisar de ninguém pois tinha pernas.

Foi quando tudo se deu.

No fim da rua, Guto viu sombras. Iam se materializando cada vez mais, e quando fixou mais os olhos notou que se tratava dos Homens de Cinza. Outra vez caminhavam emparelhados, mórbidos e sombrios como de costume. No entanto, por alguma razão um frio lhe correu pela espinha e um aperto no coração. Dona Anjinha também estranhou a natureza deles ali. Morgana teve medo, mas se calou.

– Quem será que eles vieram buscar dessa vez? – perguntou o físico ainda mais angustiado.

– Não faço ideia, meu filho! – agitou-se dona Anjinha.

E enfim pararam na frente da taberna. Nessas horas um vento frio ininterruptamente corria e bancava com que qualquer um se arrepiasse. Um deles tomou a dianteira dos demais, e de dentro do elegante paletó retirou o temido envelope roxo.

Olhou para todos.

Ninguém sabia o que imaginar.

Dona Anjinha por lógica deduziu ser dela, afinal Morgana e Guto não eram de Velha Esperança, portanto somente a primeira dama estaria apta para sua última viagem. Entretanto, ele a ignorou dando dois passos à frente e Guto se lembrou do que Jordan o dissera que sua Fé seria provada. Pensou que talvez chegasse sua hora, uma vez que dentro de si não escondia que preferia a morte que voltar para um casamento que nunca existiu e um amor que jamais sentiu. Estendeu sua mão para apanhar o envelope, porém foi nesse momento que o golpe mais doloroso se deu.

O sombrio Homem de Cinza o entregou a Morgana.

– O quê? – gritou Guto espantado. – Não pode ser! Tem alguma coisa errada! Hei camarada... – tentando o tocar e sendo impedido por dona Anjinha. – Não! Não somos daqui! Não podemos receber o envelope, são as regras, não são?

Morgana não rebateu, apanhou o envelope. Guto voou

NACIONAIS - ACHERON

em sua mão tomando dela e abrindo para conferir um possível erro, todavia os Homens já haviam partido.

*Convocamos a senhora **MORGANA COLARES**, forasteira da vila de Velha Esperança, a se apresentar na Estação das Despedias no próximo dia 14 deste mês e deste ano corrente, as 15h00min para ir rumo ao fim de todo ser vivo.*

*Lembramos que a senhora Colares terá **SOMENTE 03(TRES) DIAS**, uma vez sendo esta carta solicitada pela mesma e assim possa cumprir seus rituais e despedir de seus entes queridos, amigos e da vida da maneira que julgar conveniente.*

Atenciosamente

A Direção.

– Não é possível! – gritava o moço desesperado. – Isso não está acontecendo!

– Guto... Eu posso explicar. – enfim Morgana quebraria seu silêncio.

– Explicar o que, Morgana? Isso não tem sentido! Você não vai entrar naquele trem para lugar nenhum, ouviu? Cuidarei disso e...

– Fui eu quem pediu, Guto! – gritando num tom ainda
NACIONAIS - ACHERON

mais alto que chocou dona Anjinha e o jovem que perplexo pisou em falso quase caindo.

– Você, o quê?

– Eu pedi Guto. – e foi então que ligando os pontos Dona Anjinha expôs:

– O Livro do último Desejo? Colocou seu nome lá, minha criança?

– O quê? O Livro que fomos ver naquele dia?

– Sim, Guto. – explicou a moça.

– Não acredito! Por que fez isso? Por que Morgana? – Guto não conseguia raciocinar a ação de Morgana em pedir para deixar a vida.

– Acalme-se, meu filho. – solicitou a primeira dama.

– Por que, Morgana?

– Porque sabia que se não fizesse algo do tipo você não vai aceitar voltar para Lana. E temos que obedecer a vontade suprema de Deus. E assim será! – retirando-se para dentro da taberna.

Guto a seguiu transtornado.

– Você não pensou em mim, Morgana? Não levou em conta meus sentimentos! Não tem ideia do que fez! Isso é como pedir para morrer! Você é louca?

– Guto... Está feito. Pedi e fui ouvida. Daqui a três dias
NACIONAIS - ACHERON

partirei e ponto. Se me ama, faça o que nos foi pedido, volte para sua Lana, o que Deus uniu o homem não deve separar! Agora me deixe sozinha, por favor!

– Morgana... – ainda insistindo.

– Por favor, Guto!

E o moço saiu demudado para colina. E sentando naquela montanha onde enfrentaram aquele exército tão abastado e poderoso, Guto viu que enfim encontrara um inimigo que era violento e praticamente imbatível: A morte.

Compreendeu que pouco importa se somos avisados ou não, diante dela somos simplesmente impotentes. Por mais que segurasse no peito a fé, seus sentimentos revolviam dentro dele como um barco a deriva em alto mar. Como poderia o Deus que tanto renegou agora o tendo, retirar dele uma das pessoas mais importantes de sua vida? A lua estava alta e clara quando escutou alguns passos e olhando para trás viu a figura de Marcus o vigia de Velha Esperança se aproximar cabreiro e sentando ao seu lado.

– Sinto muito, Guto. Acabei de saber, achei que uma palavra amiga nessas horas possa ajudar.

– Não consigo aceitar que ela tenha feito isso. Meu Deus! Por quê?

– É verdade que a Morgana assinou o livro?

– Sim, Marcus. Tolamente, mas sim, é verdade.

– Uma vez há tempos um tio meu, já de idade, ficou desgostoso e pediu também. Mas as cartas deles são diferentes, não é? Parece que eles têm três dias e o papel da carta é amarelado, não é isso?

– A carta sim. É, a carta é amarela. Por quê? – parou Guto para pensar e recordou—se desse detalhe na carta de Morgana.

– Uai, você não sabe?

– Não. – Guto parou com toda atenção voltada para ele.

– Essa é a *Carta da Misericórdia*. Deus não quer que ninguém perca a vontade de viver. Eles têm só três dias, todavia se decidirem voltar atrás, eles podem.

– Como?

– A pessoa tem que ter arrependimento sincero no coração ou algo que a faça querer continuar a viver. Se houver, até na hora do embarque os *Homens de Cinza* vêm e entregam o envelope amarelo como a carta e levam o roxo de volta, então a pessoa não parte.

Guto pôs a mão no queixo e ficou processando toda aquela informação. E questionou o vigia:

– Mas já houve casos do tipo anteriormente?

– Uai, mas é claro! Evidente que não ocorre sempre, porém me recordo de seu Olaf, era um engenheiro civil metido, arrogante, se julgava melhor que todo mundo, até que

um dia a parte do morro de sua casa desabou todinha acabando com a mansão que ele mesmo projetou. Não foi só a casa quem desmoronou, foi também toda empatia do homem. Ficou feito um mendigo pelas ruas de Velha Esperança, mal comia banhava-se, foi deprimindo feito uma rosa depois de dias num vaso de água parada e por fim colocou seu nome no livro.

– E o que aconteceu com ele?

– Na madrugada do dia de seu embarque, Jordan foi lhe visitar. Que lhe disse coisas que somente o engenheiro civil saberia. Ficaram horas conversando. E ele foi para Estação das despedidas normalmente como manda o figurino, mas na hora de entrar, os Homens de Cinza vieram e trocaram o envelope roxo pelo amarelo como é a cor da Carta da Misericórdia e ele teve uma razão para continuar. Mudou de nome, de profissão, viu brilho da vida piscando para ele outra vez. Hoje é só um homem, porém o mais bem-aventurado de todos.

– E onde encontro esse indivíduo? – averiguou o Físico na esperança de ter mais informações. O vigia sorriu, levantou-se e o respondeu:

– Está falando com ele. – curvando-se como numa apresentação.

– Você? Você, Marcus? – espantou-se o moço.

– Espie só! Nem parece, fale a verdade! – aturdido Guto deixou escapar o pensamento.

NACIONAIS - ACHERON

– Marcus... Mas você é só um...

O vigia gargalhou e completou:

– Vigia! Cargo escolhido por mim, vamos deixar claro.
– sentando-se outra vez.

– Lamento, não quis parecer rude ou menosprezá-lo.
Contudo, um engenheiro civil preferir ser um mero vigia?

– Guto, nós dois temos algo em comum, sabia?

– Temos? - retrucou o rapaz querendo elaborar do que o homem falava.

– Um dia em nossas vidas, decidimos que o conhecimento era o nosso maior bem. Assim como num dia também descobrimos que todo conhecimento do mundo não vale nada se você não puder ser e fazer seu semelhante feliz. Olhe para mim, que serventia mais bela pode ter um engenheiro civil que conhecer toda a geografia de sua vila, construir um forte e pode ser o homem de confiança para resguardá-la? Soube que você é Físico, entretanto a pergunta é: Qual a finalidade desse cientista?

– Marcus, como é ver o brilho da vida nessa circunstância?

– Meu nobre amigo, é uma coisa tão forte e ao mesma tão delicada que palavras não podem explicar. É como ver o brilho verde da aurora boreal. É algo Divino que renasce dentro da sua alma e te diz: Vai, segue teu caminho outra vez.

E embora aquela conversa parecesse ter fugido do foco que era reverter a ideia precipitada de Morgana, com olhos mais atentos e mente mais aerada, servira muito para que o mesmo parasse e ponderasse o que Marcus o contara.

Guto se despediu do vigia apertando sua mão como velhos companheiros e em seguida voltou à taberna. Morgana já dormia. Quietamente, com pés de algodão revolveu as coisas da moça até encontrar a carta onde constatou que sim, era amarelada, portanto a carta da misericórdia. Pensou consigo que tudo ficaria em paz e seria fácil convencê-la a desistir daquela ideia estapafúrdia, pois o sentimento que tinham um pelo o outro era razão de sobra para ver o brilho da vida outra vez.

1º Dia

Naquela manhã Morgana acordou tarde e foi levar algumas de suas roupas no riacho, pois queria que seus pertences estivessem em ordem para sua viagem. Enquanto deixou as vestes quarando na grama da margem do riacho sentou-se e foi molhando aos poucos os pulsos, as pernas e os cabelos, o calor era intenso e seus sentimentos muito mais. Não conseguia parar de pensar em Guto, no que sentia por ele. Um nó na garganta se fazia toda vez que lembrava que estaria partindo da terra dos vivos dali a dois dias. Lembrou-se de sua família, de seus pais, amigos e de seus

alunos. Do quanto gostaria de dizer a cada um como era importante em sua vida com seus erros, acertos, tortos ou endireitados.

O peito apertou.

A agonia bateu.

E Morgana chorou junto com as águas do córrego que vendo sua aflição levaram gentilmente suas lágrimas cada vez que a moça banhava seu rosto.

No entanto, mesmo diante de tais questões jazia assente. Sabia o que queria e isto a fez recompor-se e a voltar ao seu trabalho. Guto, a observava, como o coração despedaçado, queria se aproximar, porém compreendia que tinha que ser no momento oportuno, ainda que de longe a via frágil e sabia que Morgana não gostava que a vissem desse modo. Então, ficava ali, a espreita, tentando num desespero calado raciocinar num meio de como revirar aquela situação que semelhava já tão bem definida. Foi quando recordou do bilhete de Jordan. Que se precisasse Dele que O chamasse. Na mesma hora, o jovem repudiou árvore que se escondia e desatinou a taberna relendo o bilhete e ficou pensando como poderia fazer para chamar o Amigo.

Decidiu ir a colina onde por muitas vezes teve boas conversas com ele. Chegando ali, repetia em sua mente seu verdadeiro nome, todavia parecia em vão. Ninguém vinha, ninguém descia dos céus. Por quase uma hora o moço ficava de um lado para o outro buscando em seu pensamento um

meio, uma conversa solta, uma pista de como poderia clamar por Jordan. Quando lhe veio uma memória longínqua. Um dia de chuva quando era noivo de Morgana, na época ela lia um livro onde o mocinho encontrara seu grande amor usando um versículo e meditando nesta lembrança constatou que só havia um modo de fazer aquilo.

Respirou fundo, sentou no chão, cruzou as mãos como pedido, e viu que o rompante do orgulho enfim fora embora. A casa de sua alma jazia limpa e sorriu consigo. Fechou os olhos com veemência e com os lábios tremendo num esforço de cometer aquilo foi sussurrando até que o som saísse de fato:

– Jordan... Jor..Je...Je...Jesus...Jesus...

Nem ele cria no que seus lábios estavam articulando, se alguém o dissesse que algum dia faria aquilo certamente gargalharia em deboche. Era a relutância entre o velho e novo Augusto. Mas usando a fé que criara na figura de Jordan, persistiu.

– Jesus... Jesus, preciso que me ajude. Não sei o que fazer. Eu necessito do Meu Amigo, O Melhor e Único amigo que tive tem toda minha vida. Não sei fazer como Morgana faz. Mas me escuta, por favor. Vem me ajudar.

E abriu os olhos e desatou suas mãos tendo certeza absoluta que aquele módico pedido não tinha nem chegado a primeira nuvem, que dirá aos céus ou ao Trono Divino. Todavia, *as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e*

não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. Descrente, levantou e foi descendo a montanha cabisbaixo e perdido. Talvez necessitasse de mais tempo para ter mais credibilidade ao orar. No fundo, compreendia que jamais poderia ser como Morgana que tinha tanta fé e desprendimento. O invocava com tamanha facilidade. Porém, não se entristeceu, tomou para si que mais tarde voltaria e faria tudo de novo. Havia mais dois dias, e enquanto houvesse tempo, não desistiria de tentar interceder pela Presença do Amigo.

E veio à tarde, mas Jesus não apareceu.

E veio à tardinha, quase noite, e Jesus não surgiu.

Então brotou a noite, e outra vez, Jesus não estava lá.

Persistente, Guto achou melhor ficar até a madrugada. Nessa fase, o moço já tinha feito e se desfeito emocionalmente incontáveis vezes. O coração já batia meio sem jeito, naquele silêncio da alma o enfado era gigantesco dentro de si e aquela voz em sua mente lhe alertando que não passava de um derrotado. Era uma somatória de obstáculos, emoções e resíduos de um velho homem que intentavam o enlouquecer.

E Guto julgou melhor ir.

E ao levantar-se limpando a calça de pequenas farpas da mata, quando pronto para virar-se e dar o primeiro passo deu de cara com Quem tanto buscava. Aquela mesma forma que se mostrara no culto. Seu coração acelerou, uma emoção

NACIONAIS - ACHERON

brotou como um feixe de luz na escuridão e dessa vez sem temer a sua face o abraçou fortemente.

– Achei que não veria. Achei mesmo, me desculpe! – O Senhor dos exércitos o olhou com aquele olhar que via nos olhos de Jordan e o apaziguou.

– Não é só você que sabe espreitar atrás das árvores Guto e aguardar o momento mais oportuno para se aproximar. - rindo em seguida.

– O Senhor me viu? – brincou como se voltasse a ser criança.

– Sim, sempre vejo. Lembre-se disso. - sacudindo o dedo indicador e ajeitando uma rocha para sentarem. – Gostei de ter usado *Jeremias 29:13* para me encontrar. – sorrindo satisfeito e o moço recitou o versículo do livro que recordara.

“E buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes com todo o vosso coração.”

– Estou desesperado!

– O feito de Morgana.

– Sim. Ela não pensou quando tomou tal atitude. Tenho certeza que não quer partir, apenas fez isso para se certificar que eu procurarei Lana.

– Guto, Eu lhes dei o livre arbítrio, o poder da escolha. Diante dele, o que posso fazer? Quer que interfira em algo que Morgana escolheu? Poderia Eu ir contra a Minha

Natureza?

– Mas... O Senhor poderia conversar com ela. Sei que O escutaria.

– E o que te leva crer que Morgana não fez isso?

– Ela fez? – num tom desgostoso.

– Não posso fazer nada sobre a escolha dela, até porque ela pode revogá-la a qualquer minuto como Marcus lhe explicou.

– Então não resta nada a ser feito. – afirmou o jovem desconsolado.

– Bem, Eu disse que não posso fazer nada a respeito da decisão dela. – Num tom mais incisivo.

– O que quer dizer com isto? – o rapaz buscou Nele uma resposta. No entanto, Jesus se ergueu da rocha e pondo a mão no seu ombro esclareceu.

– Conte comigo. Estou contigo. Seja lá o que fizer, a decisão que tomar e as sequelas que essa decisão tiver, Eu o ajudarei. – Pondo-se a seguir.

– O Senhor poderia ser mais específico, sabia?

– Mais do que Estou sendo?

– Tenho Seu apoio no que eu fizer. Perfeito. Mas não sei o que fazer!

– Veremos meu amigo, veremos se não sabe. – e

caminhando para trás da rocha desapareceu.

2º Dia

Depois da conversa na montanha, Guto passou o resto da madrugada em claro até que ponderou como saída uma tentativa. Com passos largos foi a Estação e adentrou onde ficava o Livro do Último Desejo. O pensamento de Guto foi lógico, colocar seu nome também, assim se Morgana iria, ele igualmente queria ir. Todavia, uma coisa é o que se quer e outra o que o Destino escreve. Ao chegar lá, o livro não se encontrava, somente um jovem limpava o ambiente.

– Bom dia. Pode-me dizer onde está o Livro do Último Desejo? – indagou o Físico.

O rapaz parou a faxina e o respondeu:

– O livro foi recolhido.

– Recolhido! Como recolhido? Aqui não é lugar dele? – coçou a cabeça agastado.

– Sim, é sim. Mas toda vez que alguém coloca ou escreve seu nome nele, ele é recolhido, e só volta depois que essa pessoa parte. Medida de segurança.

– Medida de segurança? – replicou ainda mais irritado.

– Vai que um anima todo mundo de ter a mesma ideia, moço? Melhor precaver, não é?

– Não acredito nisso! – e saiu pisando duro.

Desta vez Guto não viu outra ideia que não fosse ir até Morgana, àquela conversa tinha que existir estivesse a jovem pronta ou não.

Malena e dona Anjinha tinha preparado um chá de despedida em sua casa para Morgana. Com alguns mimos, coisinhas gostosas de beliscar, eram um meio de aliviar porque sabiam que a família dela não estaria lá para se despedir.

De repente aquela figura de 1,90m cruzou a porta encurtada da casa tapera abruptamente. Todas se entreolharam. Morgana levantou-se ardida:

– Que isso, Guto? Não pode entrar na casa das pessoas assim? Peça desculpa a Dona Anjinha e a Malena, afinal a casa é dela e...

– Perdão dona Anjinha, perdão Malena querida! – fazendo gesto de agradecimento dos monges budistas. E em seguida segurou sua mão a olhando na alma. – Precisamos conversar, por tudo que é mais sagrado, precisamos conversar!

– Morgana, o menino está afoito. – advertiu dona Anjinha.

– Talvez seja uma boa ideia. – sugeriu Malena com um riso abrasador.

Vendo que não tinha como o deter, aceitou saindo do
NACIONAIS - ACHERON

casebre sendo seguida por ele. Foram até a taberna.

– Muito bem, Guto, o que ainda de tão crucial temos para conversarmos? – cruzando os braços e evidenciando que sua leitura corporal não era sugestiva para o diálogo.

– Não faça isso comigo! – rogou num tom onde o desespero saindo pelos poros, originário direto de sua lama.

– Guto... Aceite. Já está feito. - mantendo a mesma posição.

– Sabe de onde vim?

– Não. De onde?

– Acabei de vir da estação.

Morgana gelou, porque intuiu que Guto tivera a mesma ideia que ela, pois não sabia que o livro era recolhido.

– Pelo amor de Deus, Guto! Você não... – entrando em desespero pondo as pontas dos dedos das mãos sobre a testa. E por um instante o físico cogitou enganá-la para ver sua reação.

– Sim.

– Você enlouqueceu, homem? Por que fez isso? Não podia ter feito isto! - batendo no peito dele.

– Não podia por quê? – segurou os pulsos dela. – Por que eu não posso e você pôde?

– É diferente! – completamente tomada pela aflição.

– Diferente em que, Morgana?

– Não tenho família formada. Sou viúva, sem filhos. Seria mais fácil para mim.

– Se você for eu vou. Era o nosso lema desde crianças, lembra? Se você pular eu pulo, se você ficar eu fico. E se for para você morrer... Eu morro.

– Temos que cumprir com que Yorran me disse: “*O que Deus uniu o homem não deve separar.*”

– E o que eu faço com e *ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria!* O que eu faço com esse amor, Morgana?

Ela o entrelaçou com vigor. Fechou os olhos enquanto guardava dentro de si o cheiro de seu corpo, pois era algo que desejava levar consigo para onde quer que fosse.

O tempo parou para os dois por alguns instantes.

São aqueles raros momentos em que temos a certeza que nunca mais vai se repetir. Não há nada lá fora. O mundo acabou. Estamos numa redoma presos pelo andamento de um sentimento tão envolvente quanto puro. A vida não foi nem será, naquele milésimo de segundo, a vida é e ponto.

Então Guto foi sincero com Morgana e esclareceu sobre o livro. Explicou-lhe sobre o que Marcus o confessara, sobre se arrepender ou voltar a ver uma razão para continuar a
NACIONAIS - ACHERON

viver. Sobre o brilho da vida. Mas tudo que conseguiu foi que passasse a mão sobre seu rosto e confessasse:

– De todas as histórias que vivi você foi a mais triste e a mais feliz. A melhor e a pior. Mas se me perguntasse se aceitaria vive-la novamente, saiba, a resposta seria sim. Um milhão de vezes sim. Você é eterno para mim Guto. Guarde isso na tábua do seu coração: Sempre será meu verbo sem conjugação. Lindo demais para ficar no passado, forte demais para o presente e intensamente verdadeiro para estar tão distante no futuro.

E o beijou como se fosse à última vez.

3º Dia e último.

Morgana teria que estar às três horas da tarde na Estação das Despedidas. Aquele clima cortês e de aceitação fatídica não entrara no coração de Guto. Passara a noite no que parecia ser uma biblioteca na velha igreja lendo toda estrutura da estação. E lendo e relendo, analisou cada detalhe e descobriu um fato:

Havia um modo de parar o trem.

Escondeu no mato atrás da taberna sacos abarrotados e ainda bem cedo correu ao forte onde Marcus ficava. Contou-lhe sobre o que descobrira, mostrou o rascunho de seu plano e no término foi talhante:

NACIONAIS - ACHERON

– O físico descobriu para que serve, mas precisa de um engenheiro, topa?

Marcus sorriu aquecendo uma mão na outra.

– Você é dos meus. Vou te ajudar. – e apertaram a mão firmando o trato.

O Plano de Guto era simplesmente ousado.

– Quer parar o trem? E isso que entendi? – rebateu Marcus.

– Exatamente!– com um olhar afoito.

– Meu amigo, tenho que admitir, você é doido!

– Por que acha que fiz física? – replicou jocoso.

– Ok. Vamos lá, me explica em detalhes o que iremos fazer.

– Pelo que compreendi o Trem precede das mesmas condições dos que conheço. Opera da mesma maneira.

– Só não tem maquinista. – esclareceu o vigia.

– Não? Como ele opera? – perguntou Guto. – Marcus somente apontou para os céus dando a entender do que se tratava. – Tudo bem. Pois hoje ele vai parar com ou sem maquinista! - voltando ao plano.

Guto tinha analisado toda Estação das Despedidas, entrada, saída, assim como o trem. Eram nove vagões, todos interligados pela cabine principal. Como não tinha caldeira

NACIONAIS - ACHERON

tampouco maquinista e flutuava nos trilhos, o físico adotou que o transporte seguisse os mesmos padrões de um trem elétrico, porque independente de qual a força o regia, era energia, e sendo energia, ele poderia encontrar um meio.

– Muito bem Marcus, em 1879, Siemens desenvolveu a primeira locomotiva com um cavalo-vapor de 3. Tratava-se de um comboio miniatura puxado por uma locomotiva de 50 centímetros com 2,5 KW de potência numa extensão de 300 metros. O motor elétrico de corrente contínua era alimentado pelos carris e a rede elétrica era energizada em 550 volts (corrente contínua). Já os trens que flutuam nos trilhos de onde eu vim conseguem fazer isso graças a poderosos eletroímãs, são peças que geram um campo magnético a partir de uma corrente elétrica – instalados tanto no veículo quanto nos trilhos. Os maglevs (abreviação de "levitação magnética"), como são chamados, nada têm a ver com os famosos trens-bala que circulam no Japão e na Europa, embora você não faça ideia de onde fique esses lugares, com motores elétricos e rodas comuns e atingem até 300 km/h. Já os maglevs, podem superar os 500 km/h, pois não sofrem nenhum atrito com o solo. E agora vem a melhor parte! – indicando para o esboço. – Apesar de ter, na frente, uma cabine de comando tripulada, como os trens tradicionais, o maglev não possui uma locomotiva propriamente dita, já que o “motor” não fica no trem e sim nos trilhos inteiros. Cada vagão tem seus próprios ímãs e é capaz de levitar sozinho. Só precisamos qual o vagão que Morgana vai estar e intervir na fonte de energia de seu motor.

– Espere aí, Guto, e os trilhos?

– O verdadeiro motor do maglev está na linha que ele irá percorrer. Uma bobina de cabos ao longo dos trilhos produz um campo magnético variável que impulsiona o trem a velocidades de até 500 km/h. Para economizar energia, apenas a parte da linha sobre a qual o trem está passando permanece ligada.

– Então, o interessante é descobrir qual vagão ela está e desligar ainda na partida. - concluiu Marcus pensativo.

– Sim. Mas ainda tem um porém.

– Qual?

– O chassi inferior. Essa estrutura embaixo dos vagões carrega os ímãs responsáveis pela levitação e pela direção do veículo. Apesar de envolver as guias da linha (para evitar descarrilamento), o chassi não toca nelas e fica suspenso no ar, a 10 milímetros de distância.

– E onde ficam os ímãs?

– Os ímãs de direção são quatro, dois de cada lado do trem, são atraídos para a guia. O resultado é um equilíbrio de forças que impede o trem de tocar nos trilhos. Nas curvas, a potência dos ímãs é automaticamente ajustada por computadores para que o trem vire suavemente, sem solavancos. Depois vêm os ímãs de levitação, ficam embaixo dos trilhos e apontados para cima, sustentando o trem no ar com sua força magnética. São eles que impulsionam o trem

para frente, reagindo às variações na corrente elétrica que passa pela linha. E por fim, mas não menos importantes a Bobina de cabos, ela é formada por três cabos elétricos trançados que percorrem todo o trilho. Está vendo? A diferença de corrente elétrica entre eles gera o campo magnético que faz o trem avançar. Para freá-lo, basta inverter a direção desse campo.

– E como vamos fazer isso?

– Primeiro temos que descobrir qual vagão Morgana entrará. Li que o trem leva sete minutos para desaparecer no horizonte.

– Justamente. Depois nem sombra dele. – confirmou Marcus.

– Eu preciso entrar no trem, saber qual vagão ela ficará, danificar o motor dele e depois voltar ao principal e danificar o envio de corrente para os imãs.

– Deixa ver se entendi. Se souber o vagão, vai pará-lo interrompendo pelo seu motor, feito isso você torna ao fundamental e corta a energia que iria para este vagão no que seria uma segunda tentativa de restabelecê-lo. É isso? Bom ninguém nunca tentou, também ninguém aqui nunca foi tão insano. Mas como vai repelir os imãs, Guto?

– Quando polos iguais estão alinhados e próximos, é o suficiente para se repelirem.

– E como vai encontrar fonte suficiente para repelir essa

quantidade toda?

– Com isto! – apontando.

– Ah, você só pode ser muito louco!

Guto se referia a muitos sacos de moedas feitas de níquel e cobre abandonadas pelo prefeito Rodovalho depois de seu arrependimento. A questão é que o dinheiro não era usado em Velha Esperança, praticamente funcionava como suvenir dos sovinas.

– Ninguém usa Marcus, vamos arrumar enfim uma justa serventia para elas. O que me diz?

– Eu acho que isso será uma loucura só. Mas pode dar certo! Vai dar certo!

– Muito bem, preciso que vá até a taberna, nos fundos, bem nos fundos do quintal, já praticamente na mata, carreguei alguns sacos durante a noite, creio que o suficiente para danificar os imãs. Os vagões sofrerão uma pane por no máximo dois minutos, é o tempo de descobrir qual vagão Morgana vai estar e eu danificar o motor e voltar à cabine central e cortar o envio da energia.

– Dois minutos é muito pouco tempo Guto! - avaliou Marcus preocupado.

– É o tempo que temos. Mas, aí entra você. Disse que conhece a geografia do lugar.

– De cor e salteado.

– O trem não tem solavancos, mas em depressões pode vir a falhar e com o sistema já baleado isso pode piorar e nos dar mais alguns segundos.

– Entendi. Depois que ele parte, cerca de trezentos metros a frente há uma depressão, suave, meio metro mais ou menos.

– Perfeito! O suficiente para retroagir o trem inteiro com o uso dos níqueis.

– Mas meu amigo, e se depois de tudo isso, a moça não quiser descer do trem?

Guto emudeceu. Não quis pensar sobre essa hipótese. Pois a coragem a frente e a vontade de provar para Morgana quão disposto estava em lutar por ela.

Capítulo XIII

O Brilho da Vida

Às duas e meia toda vila de Velha Esperança veio se despedir de sua forasteira. Morgana tinha despertado naquele povo um enorme carinho. Ela era em si uma pessoa muito cativante, e depois de tudo e da maneira como se envolveu com o caso de Malena todos ficaram muito achegados à moça.

Todos se comoveram.

Dona Anjinha não parava de chorar.

Malena e as crianças também não.

O coração dela doeu pela ausência de Guto, porém entendeu que estar ali para o rapaz seria duro demais. E como faz o coração de quem ama, o perdoou dentro de si.

Quando a primeira sirene tocou declarando a hora de partir seu coração explodiu, era inevitável não pensar que estava morrendo.

Despediu-se outra vez dos amigos e ainda arriscou olhar para ver se a figura de Guto não se espreitava atrás de alguma parede ou coluna, como fizera quando ela estava no riacho, pois o viu só o ignorou. Porém não, o grande amor de sua vida, outra vez não estava lá para se despedir.

Na terceira sirene, um moço bem bonito e alinhado veio saudá-la e pediu para que o seguisse.

Aquele era o último adeus de sua breve existência. Pensou quantas coisas ficaram por fazer. Quantos sonhos, quantas realidades adormecidas, todavia, nada daquilo significava vontade de viver, arrependimento pela decisão tomada ou o brilho da vida que Guto tanto a esclarecera.

Seu camarote era o último. Era branco e dourado. Clássico e muito bem decorado. Sentiu que estava indo para um lugar bom. Não perfeito, pois ia sem aquele que seria eternamente o grande amor de sua vida.

NACIONAIS - ACHERON

O trem começou a se movimentar lentamente.

As lágrimas tomaram conta da Professora. O último rumo de sua vida era sim muito difícil de ser experimentado.

Enquanto o vilarejo se despedia, Guto e Marcus agiam. O vigia espalhou as moedas conforme a instrução do Físico. Até a depressão que ele citara. Após ficou de longe vigiando qual vagão a jovem entraria, e através do código e um binóculo velho emprestado a Guto, indicou com os dedos onde ela estaria. Guto entrou antes do meio dia pela frente do trem. Entrou como um gato, sempre olhando para os lados certificando-se que ninguém surgiria para pegá-lo. Escondeu-se entre a cabine e o primeiro vagão. Averiguou que tudo era como discorrera a Marcus. Pensava consigo:

– Deus me ajude! Me A.. Ju.. De!

Ele suportou de pé num cubículo que mal podia respirar de tão apertado. Quando notou a primeira sirene saiu depressa com o binóculo a caça dos gestos de Marcus que o fez entender que Morgana jazia no nono vagão. Nada podia ser pior. O último vagão. Tentou não pensar nisso, e logo que sentiu o trem mover-se fez sua contagem até dez e deu partida ao seu plano. Subiu por fora da locomotiva. Logo que Marcus o viu jogou os braços para cima e gritou:

– E isso aí! Uhooooooooooooooooooooo!

Imediatamente as pessoas começaram a perceber aquela

figura masculina se equilibrando em cima do trem e o reconhecendo começaram:

– O que ele está fazendo?

– Ele vai resgatar a Morgana! – gritou Malena.

– Santo de Israel, esse moço é doido que só! Espie isso!

– Disse dona Anjinha com a sombrinha aberta.

As crianças de Malena começaram a gritar e logo todos também gritavam:

– Vai Guto! Vai Guto!

E Malena lembrou-se do escrito de Morgana na blusa verde. Sentiu que aquele instante definia bem o que é ter uma nova esperança.

Movimentar-se mesmo com o trem letárgico era uma árdua tarefa. Cada vez mais o trem ia pegando impulso, eram dois minutos contra a velocidade, vento na cara e um teto extremante escorregadio. \

De repente um escorregão, e o rapaz veio parar ao lado da locomotiva segurando o peso de seu corpo somente em duas pulsões da luz interna que ficavam acoplados por fora no teto do trem. Com esforço, voltou e mais seguro do ambiente, ainda que inóspito foi pulando um a um. Colocou em seu coração as Palavras de Jesus. Que estaria consigo fosse qual decisão tomasse. Então, sabia que podia fazer aquilo, não estava sozinho. E viu que Morgana tantas vezes tentou lhe explicar, o que é andar pela Fé. Quando pisou no vagão de

NACIONAIS - ACHERON

Morgana, sentiu um grande alívio. Com muito esforço desceu e rasgando alguns pedaços dos dedos conseguiu interferir no motor do vagão o que fez parar. Guto sabia que tinha agora alguns segundos para voltar e cortar a energia da cabine central para o trem. Foi quando Morgana o viu e correndo abriu a porta gritando:

– O que você faz aqui?

– Vim te buscar! – berrou contra o vento.

– Você... Você está parando o trem?

– Por que o espanto? Eu tenho Deus comigo e fiz Física, amor! Deus está comigo! Segura aí, já volto!

E pulou novamente para o outro vagão resolveu voltar por dentro. E aquela atitude de Guto arrancou um riso do rosto entristecido de Morgana. Célere, desatinou a abrir e fechar portas por dentro da locomotiva, ele tinha que chegar a cabine central. Por mais que corresse suas longas pernas pareciam não dar conta do percurso. Ofegante, atravessou a cabine almejada e danou a procurar a caixa com os comandos. Mas aquele trem não era um trem comum, ele tinha tudo que um comum, todavia era de outro mundo. Por mais que energia fosse seu princípio, a força que o movia não era pálio para os conhecimentos do rapaz. Desesperado Guto gritava:

– Deus me ajuda! Deus me ajuda! – Foi quando olhou para trás e viu Morgana correndo.

– Morgana?

– Eu quero ficar!

Ele sorriu orgulhoso de ter escutado, mas sabia que estavam em maus lençóis e gritava mais alto porque o trem começou a tomar velocidade:

– Procure qualquer coisa que pareça com uma caixa de força!

Reviravam tudo, e nada. O trem percorria mais e mais rápido. Foi quando um estrondo se deu no teto, como se alguém tivesse abordado. Guto subiu e espiou não crendo no que via.

Era Jordan.

– Precisando de mim? – indagou fazendo um aceno como se aquela velocidade e vento nada fossem para Ele, e na verdade não era. Pulou dentro da cabine e disse aos dois. – abaixem-se, não quero que se machuquem! – e fechou seus olhos entendendo suas mãos e um pequeno solavanco fez o trem cessar repentinamente. No segundo depois, o fez recuar.

O trem voltava de ré para a Estação.

E todos que nunca tinham visto na semelhante, davam pulos e gritavam:

– Aleluia!

NACIONAIS - ACHERON

– Deus seja louvado!

– Guto conseguiu!

Quando o trem cessou de vez. Jordan os levantou como o pai seus filhos.

– Obrigado. – falou Guto visivelmente emocionado.

– Eu disse que podia contar comigo.

E quando antes que descesse do trem um Homem de Cinza surgiu. Guto e Morgana se entreolharam. Jordan os acalmou:

– Não temam. Deixe que ele faça seu papel.

E tirou de seu paletó o envelope amarelo e pegou o roxo que jazia com Morgana.

O brilho da vida a visitara quando viu do que Guto seria capaz de fazer para não perdê-la não outra vez, porém nunca mais.

Depois do receber a alegria dos moradores da vila, Morgana, Guto e Jordan foram caminhando até a taberna. A moça de repente sentiu uma cobrança dentro de si, e com Jordan ali creu ser uma boa hora para esclarecer o que lhe amargurava, do mesmo modo o rapaz, que também estava aturdido carecendo desabafar com ela. Sem saber o que se

passava um dentro do outro falaram seus nomes juntos:

_Morgana...

_Guto...

Jordan sorriu, e se manteve ali com os braços para trás apenas se fazendo Presente para aquele momento.

O rapaz pediu a vez, apesar de acreditar que as damas sempre vêm primeiro.

_Tenho algo a lhe confessar. -olhando para Jordan, que com um leve aceno com o cenho lhe fez entender que deveria continuar. Guto mordiscou os lábios e prosseguiu. -Acho que estamos aqui por minha causa.

_O que? De onde tirou isso Guto?- Morgana levantou as duas mãos imediatamente.

_Ouça-me, por favor. - ela cruzou os braços e prestou atenção nele. -eu estava me sentindo muito mal. Deprimido até o último nível da concepção da palavra e foi quando tive a péssima ideia de tirar minha vida.

_Guto!- Morgana assombrou-se com a declaração pondo a mão esquerda sobre sua boca.

_Peguei um canivete e cheguei a encosta-lo no meu pulso, e naquele desespero todo dentro de mim,naquele inferno todo que estava atolado, fiz um pedido que julguei sem impossível e ao mesmo tempo uma certeza de tudo que julgava ser o certo.

_Que pedido?- ela sussurrou preocupada.

_Disse a Deus que se Ele de fato existisse que me desse uma chance de encontra-la,de pedir seu perdão, e assim e só assim voltaria a crer Nele.Tinha plena convicção que isto jamais aconteceria,eu estava em minha casa na Alemanha,você no Brasil,não nos víamos há anos.Pedi algo que sabia que era impossível,e por alguma razão segundos depois meu telefone tocou,pensei em não atender,contudo me senti atraído e foi quando alguém se apresentou da empresa do meu cartão de crédito dizendo que eu havia ganhado a passagem para a viagem do Expresso do Oriente.e por um minuto,desisti daquela loucura e imaginei que a viagem seria uma boa ideia,uma maneira de refazer os conceitos e recomeçar.Quando a vi naquela plataforma,sabia que estava diante de um verdadeiro milagre,no entanto meu coração duro e contrito me prendeu e aqui estamos.

_Mas... Guto.... Eu não entendo!

Ele passou a mão nos cabelos dela e brincou para descontraír a ocasião.

_Interpretar nunca foi seu forte mesmo, lembra? Nunca entendi porque foi escolher justamente faculdade de História.

_Justamente, para te irritar. Provar que era capaz sim de interpretar textos, contextos e tudo mais.- rindo também e imediatamente franziu a testa,deixando uma rusga de preocupação fugir e atingir o rapaz que notando rebateu na hora.

_O que foi?

_Engraçado... - falou Morgana.

_O que é engraçado?

_Você citar isso. Sabe, quando tive aquela projeção com Yorran , ele também falou sobre isso, que não me esquecesse sobre verdadeira razão que me fez entrar na faculdade de História. A princípio achei que tinha haver com mamãe e... Mas verdadeira razão foi para te provar que era capaz.

Foi quando Jordan entrou na conversa levantando o dedo.

_O que foi exatamente que Yorran te falou?

_Dos pinguins, que são monogâmicos, então falou que aquilo que é unido pelo Senhor não deve ser separado pelo homem e por cri piamente que era sobre Guto e Lana.

Jordan suspirou e bateu nos ombros dois, olhou para Guto e finalizou:

_Você sempre teve razão. Nunca foi o forte dela.

Morgana retrucou:

_Senhor?

Que a conduziu pelo ombro e foi caminhando no mesmo eixo:

_Morgana, quem esteve praticamente juntos durante
NACIONAIS - ACHERON

toda a vida. Guto e Lana ou Guto e Morgana?--Ela calou-se. -
_Se a pedisse para me dizer quem são os pinguins dessa história seriam Guto e Lana ou Guto e Morgana?

_Guto e Morgana. -percebendo a confusão que havia feito. O rapaz não perdoou o sarcasmo.

_Viu, se O Senhor teve quase que desenhar imagine eu?
- levando um beliscão dela.

Jordan os abraçou finalizando:

_Sou na vida de vocês assim: *Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas aí do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. Também, se dois dormirem juntos, eles se aqueçarão; mas um só, como se aquecerá?E, se alguém prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa.*

E gracejando a moça completou:

_Seu Eclesiastes, da Rua 04, casa 09 a 12.

CAPÍTULO XIV

A Maior Batalha do Ser Humano

Assim que tudo ficou devidamente esclarecido entre os dois, Jordan percebeu que algo estava errado na atmosfera da vila. Foi quando Marcus recebeu de Timothy um de seus ajudantes no forte a notícia de que a maior legião de todos do povo do vale vinham em direção ao vilarejo. Guto turbou-se e questionou O Amigo:

_Por que estão vindo?

_Você quebrou uma regra Guto. Entrou no trem sem envelope. Regras são regras, lembra-se da última vez?- referindo a tentativa de ajudar Malena e sua filha.

_Outra batalha!- concluiu Morgana.

_A maior de todas. A maior batalha começará meus amigos.

_Senhor! Senhor! – gritou Marcus. - Não estão no vale, estão...

_Eu seu Marcus. Estão vindo pelas montanhas, por todas as direções, vão cercar o vilarejo.

NACIONAIS - ACHERON

_Cercar?- rebateu Guto.

_Eles almejam sitiar o vilarejo. Como a vila também fica num vale acreditam que isso possa ser uma vantagem para destruí-la.

_E por que querem destruí-la?

_Porque destruindo Velha Esperança, vocês não podem voltar para casa. -Guto e Morgana ficaram apreensivos. - Marcus, avise a Miguel que prepare minha melhor falange e desça imediatamente.

_Miguel? O Arcanjo de guerra?- Indagou Morgana surpresa. -Guto puxou a moça pelo ombro e baixinho questionou-lhe:

_Esse Miguel não é aquele da Bíblia que comanda os exércitos de Deus contra as forças de mal e seus anjos e os derrota durante a guerra no céu, é?

Meu melhor líder na frente de uma batalha Guto. - completou o Senhor que se desfez da forma de Jordan e assumiu a sua. Marcus, mande Gabriel descer com serafins, quero Meu coral entoando cânticos de guerra e de vitória. Anjinha coloque o povo da vila para orar, quero que interceda o tempo todo, mandem que se abriguem em Minha casa, nessa batalha não terão que pelejar. *As portas do inferno não prevalecerão sobre a meu povo.* Essa guerra é minha!

Foi quando viram todas as montanhas as voltas do vilarejo ficarem enegrecidas. Por toda circunferência de

Velha Esperança jaziam centenas de milhares daquela mesma armada que Guto e Morgana enfrentaram logo que ali chegaram. Só que agora muito mais numerosos e mais sedentos pelo combate.

Guto e Morgana estavam prontos para se juntarem ao povo nas preces, quando do céu desceu um raio e depois dele uma espécie de portal foi aberto como se fosse um enorme tornado que vinha de cima para baixo. Em seu meio havia fogo, dentro trovões e raios reluzindo todo céu e ao seu redor um espiral de um vento muito forte e de repente surgiu do meio dele, um coro muito alto que estrondava ao chão do vilarejo fazendo com que areia vibrasse. Entoavam repetidamente:

Santo, Santo, Santo é O Senhor Dos Exércitos!

Santo, Santo, Santo é O Senhor Dos Exércitos!

De súbito um suntuoso cavalo branco surgiu trotando vindo em direção ao Senhor, Morgana lembrou-se dele, era o mesmo animal que vira no jardim em sua projeção astral com Yorran. O Senhor subiu nele, chamou o casal e lhes esclareceu:

_Quero que prestem muita atenção ao que direi. Eu guerrearei contra o inimigo e o vencerei, mas enquanto estiver lá em cima pelejando, vocês terão que enfrentar suas próprias batalhas.

_Como assim?- questionou a moça nervosa._Não vamos nos juntar ao povo para as preces?

NACIONAIS - ACHERON

_Não Morgana. Fiquem de olho em mim. Quando Eu der o sinal, quero que caminhem pelas ruas do vilarejo. Separadamente. Saberão onde devem ir. Cada um de vocês encontrará seu maior inimigo e terão que vencê-lo, porque desta vitória depende sua saída de Velha Esperança.

Guto regelou e o perguntou:

_Senhor, como assim depende nossa saída?

_Lembram que Sinval os falou? Suas passagens foram enviadas, mas por você ter quebrado a regra para fazer com que Morgana visse o brilho da vida, elas foram imediatamente parar nas mãos desses dois oponentes. -Foi quando observou nos olhos deles a aflição e o nervosismo. - Não temam. Mais cedo ou mais tarde, teriam que enfrenta-los. Julgo que seja melhor aqui. Precisam derrota-los e tomar suas passagens deles para que possam entrar no trem. O trem partirá daqui a uma hora precisamente. Não se atrasem, não posso detê-lo outra vez. As regras devem ser cumpridas. Entenderam?

Os dois de mãos dadas acenam positivamente. E neste instante, descendo aquele imenso tornado veio à comitiva angelical.

O Exército de Deus estava vindo ao comando de seu líder. Miguel era forte e seu corpo era revestido de uma armadura que reluzia como prata polida. Claramente maior que todos os demais. Na mão direita uma grande e imponente espada, podia sentir que era um instrumento muito poderoso, no outro braço, um escudo, que guardou em suas costas,

NACIONAIS - ACHERON

porém os dois notaram que era cravejado das mais majestosas pedras preciosas, algumas que Morgana e Guto nem conheciam. Suas asas eram imensas, seus cabelos na altura dos ombros e um cenho de um guerreiro pronto para a peleja. E dele emanava uma luz e uma força que fez Guto se lembrar da mesma seiva que invadiu seus braços na batalha anterior e entendeu que isto era coragem.

Assim que tocou na terra, caminhou até O Senhor e em reverência ajoelhou-se com o rosto voltado para o chão com tremenda humildade.

_Senhor dos senhores, Mandas-te chamar o teu servo. Eis-me aqui!

_Temos uma batalha Miguel. O povo do vale acredita que pode sitiar Velha Esperança. O nome já diz tudo, Velha Esperança, escolhi este nome para que todos entendam que tudo é como Eu Quero e da forma que Eu determino. A esperança jamais envelhece, o que tarda aos olhos dos homens é o meu agir. Mas isto é aos olhos do homem.- e lançou o olhar para Guto e sorriu.

_Quais são as suas ordens Meu Senhor dos Exércitos?- indagou Miguel ainda com o rosto voltado para o chão.

Ele olhou todo cenário a sua volta, fechou seus olhos e concentrou-se em escutar o povo que já iniciava suas orações com cânticos que diziam:

Mas desceu um Varão

Resplandecente lá da glória

Glorificado, esse é o Deus que da vitória.

Olho de fogo, sapato de fogo, olha o renovo.

Mais desceu o Miguel Arcanjo de guerra lá do céu!

E O Senhor suspirou em contentamento e respondeu:

_Destrua todos!

_Sim Meu Senhor. -objetou o arcanjo, e antes que levantasse recebeu um adendo.

_Miguel leve-nos para o firmamento, não quero que passem de lá. Nenhum resquício da guerra deve resvalar no meu povo.

_Como desejares Meu Senhor. - E ergueu-se saindo em retirada. Subindo a Metade dos céus e pondo seu Exército em posição de ataque apenas aguardando a ordem do Senhor. Guto o questionou:

_E agora Senhor? O que acontece?- Ele o olhou e com a mão direita abriu a sua frente como uma tela onde podia ver o cântico que o povo entoava em Sua casa.

Quando a igreja começa a dar glória,

Deus dispensa os seus anjos na hora!

Quando a igreja começa a dar glória,

Deus manda o anjo da vitória!

_Estão ouvindo? – questionou aos dois. – Meu povo está clamando, e quando Meu povo clama, Eu estou agindo. - trotou com o cavalo pelo ar cerca de três metros e concluiu. - Aguardem minha ordem, quando Eu acenar para vocês, façam o que mandei imediatamente, vão e tomem as passagens das mãos de seus inimigos e embarquem no trem. Entenderam?

_Sim Senhor. - contrapuseram em sintonia.

_Temos uma hora para tudo isto.

Morgana deu um passo à frente e perguntou:

_Não vamos mais nos ver, não é? _Ele sorriu e a tranquilizou. Voltou um pouco com Seu cavalo e a entregou um envelope.

_Só abra quando estiver no trem e a melodia tocar. E sim, vamos sim minha amada filha, há muitas outras projeções astrais além dessa. -elucidando enfim o que se tratava Velha esperança.

Guto pensou em dizer algo, contudo a voz embargou, somente acenou para Ele como quem muito o agradecia por tudo. E finalizando lhe discorreu:

_Eu os amo. Nunca se esqueçam disto!- e tomando as rédeas de seu cavalo galopou até o meio do firmamento onde com o braço direito erguido deu a ordem para que o ataque

iniciasse.

Imediatamente o Exército de Deus riscou o céu formando o símbolo de uma pomba em forma de fogo, o símbolo do Espírito Santo, o que significava que Ele também estava ali presente. E o povo do vale grunhiu constituindo asas como as de dragões e voaram em sua direção.

Os embates eram ensurdecedores.

Miguel riscava de um lado a outro nos céus numa destreza impecável destruindo dezenas deles de uma vez só. Os serafins entoavam louvores de vitória no céu do mesmo modo o povo do vilarejo dentro da casa de Deus.

E O Senhor se agradava disto.

Em dado momento uma criatura maléfica imensa surgiu e alguns arcanjos foram combatê-lo, todavia quando Miguel o viu gritou em ordem:

_Não! Ele é meu!- Pois se tratava de um dos príncipes do Vale que engrenaram aquele ataque a Velha Esperança.

_O Líder da guarda Divina veio pessoalmente enfrentar-me?- falou o demônio com aspecto de um enorme dragão.

_Não vim enfrenta-lo. Vim destruí-lo Em Nome do Senhor dos Exércitos!- e o duelaram bravamente, espada a espada, golpe a golpe, até que Miguel o ferisse com sua

cimitarra cortando uma de suas asas o que o fez despencar e cair dentro do que parecia um abismo aberto para aqueles adversários.

De baixo, Morgana e Guto viam tudo aquilo abraçados, todavia sem tirar por um segundo os olhos do Senhor como Ele os ordenara.

Parecia uma pintura bélica.

Arcanjos e demônios lutando para manter o desejo do coração de Deus: Velha Esperança. Foi quando Morgana assustada com toda aquela situação indagou:

_Por que será que este lugar é tão importante para Deus?

Guto mesmo sem olhar para a moça achou a resposta correta:

_Porque ainda há muito iguais a nós quando chegamos aqui lá fora Morgana. Vidas que precisarão dessa vila para compreender quem é Deus e do que Ele é capaz de fazer por amor a nós.

Foi quando Jesus os olhou e com a mão direita acenou com o tom de ordem:

_Vão!

Sabiam que agora tinham que separar-se, até aquele instante o combate tinha se dado com eles juntos, contudo agora cada um teria que enfrentar seus maiores inimigos

sozinhos. Guto a beijou na testa, ela segurou a mão dele.

_Vai dar tudo certo Guto! Confie em Deus!

_Vai sim! Vejo você no trem Morgana!

_Nos veremos lá!

E se desataram.

Morgana sentiu-se atraída para rua da casa de Malena. Era uma rua estreita, e agora não sabia o que esperar ali. Pensou que teria que enfrentar uma daquelas criaturas de outras projeções astrais. Sentiu confiança, tinha ideia de como reagir e contragolpear. Queria sua passagem. Era hora de volta para casa.

Guto foi caminhando até a altura da casa de primeira dama, numa curva, mais propriamente dito. Creu ser a figura de Lana o seu maior opositor, porque fora a presença dela quem aturdiu toda sua vida e contribuiu para que de certa forma todos os três errassem naquela história.

Mas os dois estavam extremamente equivocados.

Morgana viu a silhueta ir se definindo aos poucos saído das sombras. Pensou também em Lana, mas lembrou-se que era bem mais alta que ela. E quando seus olhos se depararam com a figura, o golpe foi tão grande que a moça chegou a baquear.

Guto engolia seco, sem saber o que esperar sair daquela curva a qualquer momento, foi quando repentinamente uma

moeda de sua infância rolou até ele. Ponderou ser o seu pai, faria sentido, no entanto, quem surgiu também fez o físico bambearear.

Tanto Guto quanto Morgana se depararam com suas próprias figuras. Deixando claro o cenário a sua volta. Que o mal que era combatido acima de suas cabeças, sempre será seu oponente, que não se deve flertar com o mesmo ou convidá-lo, pois como qualquer convidado ele pode se negar a sair de sua vida. Entretanto, este só adentra onde há brechas, frestas ou lugares, e que o maior inimigo do ser humano ainda é o próprio ser humano.

Morgana quando se viu arrepiou-se toda, enfim via seu lado obscuro. E sem dúvidas era o seu maior adversário. Entendeu que alguma criatura se fazia passar por ela, porquanto viu que no lugar de seus olhos verdes, havia olhos totalmente negros e pupilas dilatadas. Encheu-se de coragem, armou-se com a fé em seu coração e também se aproximou de sua imagem.

_Morgana enfrentando Morgana, quem sobrar? - comentou o ser soltando uma gargalhada infernal. E em seguida partiu para cima da moça jogando contra um tronco de árvore. Arguciosa a jovem lembrou-se da dor que tinha no joelho esquerdo toda vez que o torcia, herança adquirida desde que chegou a Velha esperança. E imediatamente deu-lhe um chute o que a fez a figura desmoronar.

_Espertinha. -A figura ergueu-se mancando e ironizou.

-também sei coisas sobre você, sabia? – E fez brotar uma tocha de fogo, apagou e partiu para cima dela, a intenção era fazê-la segurar, já que sua tolerância às coisas quentes era nula. Tinha a pele muito sensível, a dor lhe era insuportável. E ao ver que a queimara pulava a sua frente tal como Morgana fazia quando sentia prazer em ver alguém se dar mal por qualquer coisa e foi quando teve vergonha de si. Irada, e com a mão machucada duelaram incansavelmente. Num instante, a imagem começou a tripudiar nela jogando no chão e arrastando pelo mesmo, o que ia ralando e comendo a carne de suas pernas, pois a terra era dura e pedrosa.

_Você não passa de uma garotinha mimada! Sabe disso! Você já era! – desta vez foi ela quem levou uma pisadura no joelho afetado, o que a fez ver estrelas. - Toda vez que tentava levantar-se a figura vinha e chutava sua face, a barriga ou puxava seus cabelos. Pontos frágeis de seu franzino corpo. Mesma com muitas dores e muito machucada começou a raciocinar como venceria a si mesma. Algo que consecutivamente a tivesse feito ir além, seguir, não desanimar, e só uma lembrança veio a sua mente. A fé através oração. Por mais defeitos e lado obscuro que exibisse, jamais deixou de crer no poder da fé. E entendeu que podia vencê-la fazendo a mesma coisa.

_Não vai recitar a Palavra, Morgana?- desferindo outro pontapé.

A moça se concentrou e começou a reunir forças até

NACIONAIS - ACHERON

conseguir se ajoelhar.

_Vai chamar o Papai, vai? Mas dessa vez Ele não vai descer, lembra-se do que Ele mesmo te avisou? Sozinha!- gargalhando com a passagem da senhorita na mão como um troféu.

_Não vai voltar para casa!

_Que o Senhor te repreenda!

_Acha que isso vai resolver seu problemão?- sacudindo a passagem.

_Que o Senhor te repreenda!

_O que pensa que está fazendo? Destruindo-me?

_Não. Só estou usando o que de melhor possuo.

_Sua oração?- gargalhou satanicamente outra vez.

Morgana se calou e quando findou o riso diabólico rebateu:

_Não. Minha Fé. É pela fé que eu sou salva. É pela fé que cheguei até aqui na Presença de Deus. É pela fé que sempre caminhei quando tudo parecia perdido em minha vida. E é pela fé que posso te vencer!

E nesse momento a imagem começou temer.

_Você é somente o meu ego, o meu eu, então pela minha fé que eu amorteça e somente Deus habite em mim. E como disse João, da Rua 03, casa 30. -obrigando a figura
NACIONAIS - ACHERON

completar uma vez que era o que moça faria.

— *É necessário que Ele cresça e que eu diminua.* - e diante dos seus olhos se desfez num redemoinho sobrando só cinzas e no ar pairando somente a sua passagem de volta para casa.

Morgana se ajeitou, e com braço machucado e arrastando a perna apanhou a passagem e foi o mais rápido possível para a estação onde jazia o trem.

A figura de Guto era como ele, porém soltava ares de arrogância, altivez e prepotência.

O jovem refletia consigo como poderia se enfrentar, mas nada lhe vinha à cabeça. Sua figura era calada, não esboçava nenhum duelo físico. Foi quando Guto lembrou-se que aquilo que mais se gabava era seu intelecto.

A imagem sorriu como se ele tivesse enfim compreendido.

— O que vai ser?

— Você sabe. - retrucou retirando do bolso a passagem do rapaz. O Físico sabia que a figura falava do jogo das três perguntas, como os da esfinge. Um jogo onde adorava humilhar os outros e arrotar seus conhecimentos.

_Maldita esfinge!-retrucou.

_Pronto?- chacoalhando a passagem. , Guto respirou, tentou se acalmar e respondeu:

_Manda.

_Pergunta número 1: Que animal tem a princípio quatro pernas, depois duas e em seguida três?

Pensou um pouco e recordou que se tratava da pergunta da cultura grega sobre Édipo.

_ O ser humano. Que engatinha quando bebê, depois anda ereto e, na velhice, caminha com a ajuda de uma bengala.

Sua figura acenou como certo.

_Pergunta número 2: Você acredita em Deus?

_Sim. Eu creio.

A imagem não gostou muito da resposta do rapaz, o que significava que só restava uma a derradeira, o passaporte de volta para casa ou sua permanência no vilarejo. Mas a sua figura foi astuta e ao invés de uma pergunta fez uma afirmação certa almejando perturbar o Físico.

_Então pode provar que Ele existe. – Guto sentiu-se confuso. Entretanto lembrou-se da humildade do Arcanjo Miguel, que mesmo sendo o Líder da Guarda Celestial, prostrou-se aos pés do Senhor como se nada fosse além de um servo. Refletiu por minutos com humildade e com fé

NACIONAIS - ACHERON

respondeu a sua figura:

_Não perguntou se podia provar, perguntou se eu creio que Deus exista. Não posso provar. Isso vai do livre arbítrio de cada um. Cabe a cada ser humano decidir por essa escolha. Eu, Augusto Barreto, escolhi crer.

A imagem caminhou até ele exalando o fétido odor de enxofre e o encarou como quem perdera a batalha. Entregou a passagem em sua mão e lhe advertiu:

_Ainda vamos nos rever muitas e muitas vezes Augusto Barreto.

_Que seja como Deus quiser.

E a imagem seguiu para sombra da curva e desapareceu. Depois de soltar o brado por ter vencido seu próprio intelecto usando somente a humildade da sabedoria Divina, voltou correndo para Estação, pois faltavam poucos minutos para o prazo findar.

No caminho, foi pensando desde o dia que chegara ali. O quanto gostaria de se despedir de todas aquelas pessoas que por dias fizeram parte de sua existência. Porém não haveria tempo. Olhando para os céus viu que os arcanjos de guerra que se felicitavam pela vitória contra a legião inimiga. Procurou pelo Senhor rapidamente, no entanto, não o viu mais. E adentrou no trem ofegante e esbaforido e foi procurando Morgana a cada vagão.

_Morgana! Morgana! Morgana!

NACIONAIS - ACHERON

E quando abriu o terceiro e o trem começou a andar a viu sentada com a mão na barriga, bem machucada, mas com aquele mesmo sorriso que o encantou desde quando a viu pela primeira vez.

_Morgana!

_Guto!

Ele a abraçou com cuidado com as lágrimas caindo por seu rosto. Passou a mãos por suas longas madeixas e quando achou seu rosto repousou o dele.

E o jovem pôde notar o que ela vira primeiro, que aquele vagão era idêntico ao do Expresso do Oriente onde principiaram a viagem.

Mas naquela altura desistiram de entender o motivo.

Descobriram que muitas coisas na vida não existem por um “por que” e sim com a finalidade de um “para que”. De repente um barulho de rádio ecoou dos altos falantes do trem e o refrão que um dia os uniu outra vez tocou:

Há uma estação

Onde o trem tem que parar

Tô na contramão

Te esperando pra voltar

Pra poder seguir

Sem limites pra sonhar

Pois é só assim

Que se pode inventar o amor

E sorriram, beijando-se sem parar como se acreditassem que haviam conseguido e estavam partindo para casa. Foi quando Guto se lembrou do envelope que O Senhor entregara a jovem antes da batalha. Ela rapidamente apanhou e assim que abriu, leram junto o que estava escrito:

*Se Eu não gostasse de histórias de amor, porque criaria
almas que se completam como vocês dois? Por que teria
escrito o livro de Cantares de Salomão?*

Morgana recite O Cantares da Rua 08, casa 06 e 07.

Boa viagem!

J.

A moça limpou os olhos marejados e fitando o rapaz, foi sussurrando:

*— Grave o meu nome no seu coração e no anel que está
no seu dedo.*

*O amor é tão poderoso como a morte; e a paixão é tão
forte como a sepultura.*

*O amor e a paixão explodem em chamas e queimam
como fogo furioso.*

Nenhuma quantidade de água pode apagar o amor, e

nenhum rio pode afogá-lo.

_Eu te amo Nana. - segurando o queixo dela.

_Eu também te amo muito Guto.

E quando começaram a trocar confidências, quando uma tremedeira iniciou no vagão. Não compreendiam o que estava acontecendo, entrelaçados fecharam os olhos e só pensaram que outro acidente como aquele que iniciou aquela grande passagem por Velha Esperança, de novo os visitara e de repente um estrondo e um grande solavanco.

=====

_Eu quero uma dose de Ergometrina, temos que estabilizar o sangramento abdominal nela! Vamos gente, vamos!

_Ela abriu os olhos Doutor!

_Isso menina, reage, vamos tirar você daqui! Pressão arterial? Pressão arterial?

_Estabilizada!

_Vai ficar bem, seu nome é Morgana, não é isso?- lendo numa ficha, enquanto dava ordem para ambulância partir. - você sofreu um acidente no trem onde estava. O expresso do Oriente. Lutamos para trazê-la de volta por sete minutos, mas

graças a Deus, voltou! Agora vai ficar tudo bem. Seu joelho ainda vai ser operado, assim como o ferimento que teve na barriga e daremos uns pontos na pancada que teve na cabeça. As ranhuras nas pernas passarão em breve. O Importante é estar viva! Bem vinda à vida de novo!

Embora seu francês fosse fraco, não conseguia compreender como tudo aquilo tinha ocorrido.

Na outra ambulância.

_P.A subindo consideravelmente! — Bradou a segunda enfermeira.

— Quanto? — Ele rebateu.

— 220/140!

— Ele vai entrar em colapso a qualquer instante! Estamos perdendo-o! — Berrou o outro assistente.

— Calma equipe! — Pediu o médico calmamente apesar de gotejar baldes de suor.

— Quero uma dose intravenosa de adrenalina!

_Adrenalina sendo administrada!

_Paciente voltando! Paciente voltando!

_Pressão estabilizando! 180/120!

_Ele está voltando!

_Calma meu amigo, vai ficar tudo bem.

Guto compreendeu bem o francês, era uma das línguas que dominava, porém não alcançou porque estava ali na ambulância sendo encaminhado para o hospital regional.

=====

Dias passaram.

Guto rapidamente se restabeleceu, teve ínfimas ranhuras nos braços e nas pontas dos dedos. Por isso tão logo que esteve de alta, passou a cuidar de Morgana, que teve que passar por duas operações, no joelho e na barriga.

Todas duas intervenções foram bem sucedidas.

Assim que foi para o quarto, Morgana ficou feliz em ver o rosto de Guto. Foram dias de muito cuidado com a moça. Soube aguardar o instante oportuno para lhe revelar o

que concluía. Quando o médico passou para a visita e o garantiu numa conversa a sós que a jovem estava prestes a receber alta entendeu que a hora chegara.

Adentrou o recinto com um riso e um olhar apreensivo, puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dela e perguntou:

_Pronta?

_Pelo amor de Deus, o que houve?- jazia sedenta por esclarecimentos.

_Segundo a conversa que tive com os médicos, nós sofremos um acidente ainda no Expresso do Oriente.O trem descarrilou.O resgate foi chamado,estávamos inconscientes.Eu levei 07min e 23 segundos para volta depois de uma parada cardíaca e você 07 min. e 05 segundos.—O que não sabiam é que a soma dos minutos e segundos de cada um era a mesma 12,ou seja $1+2=3$,o número da Santa Trindade, Deus Pai,Deus Filho e Deus Espírito Santo.O que em outras palavras traduz que durante todo aquele tempo fosse neste plano ou no que se encontravam,estavam sobre os cuidados do Todo Poderoso.

_O trem da Estação das Despedidas... - pensou alto Morgana.

_Não amor. - passando o dorso da mão pelo rosto dela.
- Somente o Expresso do Oriente.

_Guto? Mas? – Morgana não conseguia ainda entender a profundidade do que ia ser revelado.

_Eu tive a mesma sensação que você. -beijando a mão dela. - Tudo aquilo que vivemos em Velha Esperança foi durante os sete minutos que ficamos inconscientes.

_Como a Professora Rita?

_Bem lembrado, tinha me esquecido dela. -disse o moço.

_Então nós dois estávamos na mesma...

_Projeção astral.

_Por Deus!- exclamou a jovem surpresa.

_Podemos dizer que sim, foi Ele quem arquitetou tudo isso. - e ficaram ali calados digerindo toda aquela informação.

No dia em que receberão alta, na saída do hospital enquanto aguardavam um taxi, um homem do nada esbarrou neles. Guto ainda reclamou educadamente com o cidadão que estava com alguns papéis e quando Morgana buscou seu rosto ele piscou para ela e saiu rumo a recepção. Imediatamente a jovem exclamou:

_Sinval! Aquele é Sinval, Guto!- que o vendo caminhar também teve a mesma impressão, foram rumo ao balcão de informações, mas pessoas entravam e saíam da recepção, e quando enfim abancaram, o moço conversou com a recepcionista que disse desconhecer tanto o homem quanto o nome Sinval de Patrese.

Inquieta, Morgana deixou cair um de seus documentos

de sua alta,porém junto caiu um envelope,desta vez branco.Na mesma hora se ajeitaram e abrindo-o se arrepiaram com o que leram:

Foi um prazer conduzi-los para Vila de Velha Esperança.

Sinval de Patrese.

E ambos se eriçaram dos pés a cabeça, contudo um arrepio daqueles que te dão a certeza e paz que o Destino conspirou ao seu favor.

E se foram.

Capítulo XV

O Destino

Guto foi quem se incumbiu de avisar a família de Morgana sobre o que havia acontecido. Tão logo ela se refez, o rapaz fez questão de trazê-la ao Brasil e pessoalmente entrega-la aos seus pais. Que o olharam de modo diferente depois de muitos anos. Não era difícil perceber que o quanto Guto estava mudado. Mais calmo,mais humilde,mais maduro.Não era exagero admitir que era uma nova pessoa.

Combinaram que ele voltaria para Alemanha e

colocaria os pontos em todos os pingos no divórcio com Lana, porém mais surpreso ficou ao saber que durante o tempo em que estivera fora, ela mesma mandou uma carta através de seus advogados para que um acordo amigável fosse feito sobre a guarda e pensão do pequeno Davi.

E quando soube disto, Morgana lembrou-se da Palavra de Yorrán. *“Aquilo que Deus uniu, não separe o homem.”*

Ver o pequeno Davi foi um capítulo a parte. Guto podia sentir nas entranhas como era abençoado em poder estar com seu filho, ver seu rosto, sentir seu cheiro, não teve como não lembrar da partida da menina Joele. E sentiu que enfim podia ser um bom pai para ele.

Dias se passaram.

E não demorou, para que Morgana dissesse a sua família o que queria para sua vida e que Guto faria parte dela. Não queriam mais nem um segundo, logo que o divórcio foi legalmente concedido, casaram-se. Mudaram para Alemanha onde era o trabalho dele e a moradia de Lana e Davi. E num fim de semana daqueles, elas acabaram se esbarrando e a conversa foi inevitável. Morgana lhe pediu perdão Lana, assim como foi recebeu o deus a aquela que um dia chamou de amiga.

Morgana soube conquistar Davi em pequenos gestos.

Com biscoitos caseiros de chocolate, gosto herdado do pai. Pertencem a uma igreja cristã pequena, se reúnem com amigos e estão contando sua história sem falar sobre Velha Esperança. Por conta disto, sempre são convidados para contar sobre seu experimento de como superar alguém pode superar uma traição. Mas continuamente existem os curiosos, que querem saber mais a fundo porque a sintonia entre eles, que toca como se fosse uma linda sinfonia, e para esses revelam a maior aventura e transformação que vivenciaram naquela projeção astral. Para aqueles que desejam ouvi-la. Pois entendem que ela só é imaginável para aqueles que desejam crer. E quando numa palestra ou conversa perguntam a Morgana sobre como aquela história toda começou, como perdoou Guto, como conseguiram superar tantos obstáculos, ela sempre busca o olhar de dele, sorri e responde do mesmo modo:

_Bem, digamos que foi uma longa viagem.

Meses depois foram convidados para um documentário, onde relatariam como foi para cada um aquela experiência.

AS CONSIDERAÇÕES DE MORGANA

Bem, como será que posso a começar isto? Sorrindo. O moço me deixou aqui nessa sala tão pequenina, com essa câmera e me disse para ser o mais transparente possível. Nisso estou tranquila, sei que posso ser, agora mais que nunca. Sim, estou

NACIONAIS - ACHERON

nervosa esfregando a mão uma na outra.-,jamais achei que a experiência em Velha Esperança renderiam um documentário! Nossa isso é incrível! Mas vou começar. - ajeitando-se na cadeira acolchoada com tons de florais. - Meu nome é Morgana Rebouças Barreto, tenho vinte e sete anos de idade, sou casada com Augusto Barreto que deve estar numa outra sala similar a esta tentando contar o que vivemos, apesar de que para ele tudo isso é mais fácil. Para mim é mais complicado, não tenho dificuldades em falar em público, no entanto câmera, microfone e afins já é outro nível. E estou falando muito atropelado porque estou muito apreensiva, isso sempre acontece quando fico assim. -respirando e enfim retomando o pensamento. - Sou Professora de História, brasileira, nascida e criada dentro de um templo evangélico. Posso afirmar que antes daquela viagem eu cria cegamente que conhecia Deus e sabia muito sobre Ele. Uau! Achava mesmo que compreendia tudo que O envolvia, e depois, depois vi que tudo que julgava saber não era nem um décimo do que realmente Ele é. Não se espante, por favor. - chacoalhando a mão. -Não quero parecer ser irresponsável ou sem reverência, mas Deus é louco! Nunca conheci alguém tão louco em toda minha existência. E a primeira coisa que quero te dizer, é que se eu estou aqui, é porque não dou à mínima se você vai me achar doida também, porque eu sei que ficará, se decidir crer. Não tem como absorver essa experiência se não deixar de lado o conhecimento do homem e buscar somente o de natureza Divina,Não tem!Mas se tiver que se preocupar, preocupe-se, para que no fim, você seja tão louco como eu,

porque essa foi a melhor insanidade da minha vida.

A segunda coisa que quero dizer é que ninguém é tão bom quanto pensa, nem tão mau quanto parece ser. O ser humano usa suas máscaras conforme o baile para qual é convidado. E nesses bailes, ininterruptamente quer que o outro não veja aquilo que nem ele mesmo aceita em si, porém muitas vezes vendo essas arestas no outro, aponta, acusa, julga e crucifica. Somos tão facetados e mestres na arte de camuflar-se que se nossos amigos mais chegados, os nossos verdadeiros amigos, aqueles que cabem na palma da mão. - apontando os cinco dedos. - conhecessem, soubessem os nossos segredos mais indigestos, o nosso lado mais tenebroso, Talvez seriam nossos amigos. E se você for sincero sabe que tenho razão.

Quando cheguei a Velha Esperança, sabia que eu era assim durante toda minha vida, só não tinha coragem de mostrar ao outro quem era a verdadeira Morgana. E se você me perguntar por que tinha essa postura, posso te dar como resposta a velha e boa demagogia. Querer conduzir as pessoas para onde cria ser o meu lado bonitinho. Entretanto, na marra, na realidade, era uma grande covarde que tripudiava em cima do erro, do meu, hoje marido, para no fundo tentar provar para mim mesma que eu era melhor que ele. Olha que loucura? Se você leu o livro escrito pela escritora Danka Maia, sabe que não foi nada assim.

A sensação quando tive quando cheguei aquele lugar é que o tempo ali não existia, então por lógica não passava, não fazia cobranças, não era cruel como aqui nesse plano em que

NACIONAIS - ACHERON

vivemos. Aqui o dia de hoje nunca mais retornará. Já parou para pensar nisso? Nunca mais volta! Então, se deparar com essa realidade tão inóspita, tão diferente foi muito complicado. E de cara quando vi O Jordan, admito que algo Nele me era muito familiar,não poderia explicar o que exatamente,mas Ele era muito chegado a mim.E aquele jeito como Ele se apresentou,como cuidava de nós, como era certo em Suas colocações,Suas palavras,Suas verdades,aquilo foi me despertando,era como se me alimentasse e ao mesmo tempo me inquietasse demasiadamente.Estar perto Dele era como ter sede e estar sedenta ao mesmo tempo.Não houve um só segundo desde que O conheci naquela vila que eu não queria estar com Ele junto de mim.Desculpe...-limpando os olhos com um lenço que apanhou na caixinha de papel.-Eu...Eu me emociono muito quando falo sobre tudo isto,e principalmente quando falo sobre Ele.- respirou por mais alguns minutos e continuou depois de um gole d'água.- Me arrepio toda quando falo Dele, olhem só!-apontando mais perto da câmara todos os pelos de seus braços eriçados. -

As pessoas me questionam sobre o povo do vilarejo na projeção astral. Posso afirmar categoricamente que são tudo, menos normais, embora pareçam. Eu sinto tantas saudades deles. -emocionando-se outra vez, todavia contendo-se desta vez. -Sinto falta de todos, sobretudo Malena e as crianças, uma amiga, uma grande amiga. O som do riso dela quando chegamos à sua casinha tão simples na primeira vez para nos servir um cozido perpetua na minha mente até agora. Fecho

os olhos e estou vendo ela e seus filhos ali. Dona Anjinha, uma querida, generosa, alegre, esquentada!-gargalhando.

Quando digo que não são normais, me refiro ao modo como aquela gente enfrenta vida. Como lidam com o fato de que um dia aqueles três homens virão e lhes darão aquele envelope roxo, dizendo que dali a sete dias, no caso dos adultos, com crianças são somente três dias, terão que partir e fazer o que nós conhecemos como morrer. Quando Jordan nos esclareceu isto à primeira vez, que em Velha Esperança, que todos eram avisados, achei aquilo uma atrocidade. Revoltei-me! Como assim? Como alguém chega à sua porta ou onde estiver e te dá o seu último ultimato? É assustador! Por isso não pensei duas vezes para tentar salvar Joele daquilo, ainda mais sendo uma garotinha tão formosa e... Vocês conhecem o desfecho. O que quero concluir, é que sobre esse aspecto, se você for ou não avisado, com ou sem envelope roxo, a questão é que a morte é definitiva, contudo ela não é um estado e sim um processo. E nem a morte tem o poder de definir o que vamos fazer com o tempo que nos resta. Aquelas pessoas sabem que terão em sua maioria sete dias, nós não, mas no fundo a reflexão é a mesma: O que estamos fazendo com o tempo que temos? Como acabei de citar a pouco, o dia de hoje nunca mais viveremos. O que você tem feito com o bem mais precioso que possui? Eu vi aquelas pessoas decidirem por seus rituais, por tentarem concertar suas rivalidades, seus desafetos, soube de algumas que não fizeram nada, não se importaram. Como a gente passa por este grande presente chamado vida e não se importa em fazer nada enquanto a

temos? Sabe falar assim parece tudo muito simplório e repetitivo, no entanto, eu posso te garantir que não é. Quando embarquei no trem para partir por ter assinado o livro do ultimo Desejo, um filme passou dentro da minha cabeça como um flash e uma agonia se instauraram no meu coração, porque naquele instante compreendi como a vida é breve, é um abrir e piscar de olhos e um vazio me invadiu porque senti que por mais que tivesse crido ter feito muito,não havia feito nada com a minha existência,eu se quer deixei com que as pessoas me amassem como realmente eu sou,porque ocultava delas e de mim mesma a minha natureza,a minha essência.Ter assinado o livro foi uma permissão de Deus porque só quando você dá de cara com a morte entende como deve ser vivida a vida,mas nem todo mundo tem uma segunda chance.O brilho da vida é saber dar a importância desse ato lindo que é respirar -enchendo os pulmões.-e expirar.-soltando-o depois.

Eu confesso que adoraria que todo ser humano tivesse a oportunidade de estar numa projeção astral ou como Velha Esperança ou como aquela que somente Deus sabe que a gente carece. No entanto sei que as coisas não são bem assim. Você pode me achar a Louca da Silva, porém, não precisa passar pelo que eu passei para entender o quanto Deus é louco por nós! O mundo vive uma crise emocional muito grande, vejo pessoas pondo o dedo no meu rosto e me chamarem de mentirosa, farsante, louca, fanática religiosa, me xingam,e tudo que vejo nos seus olhos é que elas não fazem ideia de quanto são amadas por Deus.Não alcançam que não se trata de mim,e sim delas.Estão fazendo como eu fazia,acreditam

que me ferindo ou punindo vão expurgar suas próprias mazelas tão bem camufladas dentro de si. Mas não vão. A receita é velha e parece boa, contudo é ineficaz. Quem sabe e compreende esse amor não tem nenhuma vontade de perder um milésimo de segundo que não seja para adora-lo de todo coração. E que fique claro que adorar a este Deus não se resume a estar dentro de um templo, num culto ou reunião ou como quer que chamem. Adora-lo é ser sincero, humilde, honesto, fiel, disposto, dependente Dele no mais profundo do seu íntimo, quando se consegue isto, saiba, você é íntimo de Deus e Ele de você. E não me venham falar de religião, não estou falando de religião, eu estou falando do amor de Deus pela sua vida! Também não tenho a menor intenção de fazer do meu relato um evangelismo clichê onde tudo se resume se você não aceitar Jesus vai para o inferno. Porque se o homem sabe e é capaz discernir entre o bem e o mal, então ele sabe o que o aguarda após essa vida, não precisa de mim para isto.

Sobre superar uma traição, não sei se esse é o termo correto, Velha Esperança também me ensinou isto, especialmente dona Anjinha quando numa conversa, percebeu que eu já fora traída por Guto e me falou que diante de uma traição, seja em que esfera se der, precisamos por numa balança o que estamos perdendo e o que estamos ganhando. Trata-se basicamente de um tipo de comércio, só que emocional, ou seja, por mais que seja coração, tem que usar a cabeça e ser um pouco racional para chegar-se nesse consenso. Nada pode doer mais no coração de quem ama do que uma traição, é tão brutal que é a morte iminente da

NACIONAIS - ACHERON

relação. Como pegar uma espada e arrancar num golpe só a cabeça de alguém. Agora em minha opinião, Morgana, creio que na traição, não se arranca a cabeça e sim as pernas de quem foi traído, porque é praticamente impossível voltar a caminhar depois de um golpe desses. Você com o tempo se arrasta, mas andar não pode, não tem como. E aí, o que a gente faz? Se o seu saldo é positivo como o meu foi, pensando vi que o amor que tinha por ele e ele por mim era infinitamente maior que seu deslize e que eu também não era nada perfeita como queria que os outros vissem. Mas eu ainda estava sem pernas. Como se põe pernas no coração? Permita-se ser cuidado por quem te traiu se for sincero, é o que vai acontecer. Permiti que Guto cuidasse de mim depois de uma longa viagem e uma estadia numa projeção astral, estamos casados e ainda estou sem pernas, lembre-se, não tem como por pernas num coração traído, no entanto, hoje ele me carrega em seus braços e assim podemos prosseguir juntos, mais juntos que antes, pois agora estou agarrada no pescoço dele. Não lado a lado, e sim, de frente um para o outro. Um casal que sofre traição não pode mais andar lado a lado precisa andar frente a frente do outro. É assim que se refaz e se supera uma traição. Porém, você pode me questionar: Morgana e se for um saldo negativo? Não tem arrependimento ou sentimento. Mas sempre vai haver outro alguém para cuidar de você e esse alguém vai te carregar nos braços e te ensinar o que é amar de verdade. Não se preocupe, Deus te ama, a pessoa certa chegará.

Acho que eu já falei demais. -rindo- Contudo para findar
NACIONAIS - ACHERON

meu depoimento, eu quero falar sobre uma coisa. Na verdade é um pedido. Quero pedir do fundo do meu coração que se você tiver que me julgar seja implacável. Se tiver que dar adjetivos pejorativos, seja bem cruel, e se quiser fazer qualquer coisa contra mim faça de todo coração. Sabe por quê? Porque estarei bem pertinho de você, não é loucura não, escute! Escreva tudo e vá falar olhando na minha cara, eu moro dentro da sua casa, provavelmente você me comprou ou ganhou. O lugar para me encontrar mais provável é no seu toalete. Vai até lá e rasga o verbo. Sabe onde estarei? Em cima da pia do seu toalete. Não sou seu espelho, sou a figura que aparece lá. Realmente, estou muito inclinada a escutar tudo que pensa de verdade sobre mim.

Eu preciso realmente findar, a luz está piscando, o rapaz disse que isso ia acontecer quando faltasse segundos para terminar.

Bem... É isso. Meu nome é Morgana Rebouças Barreto.

E sim, eu estive em Velha esperança por sete minutos e cinco segundos. Eu vi e convivi com Jesus em todas as suas formas. Enfrentei duas batalhas e venci meu maior inimigo: Eu mesma.

E hoje sou uma mulher livre e mais do que nunca íntima de Deus.

Tchau.

AS CONSIDERAÇÕES DE GUTO

Bom dia. Eu estou aqui para falar um pouco com vocês sobre a. - tossiu. -Desculpe, a experiência que tive junto com a minha esposa. Antes de tudo, meu nome é Augusto Barreto. Sou Físico e até bem pouco tempo, também era me apresentava um ateu. Sei que não sou um desconhecido para os produtores deste documentário, porque há muito pouco tempo sentei aqui neste mesmo lugar para falar de assuntos relacionados tanto à Física, quanto o ateísmo. Por isso, saibam, não pretendo esconder que é difícil para eu sentar aqui e dizer o que pretendo. Pois francamente, estarei me desmentindo.

Não almejo converter nenhum ateu ao que hoje creio, só vim expor minha verdade de agora. E que assistam e aceitem isso quem estiver com vontade de ouvir e ver. Se existe uma coisa que aprendi nessa experiência com a projeção astral é que

NACIONAIS - ACHERON

Deus é muito Precioso para ser oferecido aquele que não quer crer Nele. Temos o poder da escolha, cada um que faça a sua. E o melhor do livre-arbítrio, é que podemos mudar nossas escolhas o tempo todo e por esse presente que hoje estou aqui. Eu pude mudar.

Nossa! Por onde começo... -mordiscando os lábios. -Eu não nasci num lar cristão, não tive uma boa estrutura familiar e se olhasse para minha vida como um todo diria que me encaixo num grupo de pessoas que creem que nem deveriam ter nascido. Fui criado nas ruas, uma tia me adotou, porém faleceu cedo e fiquei pela vida até que uma família me recebeu e me deu um senso de princípios. Princípios de civilidade, de sociedade, de honestidade e de religião e essa família era a família da minha hoje esposa Morgana. Então nós fazemos parte da vida um do outro desde cedo, desde sempre. Quando traí a Morgana jamais acreditei que aquela ocasião com a mãe do meu filho poderia mudar toda a trajetória das nossas vidas. Achei o que todos os homens acham, era um momento com uma mulher diferente, atire a primeira pedra o cara nunca fez o mesmo! Mas estava errado. Vi a vida de três jovens amigos, eu, Morgana e Lana serem destruídas da maneira mais vil e dolorosa que possa incidir. Parecia aquelas frases prontas de história de amores de banca de jornal. Era Lana que amava Guto que amava Morgana. Meu casamento com a Lana foi apenas para não deixá-la na rua e manter meu princípio e responsabilidade como homem e pai. Eu e ela sempre soubemos o quanto éramos infelizes, no fundo nenhum de nós queria viver aquilo,

mas era o que tínhamos. Por fim, veio a separação, me acabei numa depressão terrível, contudo sempre segurando firme a bandeira de que se estava sofrendo daquele jeito é porque o Deus que me apresentaram não existia, pois o chamava de amigo, e se fosse um amigo de fato, como poderia permitir que a minha vida acabasse daquele jeito? Eu me orgulhava tanto na afirmação do pesquisador britânico Richard Lynn que dedicou mais de meio século à análise da inteligência humana. Publicou quatro best-sellers e se tornou um dos maiores especialistas no assunto. Nos últimos 20 anos, passou a investigar as relações entre raça, religião e inteligência. Disse ele: *“Faz parte do ofício de um cientista revelar o que as pessoas não estão prontas para receber”*. Ao analisar mais de 500 estudos, Lynn disse estar convencido da relação entre Q.I. Alto e ateísmo. *“Em cerca de 60% dos 137 países avaliados, os mais crentes são os de Q.I. menor”*, disse. Seu trabalho será publicado em outubro na revista científica *Inteligência*. Era a melodia perfeita para meus ouvidos. Sempre fui uma pessoa com um bom intelecto, tinha facilidade com números, debater questões complexas. Até que veio Velha Esperança. E tudo se desfez como sal na água. Todas as minhas convicções desmoronaram quando vi Jordan pela primeira vez. Eu sabia que podia confiar nele, eu queria confiar Nele. E isso me intimidava, pois não conseguia explicar por qual razão aquele rapaz amofinado, que rastejava pelo chão despertava algo tão bom e confiável em mim. Lembro que me questionava que nome se dá a isso? Por mais que puxasse pelo meu brilhante intelecto não conseguia

responder. Hoje sei, o nome era Fé.

Aquela vila no meio do nada, que parecia pertencer a lugar nenhum foi o lugar que mais me senti acolhido na vida. Se pudesse chamar um local de lar antes de me casar com a Morgana eu te diria que minha casa era Velha Esperança. E foi esse acolhimento que mudou a minha mente. Não fui tocado pela ideia dos Homens de Cinza, pelas esquisitices, por um povo tão submisso a tal ideia, o que me tocou foi como me tratavam, como era importante que eu me sentisse bem. Quando Jordan teve que se ausentar e nos abrigou na casa do Prefeito. Nossa! Quando em minha nobre vida alguém tinha se preocupado em procurar pessoas de confiança para me respaldar, me cuidar enquanto tivesse fora? Não sabia o que era isso! Eu não fazia ideia do que era isso. - calando-se por alguns instantes. -só que não tem sabe a importância desse gesto na vida de um ser humano.

Só me dei conta de quem Jordan era quando vi o olhar dele no culto da Sua casa. Aquilo foi de arrepiar... Não era o fato em si de ser Ele e sim... - elevando a voz. -De Ele querer estar comigo! Depois de tudo que tinha dito, aliás,dito,feito... Por quê? Eu não faria nem em milhões de anos e foi aí que comecei ver que não se pode ter a natureza humana para fazer isso. Quem é só de carne e osso, não tem capacidade para fazer isso. Só tendo a natureza Divina. O ser humano tem muita dificuldade em crer naquilo que não pode ver, tocar, e toma isso como princípio de que se ele não é capaz de ser ou fazer,então ninguém mais é.Em nenhum momento Ele fez

cobranças,m,e apontou o dedo e chamou de otário,de bosta,de fracassado ,adjetivos que muitas vezes o classifiquei.Nem mesmo de ateu me chamou.Só de amigo.Por todos os lados e para onde íamos,Ele sempre dizia: “_Amigo.” Quantas pessoas neste mundo você conhece que age assim com outro ser humano? Não estou afirmando que não existam, mas são contados nos dedos porque possuem a natureza divina dentro de si. Tem que ser muito especial entende?

Eu hoje estou recomeçando minha vida, formando uma família de verdade. Amo minha esposa, lutei por ela feito um louco, amo meu filho, meu maior tesouro na Terra, mas de coração te afirmo, com todo amor que tenho pelos dois e sei do amor deles por mim, ainda sim não são compatíveis ao amor que Jesus provou ter pela vida. O amor Dele me envolveu não quando foi crucificado, morreu, padeceu por nossos pecados, estou sendo sincero, o amor dele me arrastou quando vi do que Ele era capaz para que o enxergasse cuidando de mim. Eu era ateu, mas meu coração ainda é igual, pulsa sangue, tem vida, não pode resistir a um ato de tanta entrega assim.

Quando acordei no hospital, pensei que tudo fosse um sonho. Prometi para mim mesmo que não ia contar nada a ninguém. Mas olha onde eu estou? Velha Esperança não existiu só para Morgana e eu, ela existe para todos. Bom é quem não necessita dela para saber quem é Deus.

Meu maior aprendizado é estar aqui, afirmando para o mundo,
NACIONAIS - ACHERON

sem nenhuma prepotência ou alguma sombra de convencimento. Somos livres para crermos no que queremos. Porém repito estar aqui, e afirmar que vivi numa projeção astral com Deus, vi Cristo, enfrentei demônios, vi arcanjos numa luta bélica num céu que lembra o nosso, mas com certeza não está aberto para todas as visões. Sou estou aqui porque sou um plano de Deus em ação. Não vim te convencer, mas vim te avisar, de hoje em diante, refira-se a mim, como Augusto Barreto, brasileiro, casado, pai, físico e acima tudo, um homem que teme a Deus.

Até.

AS CONSIDERAÇÕES DE JORDAN

Eu estava assentado na colina onde eles adoravam ficar quando terminei de ver seus depoimentos. Olhei para vila de Velha Esperança e me alegrei por ter feito tudo isto para os dois. Ambos tinham razões singulares, mas não menos importantes para estarem tão perto de mim. Cada filho nos permite ensina-lo de um modo. Cada um tem o seu. Cabe a mim, que os fiz procurar esse meio e ali trabalhar. E sobre os ateus serem mais inteligentes, são. Como os cristãos,

NACIONAIS - ACHERON

mulçumanos, budistas, espíritas, a diferença é que fizeram do seu intelecto o seu deus. Mas quem mesmo é a Própria Sabedoria? Um dia perceberão. Cada um tem seu tempo.

A rotina na vila perpetua. Eles deixaram muitas saudades no povo daqui. Desde que partiram foram e é o assunto principal por semanas, creio que ainda serão por um longo tempo.

Sinto muita falta do tempo que passei com Guto. Aqueles primeiros dias foram incríveis. Foi como voltar no tempo e vê-lo dar os seus primeiros passos. Agradou-me como creu em mim e foi se desmontando, progredindo, evoluindo na fé que cada ser humano tem dentro de si e se lhe falta fé, é porque também falta abrir a porta para que Eu entre.

Da minha doce Morgana, sinto falta do clamor dela nessas montanhas, na madrugada, sempre me clamando baixinho. Se soubesse como me regozijo lendo e escutando seus lábios com fé pedindo o meu agir. O problema é que compreendem tantos seus filhos e não percebem que tenho as mesmas preocupações com vocês.

Por que julgam que Sou diferente? Eu os criei, são a minha imagem e semelhança. Logo pensam como Eu, só não agem, infelizmente.

Preciso ir. Breve novos forasteiros chegarão. Muitas dores, muitas feridas expostas, terei muito trabalho.

Não se esqueçam, Eu sempre estarei ao seu lado.
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Fim.

Deus caminha comigo e com você?

Danka Maia

NACIONAIS - ACHERON